



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPGPQ  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CCT  
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA - MAG  
LABORATÓRIO DE ESTUDO DO TERRITÓRIO E DO TURISMO - NETTUR



**O ESTADO E SOCIEDADE EM AÇÃO: PRODUÇÃO ESPACIAL PELAS  
POLÍTICAS DE TURISMO EM ARACATI/CE.**

GERARDO FACUNDO DE SOUZA NETO

Fortaleza - Ceará  
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE

Gerardo Facundo de Souza Neto

**O ESTADO EM AÇÃO: PRODUÇÃO ESPACIAL PELAS POLÍTICAS DE  
TURISMO EM ARACATI/CE.**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre. Área de concentração: Análise Geoambiental Integrada e Ordenação do Território nas Regiões Semi-áridas e Litorâneas. Linha de Pesquisa: Sociedade, Espaço e Cultura.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Luzia Neide M. T. Coriolano

Fortaleza – Ceará

2011

Elaborada pela Bibliotecária Patrícia Maria de Lima Chaves

S725e

Souza Neto, Gerardo Facundo de

O Estado e Sociedade em ação: Produção espacial pelas políticas de Turismo em Aracati-Ce./ Gerardo Facundo de Souza Neto. – Fortaleza, 2011.

153f; il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará. Centro de Ciência e Tecnologia.

1. Geografia do Turismo. 2. Política de Turismo. I. Universidade Estadual do Ceará. II. Título.

CDD: 910.9732

CDU: 380.8

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPGPQ  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CCT  
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA - MAG  
LABORATÓRIO DE ESTUDO DO TERRITÓRIO E DO TURISMO - NETTUR

**Título do Trabalho:** O Estado em ação: produção espacial pelas Políticas de Turismo em Aracati/CE.

**Autor:** Gerardo Facundo de Souza Neto

**Nota obtida:** 9,7

Avaliação em 25/02/2011

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Luzia Neide M. T. Coriolano - UECE  
(Orientadora)

---

Prof. Dra. Rita de Cássia da Conceição Gomes - UFRN  
(1ª Examinadora)

---

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá - UECE  
(2º Examinador)

*De tudo ficaram três coisas...  
A certeza de que estamos começando...  
A certeza de que é preciso continuar...  
A certeza de que podemos ser interrompidos  
antes de terminar...  
Façamos da interrupção um caminho novo...  
Da queda, um passo de dança...  
Do medo, uma escada...  
Do sonho, uma ponte...  
Da procura, um encontro!*

*(Fernando Sabino. O Encontro Marcado)*

*Aos meus pais (Léo e Regina), que viram no estudo uma forma de perspectiva*

*A Juliana Farias Forte (In Memoriam), geógrafa de coração*

*Aos meus irmãos (Léo e João), pelo apoio incondicional*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu a vida, força e vontade para procurar meus objetivos e me acalantou nos momentos de desespero na realização desse trabalho.

A Prof. Dra. Luzia Neide Coriolano que mais que uma orientadora, me tratou como um filho, sempre aberta ao debate. Apoiando em cada minuto com o seu jeito crítico e dedicado desde a Iniciação Científica. Como à senhora fala esse trabalho foi feito a “quatro mãos”.

A Prof. Dra. Ana de Araújo Matos pelos conselhos e críticas desde a disciplina de Seminário até o Exame de Qualificação. Ao Prof. Ms. Otávio Lemos que me despertou para a pesquisa desde minha entrada na UECE.

Aos meus amigos e colegas do NETTUR – Laboratório de Estudos do Território e do Turismo, sempre dispostos a ajudar, pelos momentos divertidos, pelas festas, por terem me dado o dierito de ter uma segunda família. Em especial, a Lubélia Lima, Eugênia Sales, Tatiane Rodrigues, Victa Nobre, Juliana Farias Forte, Camila Sampaio, Kelvio Campos Aridenio Quintiliano e Eluziane Mendes, você me proporcionaram tardes de estudo e conhecimento.

Ao Prof. Dr. Luiz Cruz Lima por me mostrar que com dedicação e vontade sempre se alcança os objetivos. Por me mostrar que responsabilidade é algo fundamental na vida do homem.

Aos funcionários Gerda, Júlia, Lúcia, Janaina e Joel pela amizade, companheirismo e atendimento às várias solicitações à Secretaria do Mestrado em diversos momentos.

Aos meus amigos da turma de Geografia-Bacharelado 2007.2, em especial, Tiago Amora, Edna Jucá, Diego Camelo, Stênio Abrantes, Aila Maria,

por fazerem o final de semana mais divertido e saber que essa amizade é pra sempre.

Ao Encontro de Jovens com Cristo (EJC), por ser um dos alicerces de minha vida, por estar presente em cada fase dela, aos grandes amigos que fiz nesse movimento: Vivian Mendes, Carlos Henrique, Arisângela Girão, Edmilson e Gracyanne Caldas sempre fiel e compreensiva em vários momentos.

A Isabele Mitozo pela correção ortográfica, Jivago Alves, Valberto Abreu, Henrique Ávila, José de Alencar, Luciano Filho e Sabrina Moura por termos construído uma amizade sólida a partir do Colégio São Vicente.

A Waneska Alves por ter me apoiado em momentos de indecisão e mostrado que com fé se pode tudo. A Gabriela de Paula pelas conversas, pelo apoio e por sempre me lembrar que no final sempre dá certo.

Aos meus amigos dos Laboratórios que fazem parte do Mestrado Acadêmico em Geografia, Paulo Henrique, Gustavo Macedo, Judária Augusta, Mariana Aquino, Raquel Soares, Davis Paula, Marisa Ribeiro, Emília Barbosa, Cíntia Lins, Juscelino Bezerra e Antônio Tadeu. As pessoas que conheci no Movimento Estudantil Rafael Reis, Ítalo Trigueiro e Sávio Magalhães.

A Família Barbosa que me acolheu no Rio de Janeiro, Dona Joseli, Sr. Barbosa, João Pedro, Mariana, Guilherme, Matheus, Adriana, Ana Cláudia, Beatriz e João Gabriel passamos momentos divertidos. Aos amigos que fiz no Rio de Janeiro: Gabriela, Cirlani Terenciani, Alonso, Tiago Vedana, Ingrid Del Pozo e Jhonathan Gutierrez conhecemos a verdadeira cidade maravilhosa.

A Universidade Estadual do Ceará que desde 2004 faz parte da minha vida pelo apoio ao trabalho de campo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense por ter me recebido como aluno externo.

A Luciana Maciel Barbosa pela amizade, companherismo, brigas, tristezas. Por sempre estar do meu lado e como eu sempre te digo ser minha irmã. Por fazer de sua família uma extensão da minha. O mais difícil dos

agradecimentos, pois é difícil explicar o quanto é importante ter você do meu lado, minha conselheira. Muito Obrigado!

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela concessão de bolsa de estudo, imprescindível à realização e desenvolvimento do trabalho.

Enfim, a todos os amigos que ajudaram e incentivaram o desenvolvimento desse trabalho, que acreditam na Geografia, na pesquisa científica e em uma sociedade mais justa e solidária. O meu muito obrigado.

## RESUMO

A dissertação tem como tema O ESTADO E SOCIEDADE EM AÇÃO: PRODUÇÃO ESPACIAL PELAS POLÍTICAS DE TURISMO EM ARACATI/CE, na região do Baixo Jaguaribe e analisa a transformação do espaço geográfico de Aracati no Ceará. Analisa políticas públicas de turismo como instrumento da ação do estado para produção de espaços e promoção do crescimento socioeconômico e o Estado como maior agente da transformação espacial, da formação do território e do desenvolvimento socioeconômico regional. O lazer e a atividade turística promovem o reordenamento de Aracati. Pois, Estado, sociedade civil e organizações de grande, médio e pequeno porte priorizam o turismo e agem politicamente transformando o lugar, o modo de vida e de pensar. A “descoberta” do turismo como forma de potencializar os recursos do município, produziu mudança econômica que desprestigia o setor primário e prioriza o setor terciário. Aracati, que nos séculos XVIII e XIX tinha nas atividades econômicas em especial nas charqueadas, no cultivo do algodão e nas atividades agropastoris sua essência socioeconômica, passa no século XX a aproveitar essas marcas territoriais e histórias, os resquícios do ciclo do gado para o turismo, quando a história e o patrimônio passam a ser atrativos para o turismo. Assim, Aracati se torna área de expansão turística do estado e emerge como região turística no país. Optou-se por metodologia crítica e a abordagem quanto qualitativa conduziram a investigação, enquanto as teorias geográficas condicionaram as análises. Aracati destaca-se na formação do território cearense. As ações de governos, empresários e comunidades levam ao processo de litoralização que culminou em diferentes avanços da atividade turística sobre as praias de Aracati. Analisa-se os núcleos receptores do turismo, Canoa Quebrada inserida no turismo globalizado com destaque internacional, Majorlândia com instalação de segundas residências para o veraneio e Quixaba com o turismo comunitário procurando uma alternativa mais solidária para a atividade turística.

Palavras-Chave: 1. Políticas de Turismo 2. Estado, 3 Espaço 4. Território 5 Aracati.

## ABSTRACT

The dissertation deals STATE AND SOCIETY IN ACTION: PRODUCTION OF SPACE FOR POLICIES ON TOURISM IN ARACATI/CE in the Lower Jaguaribe and analyzes the transformation of geographical space of Aracati Ceará. Analyzes public policies for tourism as an instrument of state action for the production of spaces and promoting socioeconomic growth and the state as an agent of greater spatial transformation, training and country and regional socioeconomic development. Leisure and tourism promote the redevelopment of Aracati. For the state, civil society organizations and large, medium and small tourism prioritize and act politically transforming the place, the lifestyle and thinking. The "discovery" of tourism as a way to leverage the resources of the municipality, economic change produced that discredits the primary sector and prioritizes the tertiary sector. Aracati, which in the eighteenth and nineteenth centuries was in economic activities particularly in the marshes, under cotton cultivation in the agropastoral activities and socioeconomic its essence, is the twentieth century to take advantage of these brands and regional histories, the remnants of the cattle cycle for tourism when the history and heritage become attractive for tourism. Thus, it becomes Aracati expansion area of the state and Tourist emerges as a tourist region in country. Is a critical methodology and approach as qualitative research conducted as geographical theories conditioned analysis. Aracati stands out in the formation of Ceará. The actions of governments, businesses and communities to take littoralisation process that culminated in different advances of tourism on the beaches of Aracati. It analyzes the receiving centers of tourism, tourism in Canoa Quebrada inserted globalized international prominence, with Majorlândia installation of second homes for vacation and tourism community with Quixaba looking for a more supportive alternative to the tourist activity.

Keywords: 1. Tourism Policies 2. State 3. Space 4. Territory 5. Aracati

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....</b>	<b>xiii</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>xv</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>xvii</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS.....</b>	<b>xvii</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE ARACATI NA CONJUNTURA ATUAL .....</b>	<b>29</b>
2.1 Aracati e as bases territoriais e econômicas do ciclo do gado e do algodão .....	51
2.2 O Patrimônio Histórico em Processo: Trajetórias das Políticas .....	67
<b>3. POLÍTICAS DE TURISMO EM ARACATI: AÇÕES DE GOVERNOS, EMPRESÁRIOS E COMUNIDADES .....</b>	<b>81</b>
3.1 O processo de Litoralização em Aracati: bases para o veraneio e o turismo.....	99
3.2 Canoa Quebrada: ícone do turismo de sol e praia .....	107
3.3 Majorlândia : espaço das segundas residências .....	122
3.4 Quixaba: turismo comunitário na resistência ao turismo convencional .....	133
<b>4. CONCLUSÕES .....</b>	<b>144</b>
<b>5. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>148</b>

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIRE	Área de Relevante Interesse Ecológico
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
APA	Área de Proteção Ambiental
ASDECQ	Associação dos Empreendedores de Canoa Quebrada
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Social
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DER/CE	Departamento de Edificações e Rodovias do Estado do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDT	Instituto de Desenvolvimento do Trabalho
INFRAERO	Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
MTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
PMA	Prefeitura Municipal de Aracati
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
PNMT	Programas de Municipalização do Turismo
PRODETURIS	Programa de Desenvolvimento do Litoral Cearense
PRODETUR/NE	Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
PRT	Programa de Regionalização do Turismo
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMACE	Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Estado do Ceará
SEPLA/CE	Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará
SETUR/CE	Secretaria de Turismo do Estado do Ceará
SINE	Sistema Nacional de Empregos
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense

UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Localização de Aracati em Relação ao Ceará	<b>29</b>
<b>Figura 2:</b> Mapa Administrativo de Aracati	<b>31</b>
<b>Figura 3:</b> Rodovia Costa do Sol Nascente / CE-040	<b>37</b>
<b>Figura 4:</b> Parte não duplicada da CE/040	<b>39</b>
<b>Figura 5:</b> Portão de entrada da Sede Municipal de Aracati, às margens da BR-304	<b>40</b>
<b>Figura 6:</b> Futuro Pátio do Aeroporto de Canoa Quebrada, Aracati – CE	<b>41</b>
<b>Figura 8:</b> Beneficiamento de Melão na Agroindústria Mata Fresca S/a	<b>43</b>
<b>Figura 9:</b> Viveiros de camarão em Aracati	<b>48</b>
<b>Figura 10:</b> Parque Eólico de Canoa Quebrada	<b>50</b>
<b>Figura 11:</b> Rua Grande: Principal Corredor do Patrimônio Artístico e Cultural de Aracati	<b>51</b>
<b>Figura 12:</b> Construção na proximidade das margens do Rio Jaguaribe	<b>52</b>
<b>Figura 13:</b> Casarões provenientes das Charqueadas do Séc. XVIII	<b>61</b>
<b>Figura 14:</b> Sobrados datados da época das Charqueadas	<b>63</b>
<b>Figura 15:</b> Sobrados apresentando nova função no séc. XX	<b>67</b>
<b>Figura 16:</b> Rua Grande em Aracati/CE	<b>71</b>
<b>Figura 17:</b> Casarão da Confederação do Equador	<b>72</b>
<b>Figura 18:</b> Casa do Escritor Adolfo Caminha	<b>73</b>
<b>Figura 19:</b> Casa do músico Jacques Klein	<b>74</b>
<b>Figura 20:</b> Praça Pe. Champagnat ao Fundo a Biblioteca Municipal	<b>75</b>
<b>Figura 21:</b> Casa de Câmara e Cadeia de Aracati	<b>76</b>
<b>Figura 22:</b> Cruz das Almas em primeiro plano, atrás a Igreja Matriz de Aracati	<b>77</b>
<b>Figura 23:</b> Museu Jaguaribano	<b>78</b>
<b>Figura 24:</b> Entrada do Museu Jaguaribano	<b>80</b>
<b>Figura 25:</b> Escada Helicoidal do Museu Jaguaribano	<b>81</b>
<b>Figura 26:</b> Comércio na Praia de Canoa Quebrada	<b>85</b>
<b>Figura 27:</b> Praia de Quixaba	<b>86</b>
<b>Figura 28:</b> Hotel Long Beach Village em Canoa Quebrada	<b>86</b>
<b>Figura 29:</b> Pousada em Majorlândia	<b>86</b>

<b>Figura 30:</b> Via de Acesso ao Aeroporto Internacional de Canoa Quebrada	<b>91</b>
<b>Figura 31:</b> Ampliação e Reforma da Ponte Juscelino Kubitschek	<b>92</b>
<b>Figura 32:</b> Estrada de Acesso a Canoa Quebrada, Majorlândia e Quixaba	<b>99</b>
<b>Figura 33:</b> Estacionamento para ônibus e vans de turismo	<b>100</b>
<b>Figura 34:</b> Imagem de Canoa Quebrada a partir do Mirante da Praia	<b>102</b>
<b>Figura 35:</b> Casas de veraneio na praia de Majorlândia	<b>108</b>
<b>Figura 36:</b> Falésias e a praia de Canoa Quebrada	<b>109</b>
<b>Figura 37:</b> Estrada Aracati/Canoa Quebrada	<b>110</b>
<b>Figura 38:</b> Broadway anterior a reforma urbanística	<b>111</b>
<b>Figura 39:</b> Broadway na Atualidade	<b>112</b>
<b>Figura 40:</b> Barracas de Praia de Canoa Quebrada	<b>114</b>
<b>Figura 41:</b> Placa de Informação sobre a APA de Canoa Quebrada	<b>115</b>
<b>Figura 42:</b> Instalações do The Great Sea Sade Porto Canoa Resort	<b>118</b>
<b>Figura 43:</b> Entrada do Porto Canoa Resort	<b>119</b>
<b>Figura 44:</b> As jangadas paradas à espera de turistas.	<b>120</b>
<b>Figura 45:</b> Imagem de Satélite Localizando Majorlândia	<b>121</b>
<b>Figura 46:</b> As falésias de Majorlândia “abraçando” o coqueiral	<b>122</b>
<b>Figura 47:</b> Garrafinha de Areia Colorida em Majorlândia	<b>123</b>
<b>Figura 48:</b> Área de expansão do mercado imobiliário	<b>125</b>
<b>Figura 49:</b> Área Nobre do Veraneio em Majorlândia	<b>127</b>
<b>Figura 50:</b> Expansão de casas de veraneio mais modestas	<b>128</b>
<b>Figura 51:</b> Mercado de Aluguéis em Majorlândia	<b>129</b>
<b>Figura 52:</b> Quixaba e as lagoas características do seu litoral	<b>133</b>
<b>Figura 53:</b> Barracas de moradores para atender a visitantes.	<b>134</b>
<b>Figura 54:</b> Hotel em Quixaba	<b>135</b>
<b>Figura 55:</b> Casa à venda em Quixaba	<b>138</b>
<b>Figura 56:</b> Palhoças em Quixaba	<b>140</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Movimentação de Passageiros no Aeroporto Internacional Pinto Martins	<b>34</b>
<b>Quadro 1:</b> Destinos procurados no Litoral Cearense em Julho sem o município de Fortaleza	<b>35</b>
<b>Quadro 3:</b> Rede Hoteleira de Majorlândia	<b>130</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Porcentagem da Rede Hoteleira de Aracati	<b>103</b>
<b>Gráfico 2:</b> Rede Hoteleira de Aracati nos últimos 20 anos	<b>104</b>
<b>Gráfico 3:</b> Constituição da Rede Hoteleira de Aracati	<b>105</b>
<b>Gráfico 4:</b> Rede Hoteleira de Majorlândia	<b>131</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada “O Estado em ação: produção espacial pelas políticas públicas de turismo em Aracati/CE”, vincula-se ao Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual do Ceará e tem como objeto de estudo a região do Baixo Jaguaribe, em especial o histórico município de Aracati. Analisa políticas públicas de turismo como instrumento da ação do estado para produção de espaços e promoção do crescimento socioeconômico. Considera o Estado um dos maiores agentes da transformação espacial, da formação do território e dos vetores do desenvolvimento socioeconômico regional.

A década de 1990 trouxe ao Ceará nova dinâmica, constituindo marco notável na transformação do território, com redirecionamento de políticas públicas, reordenamento do território, atração de investimentos e transformações socioeconômicas do Estado. As décadas anteriores às de 1990, no século XX, foram de economias deficitárias, sem expressão nacional, apoiadas em produtos agrícolas, com destaque da castanha de caju e do algodão, e registrando certa estagnação econômica do Estado.

O processo é rompido a partir de políticas públicas do Estado, que se apresenta inovador, moderno, globalizado, racionalizado, combativo, empresarial, voltado ao modelo desenvolvimentista segundo cientistas cearenses como PARENTE (2002) e ARRUDA (2002), que analisam políticas públicas do Estado Cearense. As ações do Estado se voltam ao crescimento econômico, objetivam transformações territoriais, tendo como foco principal o desenvolvimento industrial e a moralidade da gestão pública desacreditada. No território cearense são alocadas infraestruturas para possibilitar o rearranjo da economia voltada agora para a indústria e os serviços a partir de política de incentivos fiscais para atração de empresas, não apenas as industriais mas, em especial, as de turismo, passando o Estado a investir no setor terciário e no marketing, conseguindo mudar a imagem do Ceará, que passa a ser o lugar do sol, das praias e de mulheres bronzeadas. Tenta-se destruir a imagem

do Ceará de secas, fome, pobreza e coronéis ruralistas. Utiliza o marketing como instrumento de mudança da imagem pública do Estado. Ou seja, o Ceará deixa de ter a imagem de estado pobre, da seca e da inviabilidade e passa a ser espaço de possibilidades. A economia cearense abandona o modelo arcaico de base agrícola e adota modelo urbano, industrial e empresarial.

A visão moderna de Sociedade exige parâmetros da produção flexível, controle de gastos públicos, capacitação e credibilidade do serviço público. São criadas as condições para captação de indústrias para interior do estado e Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Indústrias das mais diversas oriundas da região Sudeste do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos alocam-se no Estado e o município de Fortaleza juntamente com a região metropolitana passam a ser pólo industrial de alimentos, confecções e calçados. A dinamização pelo setor terciário transforma a metrópole em centro de turismo de negócios associado ao segmento do turismo de sol e praia, ampliando-se espaços comerciais, *shoppings*, rede hoteleira, restaurantes e serviços turísticos, pretendendo o Estado consolidar Fortaleza como destino indutor do turismo. Entram em cena na competição do mercado empresas multinacionais, industriais, megaempreendimentos e *resorts*. O poder público compreende que o turismo é importante atividade geradora de emprego e renda, capaz de propulsionar o crescimento econômico do estado e mobilizar grande fluxo de pessoas, mercadorias e serviços provenientes da atividade.

Assim, o território cearense é reestruturado em regiões turísticas ao desenvolvimento da atividade com articulação de espaços funcionais tais como: Litoral Oeste/Ibiapaba, Serras Úmidas/Baturité, Sertões Central, Cariri/Araripe e Litoral Leste/Apodi, região na qual ocaliza-se Aracati, objeto da investigação. As regiões turísticas são articuladas de modo a receber investimentos, estratégias políticas territoriais e facilitar a gestão das atividades turísticas.

Várias políticas incidem no território cearense destacando-se os Programas de Municipalização do Turismo (PNMT), Programa de Desenvolvimento do Litoral Cearense (PRODETURIS), Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE) e o Programa de

Regionalização do Turismo (PRT) que promovem a atividade turística como oportunidade para obtenção de receitas e postos de trabalho nos municípios cearenses. O Governo é convencido de que o turismo é gerador de emprego e renda e propulsor de desenvolvimento econômico, sendo essa uma das justificativas para os investimentos em infraestrutura no estado nas duas últimas décadas.

A *media* promovida pelo Estado, pautada na ideologia de modernidade, apresenta o turismo como uma das melhores alternativas para o território cearense, que possui clima semi-árido, solos cristalinos, não edáficos, e, portanto, não propícios à agricultura e um litoral de 578 km de extensão repleto de praias arenosas, com paisagens ditas paradisíacas para o turismo, com grande atratividade, pois em muitos casos os turistas são atraídos para praias sem infraestrutura urbana e sem serviços turísticos.

Nesse contexto, o Nordeste brasileiro, em especial o Ceará, passa a ser lócus do turismo de sol e praia. O litoral cearense dispõe de praias arenosas e mares com águas de excelente temperatura para o banho o ano todo. O *marketing* trabalha o clima tropical e o culto ao corpo bronzeado para promover o turismo no Nordeste.

O sol e a seca, ícones da pobreza nordestina, tratada por Josué de Castro em *Geografia da Fome* (2003), considerados os maiores cúmplices do fenômeno natural, são ressignificados a partir de novas representações simbólicas. Passa a região a ser espaço do lazer e do turismo, anulando as velhas representações que não comprometem a atividade. A imagem do sol é associada ao corpo de turistas bronzeados e as paisagens paradisíacas de natureza preservada são cenários de acolhimento a hotéis e resorts de bandeiras internacionais. Infraestruturas de serviços mudam a realidade do Nordeste e do Ceará em especial. Os estados que oferecem incentivos fiscais para a iniciativa privada, atraem empreendimentos hoteleiros que mobilizam fluxos turísticos para a região. O governo do Ceará considera o turismo um dos principais vetores da economia.

A importância do turismo no estado pode ser constatada a partir dos números que a Secretaria de Turismo do Estado do Ceará – SETUR/CE (2010) divulga sobre os fluxos de 2009, entre os meses de janeiro e dezembro, tendo o estado recebido 2.466.511 turistas, com entrada pela cidade de Fortaleza. O que resultou em receita de 3.628,5 milhões, gerando renda em torno de 6.349,6 milhões. Os números colocam o turismo como responsável por 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB) cearense, além de responsável por 14,9% das atividades do setor de serviço no Ceará (SETUR, 2010). Daí porque o Estado considera o turismo um dos pilares da economia cearense e coloca a atividade ao nível da indústria, embora o turismo seja enquadrado no setor de serviços ou terciário.

A tendência de crescimento e a importância dada ao turismo são reconhecidas pelos investimentos dos empresários na rede hoteleira, resorts e diversidade de negócios turísticos. Em 2009, o aumento de 2,3% nas unidades de hospedagem configurou 24.669 unidades de hospedagem no estado. O Ceará tem destaque no Nordeste pela quantidade de empreendimentos em especial os da rede hoteleira (SETUR, 2010). O número de empregos gerados diretamente pelo turismo foi da ordem de 21.439 empregos em 2009, sendo o segundo estado do Nordeste em geração de emprego pelo turismo, só sendo ultrapassado pela Bahia. O Ceará participou com 25,3% de todos os empregos gerados pelo turismo em 2009 no Nordeste (SETUR, 2010). Para produzir esses números e manter o Ceará no mercado receptor de turistas no país o Estado investe maciçamente nas políticas públicas de turismo.

As políticas públicas de turismo gestadas por prefeituras, estados e União desde a década de 1990 têm sido prioridades e acabam por estimular o desempenho das demais políticas, visto o turismo exigir essa articulação. Ele impulsiona muitas atividades, pois onde chegam turistas faz-se necessário maiores produções de alimentos, de transportes, de imóveis e de festividades.

O Estado promove ações para atrair maiores fluxos turísticos, estimulando maiores ações no planejamento urbano e rural de municípios que se destacam como núcleos receptores e assim planos diretores, proteção aos ecossistemas e ao meio ambiente, criação de Áreas de Proteção Ambiental

(APA) e restauração de centros históricos a partir de parcerias institucionais. Promovidos, assim como fez na área da investigação que foi turistificada e litoralizada, expressão criada pelo geógrafo MADRUGA (1992).

A mudança na gestão pública de Aracati passou a ser percebida com a instituição do Plano Diretor Participativo pela Lei Complementar 001/2009, pela valorização do principal destino turístico, a praia de Canoa Quebrada, que figura no rol das praias brasileiras como praia de demanda internacional. Ali foi instituída uma APA pela Lei 01/1997 e o sítio histórico de Aracati foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2000, como Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil. Aracati é reordenada para receber fluxos turísticos cada vez maiores.

Até a década de 1990 esse município possuía economia vinculada ao setor primário, com destaque a pesca, agricultura e pecuária. Sendo uma região de rico potencial, logo foi apropriado pelo capital que necessita de mercados deixando de ser territórios de reserva para o capital (HARVEY, 2003), mas área dinâmica de negócios mercadológicos quando passam a ser peça relevante na escala produtiva. Aracati é impulsionada pelos investimentos turísticos que se reestruturam e modificam sua estrutura econômica. Dinâmicas socioeconômicas projetadas por políticas públicas estaduais modificam as relações produtivas e as formas de uso do solo, criam-se novas territorialidades, e são redefinidos os focos de interesses e de atividades. Assim, entram em cena atividades terciárias que dinamizam a economia e exigem maiores dinâmicas socioespaciais com produção de maiores conflitos.

A pesca que predomina nas comunidades marítimas e era realizada artesanalmente dá lugar às grandes “fazendas” de camarão próximas a manguezais. A agricultura, a pecuária e outras atividades do setor primário que detinham maior número de pessoas e de recursos são preteridas pelos novos negócios. Acreditam alguns que o turismo é a atividade mais importante e dispensam atividades tradicionais, acirrando conflitos. Ou seja, a expansão capitalista reordena o território, os negócios, e faz emergir com maior destaque o lazer, o turismo e os serviços a eles vinculados. Aracati passou a ser território de lazer e turismo.

O lazer e a atividade turística promovem o reordenamento de Aracati. Estado, sociedade civil e organizações de grande, médio e pequeno porte priorizam o turismo e agem politicamente transformando o lugar, o modo de vida e de pensar. A “descoberta” do turismo como forma de potencializar os recursos do município, produziu mudança econômica que desprestigia o setor primário e prioriza o setor terciário. Aracati, que nos séculos XVIII e XIX tinha nas atividades econômicas em especial nas charqueadas, no cultivo do algodão e nas atividades agropastoris sua essência socioeconômica passa, no século XX, a aproveitar essas marcas territoriais e históricas, os resquícios do ciclo do gado para o turismo, quando a história e o patrimônio passam a ser atrativos para o turismo. Assim, Aracati torna-se área de expansão turística do estado e emerge como região turística no país.

O turismo, atividade decorrente das facilidades e inovações da Revolução Industrial na sociedade moderna, ganha espaços globais e locais produzindo territórios. A atividade expande-se a partir de lugares, paisagens, pois os turistas procuram lugares diferenciados da sua moradia. As regiões tropicais passam ser incluídas nos roteiros globalizados e assim também interferem nas dinâmicas econômicas ocorridas no Nordeste quando litorais passam a ser áreas emergentes da atividade.

O turismo emerge da produção capitalista, na esteira dos serviços, na busca de soluções dos problemas da crise industrial (CORIOLANO, 2006). Nos países tropicais os litorais passam a ser lugares privilegiados da atividade. O turismo, atividade econômica moderna, voltada ao consumo de lugares, viagens e lazeres daqueles que possuem poder aquisitivo proporciona formas de trabalho nos núcleos receptores. Daí a compreensão de que enquanto uns brincam outros trabalham, e assim trabalho e lazer formam pares dialéticos.

A atividade turística, como as demais atividades econômicas, exige apropriação de espaços, seletividade e competitividade. Espaços são produzidos para o turismo litorâneo, além das áreas de segundas residências, espaços direcionados ao lazer local e expansão de novas áreas residenciais ocorrendo a urbanização dos núcleos receptores. Transformações espaciais intensas retratadas por edificações de grande porte acabam por desprestigiar

leis ambientais, e desencadearem conflitos entre empreendedores e residentes pelo uso da terra. Os empreendimentos do lazer e turismo em Aracati acarretam problemas, pois as dinâmicas socioespaciais são movidas por regras de mercado com espaço transformado em mercadoria, processo muitas vezes violento que expropria terra de pescador, descaracteriza paisagens, e concentra renda além de gerar impactos socioambientais.

No Nordeste do Brasil o turismo é atividade econômica em expansão, marcada por conflitos entre aqueles que detêm capital e desfrutam do lazer e os que vendem a força de trabalho aos empreendedores do lazer (CORIOLANO, 2006). A especulação do litoral exarcebada transforma o litoral, que passa a ser objeto de consumo, fato intensificado no Ceará e na área estudada a partir da década de 1990.

Aracati é gestada publicamente como espaço de lazer e turismo e conseqüentemente de conflito entre empreendedores do turismo exógeno e os empreendedores locais, entre visitantes e residentes. Residentes ocupam os espaços para seu cotidiano, pois é no lugar que moram, trabalham e se divertem. Especuladores do litoral que avançam expropriando comunidades tradicionais, construindo hotéis, condomínios, flats e residências de luxo, desrespeitam e desconhecem ocupações fazendo valer a força do capital que compra terra, praias e privatizam. A construção de megaempreendimentos em terras expropriadas de nativos redireciona a base econômica, política e ambiental do município, fato detectado ao longo do litoral cearense e na área de investigação desse estudo.

As atuações de empresas estrangeiras em negócios para o lazer no município de Aracati incomodam nativos, pescadores e suas famílias, que tantam resistir à invasão dos megaempreendimentos no espaço aracatiense. As descaracterizações de ambientes naturais destroem a originalidade das colônias de pescadores que aderem ao turismo, mesmo nos lugares onde o turismo é promovido de forma comunitária.

Aracati é pólo receptor e dispersor de turistas para as praias locais, em especial Canoa Quebrada, principal destino turístico do litoral leste cearense.

Sendo Jericoacoara a praia principal do litoral oeste cearense. Aracati e o litoral passaram a ser atrativos turísticos e sua intensa ocupação a tornou objeto da especulação imobiliária. Na sede municipal, Canoa Quebrada, Marjolândia e Quixaba são espaços geográficos diferenciados e aqui estudados. A dinâmica das transformações socioespaciais motivaram os seguintes questionamentos:

- Como a formação socioespacial de Aracati serve de base para o desenvolvimento da atividade turística?
- Quais as políticas de turismo que incidem e modificam o espaço geográfico de Aracati?
- Como ocorre a litoralização e o uso do litoral aracatiense?
- Como as políticas são instituídas nos diversos territórios e que impactos, conflitos e resistências provocam?
- Como se dá a ocupação do lazer e do turismo nas três praias selecionadas e em que as praias se conflituam e se ajudam?
- Pode o turismo contribuir para o desenvolvimento socioeconômico de Aracati?

Assim, objetiva-se:

- Analisar as ações do Estado e da Sociedade nas políticas de turismo em Aracati;
- Compreender o processo de produção socioespacial do município;
- Entender como os ciclos econômicos tradicionais servem de base para o lazer e turismo em Aracati;
- Estudar o processo de litoralização em Aracati;
- Analisar os interesses dos grupos envolvidos na atividade turística, empresários, prestadores de serviços, Estado e comunidades que resistem aos conflitos decorrentes do turismo no município.

À luz de teorias, categoria e conceitos, explica-se o objeto da pesquisa e busca-se compreender a produção do espaço pelas políticas de turismo. A análise da produção espacial a partir do Estado, empresas e sociedade norteiam a pesquisa. O arcabouço teórico auxilia na compreensão teórica do empírico, e assim se define como conceitos fundantes: espaço geográfico, território, Estado, políticas públicas, litoralização, lazer e turismo.

Adota-se método exploratório com postulados da geografia crítica, que se pauta na tentativa da compreensão da realidade, buscando conflitos e contradições, negações, embates e resistências que perpassam a produção socioespacial de Aracati. A abordagem quantoqualitativa ajudou na análise. Contudo, o pensamento qualitativo guia o processo da análise em todas as fases. Postulados do pensamento qualitativo como a relação com os sujeitos investigados, interpretação das ações dos sujeitos no dia-a-dia com vistas à generalização, pois o objeto da análise em última instância remete à própria sociedade capitalista.

A ênfase é para os sujeitos com destaque para governo, empresários residentes e turistas, tendo-se consciência de que o objeto da análise nunca está totalmente compreendido, ele é produzido pelo sujeito com subjetividades, ajudado pelas teorias que ajudam a chegar mais próximo ao problema investigado.

A revisão da literatura concernente ao tema assim como da base documental fundamentaram e possibilitaram o aporte teórico-metodológico relacionado à temática abordada. Levantamentos bibliográficos realizados em instituições subsidiaram a sistematização dos dados secundários realizados na área estudada e as temáticas de domínio conexo à pesquisa, com destaque para programas, planos e projetos de governo; teses e dissertações; artigos, periódicos, entre outros. Visitaram-se as principais bibliotecas das universidades para investigação em teses, documentos e livros. Pesquisou-se, principalmente, nas seguintes instituições: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal do Ceará (UFC), Biblioteca Nacional (RJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal

Fluminense (UFF), onde o autor também cursou disciplinas.

Ressalta-se que, para pesquisa documental, utilizou em especial sites de periódicos na internet, dissertações e teses no portal CAPES. A busca de dados estatísticos complementou a compreensão dos processos. Os dados coletados foram delimitados na escala temporal a partir da década de 1990. Elementos históricos da formação sócioeconômica do município serviram para compreensão material do objeto de pesquisa. Consideraram-se fontes de informação de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), Ministério do Turismo (Mtur), Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR), Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará (SEPLA) e Prefeitura Municipal de Aracati (PMA).

Dados dessas instituições foram de grande validação e facilitaram a análise. O trabalho de campo no município de Aracati complementou a obtenção de dados empíricos diretos, quando se realizou entrevistas com moradores, empresários, políticos, turistas e residentes. O trabalho de campo permitiu melhor apreensão da realidade de Aracati, entendendo a história e os sujeitos que fazem essa história do lugar. Serviu ainda para a captação do interesse público e privado na expansão do turismo, estratégias da especulação imobiliária nas principais praias de Aracati e a relação do Estado com a iniciativa privada e com residentes para a promoção da atividade turística, o que facilitou a análise da produção do espaço de Aracati pelas políticas públicas de turismo.

A dissertação está estruturada em três partes. A primeira apresenta o plano de redação, justificativa, problematização, questionamentos e os objetivos sobre o tema. No segundo item, analisa-se o município de Aracati na contemporaneidade dando ênfase a sua estrutura territorial, a divisão administrativa e como as atividades econômicas se espacializam pelo território. Recorre-se aos ciclos econômicos que serviram de base para compreensão do contexto atual do município. Destaca-se a importância do ciclo do gado e do algodão importantes na consolidação do município, como expoente econômico do estado do Ceará. Dessa forma, disserta-se sobre o povoamento do litoral

cearense, com base nos estudos de BRAGA (1943), GIRAO (1996), ANDRADE (2005), além do conceito de rugosidades de SANTOS (2002), que explicam as marcas no espaço, que configuram o patrimônio histórico e cultural de Aracati. E, finalmente, discute-se a litoralização do município tendo como base teórica os estudos de DANTAS (2002), SANTOS (2008), MADRUGA (1992) e CORIOLANO (2006).

Na terceira parte, os estudos relacionam-se à dimensão socioterritorial, à compreensão do Estado, das empresas de turismo e a como Aracati está inserido em regionalizações e como o turismo concentra-se em determinada faixa do litoral aracatiense. Para isso, distinguem-se as várias formas de fazer lazer e turismo na área, a praticada em Canoa Quebrada, voltada ao turismo convencional e globalizado com o modelo de sol e praia, em Marjorlândia, com o lazer de segundas residências desencadeando especulação imobiliária, e o turismo de resistência de Quixaba, território de reserva para o turismo e, sobretudo, território de resistência voltado ao turismo comunitário e solidário. Na última parte, apresentam-se as conclusões encontradas no estudo, e que instigam novos estudos e avanços.

## 2. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE ARACATI NA CONJUNTURA ATUAL

Aracati é um município<sup>1</sup>, ou território político que deixa transparecer concomitâncias de várias temporalidades, conflitos e contradições provenientes da expansão do capital. O moderno e o arcaico convivem expressos por objetos e processos que se inserem no espaço (Santos, 2008a). Assim, agricultura tradicional, pesca artesanal, artesanato, pecuária extensiva, parques eólicos, agronegócios, balneários paradisíacos, urbanização acelerada e um forte processo de litoralização são provocados pelo e para o turismo. Pode-se dizer com Santos (2008a) que o espaço aracatiense é

formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerando isoladamente, mas como quadro único que a história se dá. [...] O espaço hoje é um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistema de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e seus habitantes [...]. SANTOS (2008a; p.63)

Aracati é em especial uma abstração ou espaço produzido e culturalmente promovido por dinâmicas naturais e sociais, ou relações de forças políticas e poderes, e assim verifica-se que o espaço físico não é determinante na totalidade. O espaço natural, social e tecnificado do litoral leste cearense serve de laboratório para estudos geográficos, sejam urbanos, rurais, ambientais, políticos, culturais e turísticos. Nesse espaço, a complexidade de políticas e desafios instiga o pesquisador a compreender e explicar as dinâmicas ali produzidas. Natureza e sociedade produzem o lugar, mas, nosso foco de análise privilegia dinâmica da sociedade.

A figura 1 mostra o território aracatiense, em relação ao Ceará, com a configuração atual, com maior destaque para as estradas que cortam o estado,

---

<sup>1</sup> O município para CASTRO (2005; p. 135) “Em primeiro lugar, este é um recorte federativo, com um grande grau de autonomia – o que significa atribuições e recursos próprios; em segundo, trata-se de uma escala política, ou seja, um território político por excelência e constitui um distrito eleitoral formal para vereadores e prefeitos e informal para todas as outras eleições, com consequências importantes para a sociedade local e para o território; em terceiro, é no município que todos habitamos e exercemos nossos direitos, e deveres, da cidadania, onde buscamos os serviços que temos direito como cidadãos; onde votamos e candidatos são votados. Também é nele que são concretizadas as políticas públicas”.

aeroporto e extensão do litoral, infra-estrutura básica do Estado, o que serve de promoção para o turismo.



Figura 2: Localização de Aracati em Relação ao Ceará

Fonte: IPECE, 2005

Administrativamente o território aracatiense é lugar demarcado, normatizado, ordenado, ocupado possuindo divisões em sede e distritos. A sede do município, cidade de Aracati, foi instituída em 1748; e os distritos são: Cabreiro (que está às margens de Lagoa da Cruz), Mata Fresca, Barreira dos Vianas, Córrego dos Fernandes, Jirau e Santa Tereza, os primeiros promulgados na década de 1980 e os três últimos na década de 1990. A grande extensão territorial e a capacidade adquirida por dois de seus distritos objetivou a criação dos municípios de Icapuí em 1984 e Fortim em 1993. Divisões administrativas são estratégias do Estado para realizar políticas que envolvem aspectos ambientais, econômicos e sociais. Pode-se compreender a divisão administrativa a partir da figura 2.

Na concepção de Mann (1992) o Estado é o ente público regulador e articulador do espaço transformado em território construído. Constatou-se em Aracati o Estado conceituado por Mann (1992) que o define como um

conjunto diferenciado de instituições e funcionários, expressando centralidade, no sentido que as relações políticas se irradiam de um centro para cobrir uma área demarcada territorialmente, sobre a qual ele exerce um monopólio do estabelecimento de leis autoritariamente obrigatórias, sustentado pelo monopólio dos meios de violência física. (MANN; 1992, p. 169).

As relações de poder exercidas pelo Estado muitas vezes apresentam-se de forma despótica e infra-estrutural, sendo que o poder infra-estrutural “se apresenta como a capacidade do Estado de penetrar na sociedade civil e programar logisticamente decisões políticas por todo seu domínio” MANN (1992 p.169). Assim, o domínio territorial de Aracati concentra-se em 1.229 km<sup>2</sup>, com população aproximada de 67.000 habitantes, segundo o IBGE (2009). A extensão territorial pode ser notada na figura 2, que apresenta os limites municipais. Nele destacam-se Fortim e Icapuí, o primeiro a Norte e Icapuí ao Sul, ambos desmembrados de Aracati e posteriormente elevados a categoria de município. Pertencem aos limites Palhano, Itaiçaba e Jaguaruana no Vale do Rio Jaguaribe, além do estado do Rio Grande do Norte e Beberibe.



**Figura 2:** Mapa Administrativo de Aracati  
**Fonte:** IPECE, 2005

MORAIS, PINHEIRO e CAVALCANTE (2002; p.122), em análise geofísica do litoral afirmam que ele

corresponde às terras emersas e submersas que vai do nível máximo de influência das marés altas (pós-praia) até a zona onde ocorre a movimentação de sedimentos pelas ondas (antepraia). A linha da costa seria a margem do corpo d'água (linha d'água), que se move de um lado para o outro com as variações das marés.

Assim, para o turismo a unidade geoambiental do litoral tem grande relevância devido às inúmeras paisagens contidas em decorência das dinâmicas da natureza e da sociedade. Para Vasconcelos (2005) o litoral está inserido na zona costeira sendo esta zona importante por conter uma

população litorânea que disputa o mesmo espaço geográfico para as mais diversas atividades e finalidades, entre elas a habitação, a indústria, o comércio, o transporte, a agricultura, a pesca, a aquicultura, o lazer e o turismo. Torna-se natural que, em um espaço restrito pelo adensamento populacional, grupos distintos disputem uma mesma área para atividades diferentes, muitas vezes conflitantes e até mesmo antagônicas. A ocupação desse espaço ocorrido está entre as principais causas de riscos ambientais na zona costeira. (VASCONCELOS, 2005; p.17)

O litoral é área de conflitos e embates, pois o número de pessoas que viajam com o intuito de desfrutar das praias e de grandes atrativos cresce a cada ano, conflitando com os interesses dos que ali residem. Sabe-se que entre os segmentos do turismo o de “sol e praia”<sup>2</sup> e o de negócios são no Ceará os mais demandados. O aumento de pessoas que visitam o Ceará tem como um dos parâmetros de análise a movimentação de passageiros no Aeroporto Internacional Pinto Martins.

Analisando-se dados do Quadro 1, verifica-se o aumento no movimento de passageiros no aeroporto Pinto Martins, de Fortaleza, e verifica-se que o número de pessoas que escolheu o Ceará como destino variou em 20,5%, entre os primeiros meses de 2009 e 2010, demonstrando a importância do

---

<sup>2</sup> O Plano Nacional de Turismo 2007-2010 admite como segmentos do turismo para investimento do Governo Federal: turismo cultural, turismo rural, ecoturismo, turismo de aventura, turismo de esportes, turismo náutico, turismo de saúde, turismo de pesca, turismo de estudos e intercâmbio, turismo de negócios e eventos, turismo de sol e praia.

Ceará como destino turístico, considerado um dos mercados promissores do Nordeste para as companhias aéreas.

MOVIMENTAÇÃO DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO PINTO MARTINS			
MESES	MOVIMENTAÇÃO		VARIÇÃO (%)
	2009	2010	
JAN	369.274	466.163	26,2
FEV	247.205	331.900	34,3
MAR	253.027	329.922	30,4
ABR	268.094	315.223	17,6
MAI	260.317	295.081	13,4
JUN	295.217	326.899	10,7
JUL	391.714	446.653	14,0
TOTAL	2.084.848	2.511.841	20,5

**Quadro 2:** Movimentação de Passageiros no Aeroporto Internacional Pinto Martins (2009/2010)

**Fonte:** (SETUR / INFRAERO 2010)

A Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR/CE) afirma que 27,2% dos turistas que visitaram o estado nos seis primeiros meses de 2010 tiveram destinos diferenciados de Fortaleza, sendo o litoral responsável por 81,7% desse deslocamento. Aracati foi responsável por 13,1%, da demanda, sendo o quarto destino mais procurado no Ceará, já que Fortaleza pela presença do aeroporto continua a ser o principal destino. Como se pode conferir no Quadro 2 .

DESTINOS DO LITORAL VISITADOS ALÉM DE FORTALEZA (JULHO/2010)		
Região	Município	Porcentagem
<b>Litoral</b>		<b>81,7</b>
	Aquiraz	20,3
	Caucaia	16,3
	<b>Aracati</b>	<b>13,1</b>
	Beberibe	12,3
	Jijoca de Jericoacoara	9,7
	Paraipaba	3,5

	São Gonçalo do Amarante	1,7
	Cascavel	1,1
	Paracuru	0,8
	Outros	2,9

**Quadro 3:** Destinos procurados no Litoral Cearense em Julho de 2010 sem o município de Fortaleza  
**Fonte:** Adaptado pelo Autor (SETUR/2010)

Verificou-se que, em julho de 2010, aproximadamente 15.100 turistas visitaram Aracati e as pesquisas oficiais (SETUR/2010) registram que os visitantes elogiam a hospitalidade do núcleo receptor. A relativa distância entre Aracati e Fortaleza não separa o circuito turístico da metrópole - principal “portão de entrada” - do turismo no Ceará, não interferindo nos fluxos, dadas as facilidades de locomoção pela diversidade de meios de transportes da metrópole para o território aracatiense, além da rapidez na interligação entre as duas cidades. A distância espacial é minimizada pela ligação direta via rodovia CE-040, construída principalmente com recursos do Governo Estadual e a qual se tornou principal via de acesso para o litoral leste cearense.

O turista saindo de Fortaleza percorre o trajeto em aproximadamente 2 horas, utilizando como meio de locomoção automóvel particular ou ônibus intermunicipais que diariamente percorrem o trajeto. A viagem é realizada pela CE-040, estrada construída pelo Estado no contexto da urbanização no litoral que foi intensificado com a duplicação e melhorias da via. Nesse trajeto o turista observa cordões de dunas, manguezais, os carnaubais, árvore típicas dos vales dos rios cearenses.

A rodovia Rota do Sol Nascente – CE/040 é margeada por inúmeros loteamentos, sítios, propriedades, pequenas cidades, área mais densamente ocupada que o litoral oeste. A CE/090, denominada rodovia Rota do Sol Poente, liga Fortaleza ao litoral Oeste e foi construída pelo PRODETUR para o turismo. A CE/040, construída em decorrência do processo de litoralização, surge pela necessidade de deslocamento da população litorânea que habita essa porção do território cearense e dos que buscam lazer no litoral leste, já que a cidade de Fortaleza se expandiu nesse rumo.

A conurbação da cidade de Fortaleza com os municípios vizinhos aos do litoral provoca intensa movimentação de veículos, o que exigiu duplicação da via, como pode ser visto na figura 3, que apresenta um trecho da CE 040.



**Figura 3:** Rodovia Costa do Sol Nascente / CE-040  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Segundo o Departamento de Edificações e Rodovias do Estado do Ceará - DER (2010), a duplicação da CE-040 se estenderá até Aracati, ou seja, o litoral leste será contemplado com a rodovia totalmente duplicada. A duplicação já está finalizada até o município de Aquiraz e as obras continuam. A duplicação da rodovia não concluída apresenta pouca sinalização horizontal e vertical, o que torna a viagem demorada. Porém, na parte da via onde ainda não houve duplicação, embora apresente boa qualidade de asfalto, não oferece segurança, dada a pequena largura da via, como pode ser vista na figura 4.



**Figura 4:** Parte não duplicada da CE/040  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

A paisagem vista pelo transeunte varia em cada trecho da estrada, oferece surpresas típicas de cidades interioranas e litorâneas do Ceará e assim passa-se por engenhos de produção de rapadura, sendo esses lugares pontos de apoio ao turista que tem oportunidade de descer para degustar iguarias regionais e sentir o cheiro do melaço da cana-de-açúcar. Percorre-se um dos principais corredores turísticos do Ceará de forma segura e rápida. Corredores são

Espaços longitudinais com vias de conexão entre as zonas, as áreas, os complexos, os conjuntos. São redes de estradas ou caminhos de uma região através das quais se mobilizam os fluxos turísticos para chegar aos seus itinerários; mas também podem formar cidades lineares. (CORIOLANO, 2005; p.114)

O corredor litoral oeste apresenta aos turistas pequenos núcleos turísticos urbanos onde são realizados contatos com residentes e se tem oportunidade de perceber o cotidiano das famílias. Mulheres que fazem a renda de bilro, trabalho artesanais expostos em lojas de vendas de objetos

artesanais como o bordado, toalhas de bico, redes e outros produtos que servem de *souvenirs*, como garrafinha de areia colorida formando paisagens litorâneas uma das lembranças locais mais adquiridas por turistas. Restaurantes especializados oferecem iguarias da gastronomia cearense como tapioca com queijo coalho, baião-de-dois com peixe frito e carne do sol.

A outra via que dá acesso a Aracati é a BR-304, que interliga municípios da região Jaguaribana à Fortaleza, sendo que essa via congrue com a BR-116. Por ela ocorre interligação do Ceará com o Rio Grande do Norte e escoamentos de mercadorias para o porto do Pecém. Essa rodovia no Ceará atende a demandas da indústria e do comércio que é intenso em toda a região Jaguaribana. A Figura 5, demonstra a BR-304 entrada da sede municipal de Aracati.



**Figura 5:** Portão de entrada da Sede Municipal de Aracati, às margens da BR-304  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Como a via também está em fase de duplicação no estado do Rio Grande do Norte, facilita o acesso de potiguares ao estado do Ceará tendo como destino Aracati. A maioria dos turistas que chegam à região vem da

cidade de Mossoró, importante município do Rio Grande do Norte, cidade de porte médio, que forma outro portão de entrada de turistas no Ceará. Salienta-se que Mossoró mantém intensa articulação com Fortaleza.

O prognóstico da Secretaria de Turismo do Estado do Ceará - SETUR/CE é que o Aeroporto de Canoa Quebrada estará em pleno funcionamento nos próximos anos, sendo essa nova porta de entrada no território de Aracati. A SETUR/CE dispõe de recursos no valor total de R\$ 4.443.855,84, oriundos do Ministério do Turismo e Tesouro do Estado (SETUR, 2010) para a construção do aeroporto regional que objetiva tornar a localidade mais acessível aos mercados emissores, por via aérea. São estimados intensos vôos nacionais e internacionais, que certamente incrementarão a cadeia produtiva e a economia da região em especial com o turismo e com abertura de novos canais de escoamento da produção local. A Figura 6 apresenta a maquete que dá idéia do pátio do aeroporto, observando-se completa harmonia com o litoral.



**Figura 6:** Futuro Pátio do Aeroporto de Canoa Quebrada, Aracati – CE  
**Fonte:** SETUR/CE, 2010

Na construção do aeroporto foram investidos R\$ 13.667.826,85 (SETUR, 2010). A pista de pouso passa de 1.200m de comprimento para 1.800m por 30m de largura e com mais 400m de área de escape, totalizando 2.200m de comprimento. A vida útil da pista é 20 anos, podendo operar 1.200 movimentos por ano, e apta para operar com aeronaves tipo Boeing 737. O pátio de estacionamento de aeronaves é de 152m por 90m (SETUR, 2010). Assim, serão beneficiados além de Aracati os municípios de Beberibe, Icapuí e Fortim. A Figura 7 mostra como ficarão as instalações do Aeroporto Internacional de Canoa Quebrada, quando concluído.



**Figura 7:** Projeção da pista de pouso do Aeroporto de Canoa Quebrada  
**Fonte:** SETUR/CE, 2010

Na conjuntura atual, Aracati é pólo centralizador e dispersor de fluxos turísticos na região do Baixo Rio Jaguaribe, o que tem promovido várias transformações de uso e ordenamento do espaço. Porção do litoral de Aracati apresenta grande competitividade e abertura ao turismo globalizado com a formação territorial de empreendimentos e equipamentos turísticos, com investimentos de capital internacional e nacional. As políticas públicas de turismo materializam-se no território de forma Intensiva nesse litoral, remetendo ao que Santos (2003) chama de “sistema de objetos e sistemas de ações” que

se articulam e transformam Aracati, impulsionando, sobretudo, a demanda dos fluxos do circuito internacional do turismo.

No entanto, a importância maior de Aracati está na contribuição à produção socioterritorial, histórica e econômica do Ceará, por ter sido um dos primeiros núcleos urbanos de grande concentração populacional do estado. Há em sua história registros memoráveis narrados pelo historiador Pompeu Sobrinho (1919) sobre a importância de Aracati ainda nos anos de 1500. O historiador assegura que o Brasil teria sido “descoberto” em Aracati, em 02 de fevereiro de 1500, pelo navegador espanhol Vicente Yanez Pinzon, que teria chegado ao local denominado Ponta Grossa ou Jabarana. O navegador denominou a áreas de cabo da Santa Maria da Consolacion. Assim, Pizon teria aportado no Brasil antes de Pedro Álvares Cabral chegar à Bahia.

A formação territorial de Aracati é a própria formação do Ceará, pois as formas de ocupação são articuladas. Pero Coelho de Souza, no início do séc. XVII, tentando alcançar terras no Maranhão para se proteger da pirataria, segue o curso do Rio Jaguaribe onde encontra aldeamentos indígenas. O navegador sofre resistências e tem necessidade de construir um forte para defender e enfrentar silvícolas. Assim, foi construído o forte de São Lourenço, conhecido posteriormente como Santa Cruz do Aracati, local à margem do rio, que além da função de proteger o colonizador tinha finalidade de porto. Foi o principal lugar na recepção de embarcações e trocas de mercadorias. Com a expulsão dos holandeses de Recife, Pernambuco intensifica o comércio com a província do Ceará, ampliando os fluxos de pessoas e mercadorias, quando ocorre maior dinamização comercial e populacional daquele espaço. Aracati, segundo Girão (1989: p. 65) é:

um porto de mar acessível, relativamente próximo do Recife e de Salvador, tornou-se, mesmo antes de ser elevada a Vila, o pulmão da economia colonial da Capitania, cuja riqueza era, em maior parte, por ela transitada. (...) Com as charqueadas, as rendas cresceriam e mais ainda, a Vila. Aracati exteriorizava sua opulência na arquitetura e no trato social (...).

O processo de ocupação e urbanização transforma Aracati em área de criatório bovino por estar a certa distância do litoral. Passa o lugar a ser uma

das maiores áreas de criatório bovino com o preparo da carne de charque, ou seja, carne conservada ao sol e sal, devido à inexistência da tecnologia de refrigeração. Essa atividade foi essencial para o desenvolvimento do comércio no Ceará e no Nordeste, destacando a formação de cidades por onde passavam os comboios do gado. No Ceará as cidades decorrentes desse processo são: Granja, Icó, Sobral, Iguatu, Caucaia e Aracati. A produção de carne de charque espalhou-se por toda região, chegando ao Sul do Brasil. Aracati detinha considerável rebanho bovino para aquela época e produzia atividades derivadas do criatório bovino

As condições geofísicas do litoral pastoril do Ceará favoreceram o surgimento desta indústria: matéria-prima abundante; ventos constantes e baixa umidade relativa do ar, favoráveis à secagem e à duração do produto; existência do sal e barras acessíveis à cabotagem da época. (DANTAS, 2003; 64).

Essas atividades econômicas desencadeiam o processo de urbanização de Aracati que é promovida a vila em 1747, sendo uma das primeiras, na capitania do Ceará (Siará). O comércio dinamizado com produtos da pecuária e agricultura provenientes de cultivos às margens do rio Jaguaribe, torna a vila receptora de produtores e consumidores da região. Por mais de um século Aracati sustenta essas atividades, até que em 1842 é elevada a cidade, afirmam historiadores como Braga (1947), Girão (1996) e Jucá Neto (2009).

A partir do criatório de gado torna-se importante também para Aracati o cultivo do algodão. O declínio na criação de gado e das charqueadas deveu-se às secas, em especial a conhecida “seca dos três setes” (1777), quando o Ceará perde parte do rebanho e ganha como competidor no comércio da carne seca o estado do Rio Grande do Sul, também pecuarista que adota a técnica rudimentar. Assim, a plantação de algodão emerge com força, rompendo o exclusivismo pastoril no Ceará e assume papel de destaque na economia cearense. O ciclo do algodão ajuda elevar a importância de Fortaleza como centro coletor e exportador do produto pelo porto do Poço da Draga, na Praia de Iracema. E vai contribuir para a estrutura econômica do sertão cearense, o binômio gado-algodão que perdura até o século XX, em Aracati.

É nesse contexto que a cidade de Aracati se desenvolve, até que a seca de 1790 a 1793, conhecida como a grande seca, extingue a população bovina, acabando o criatório bovino e, conseqüentemente, acabam-se as charqueadas. Vale lembrar que a chamada “indústria do charque” é agora realizada por gaúchos e passa a ser exclusividade de cidades da região de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

As secas diminuíram as atividades econômicas no sertão e contribuem para o Estado dar maior importância a Fortaleza e cidades vizinhas contribuindo para a construção do porto de Fortaleza e da Estrada de Ferro de Baturité. Afirma DANTAS (2003; p.65) que:

O advento da ferrovia e a abertura de rodovias reforçaram o papel polarizador de Fortaleza, restando às cidades do interior a função de centros de redistribuição de produtos industrializados ou adquiridos em Fortaleza e de centros coletores de pequena produção das fazendas interioranas. Dessa forma, a maioria dessas áreas de produção elegeu a Capital como centro de remessa de algodão, em detrimento do porto de Aracati, a montante da foz do Jaguaribe, de acesso menos fácil aos barcos de maior tonelagem. Com o emprego de navios a vapor, após 1860, o porto do Aracati tornou-se inviável mesmo no Fortim, o que, juntamente com os outros fatores, conduziu a cidade à estagnação.

O porto de Fortaleza e a Estrada de Ferro de Baturité contribuíram para a perda da hegemonia comercial de Aracati, além da mudança dos centros comerciais do Ceará, provocando a queda do poder político e econômico de Aracati. Os aracatienses vivenciam uma dura realidade da queda do apogeu econômico, e passam a ter menor expressão econômica no século XX. Somente no fim da década de 1980 e início da década de 1990 é que Aracati passa por nova dinamização econômica com o agronegócio e a revalorização de espaços para o lazer e o turismo. O lazer de segunda residência e posteriormente o turismo vão reordenar e dinamizar o território e a economia local.

Aracati passa a ser lócus de realizações de empreendimentos empresariais, desde os industriais ao agronegócio, que ocupam e dominam a extensão do Baixo Rio Jaguaribe aproveitando a tendência em todo o

Nordeste. E assim, surgem novas atividades agrícolas, sendo a fruticultura a recomendada para o semi-árido.

A fruticultura tropical é apontada como uma das possíveis soluções para a agricultura semi-árida nordestina. Destaca-se sua potencialidade para se transformar num importante pólo produtor e exportador de frutas tropicais, seja em forma da fruta fresca, seja processada (sucos e polpas). Entre as vantagens comparativas da região, apontam-se as condições naturais (altas temperaturas, forte luminosidade e baixa umidade relativa do ar); a grande quantidade de terras agricultáveis ociosas baratas e a tecnologia da irrigação. Tais condições permitiriam a produção de frutos de boa qualidade, durante todo o ano, eliminando a entressafra, que pode ser organizada de acordo com a demanda dos mercados nacional e externo, notadamente o europeu e o norte-americano. ELIAS (2002, p.313).

Como destaque da economia local o agronegócio se instala no território de Aracati, com beneficiamento de frutas tropicais em sua maioria, atividades alocadas na porção territorial da Chapada do Apodi<sup>3</sup>. Com as lavouras permanentes, destaca-se a produção de coco-da-baía, banana (cacho), castanha-de-caju, goiaba, mamão e manga. Somando a esse processo as lavouras temporárias, tem destaque o algodão herbáceo (em caroço), cana-de-açúcar, feijão, mamona, mandioca, melancia, melão, sorgo e tomate. Assim a fruticultura como lavouras permanentes e a as temporárias dão maior importância ao município que passou a ser destaque na exportação de frutas para os Estados Unidos e Europa (IBGE, 2008). Pode observar o beneficiamento de melão nas instalações da Empresa Mata Fresca S/a, na figura 8.

---

<sup>3</sup> “Superfície que em seu platô é plana ou levemente rampeada, mantida por sequência estratigráfica do grupo Apodi com ambiente estável.” SOUZA, OLIVEIRA e GRANJEIRO (p.38; 2002).



**Figura 8:** Beneficiamento de Melão na Agroindústria Mata Fresca S/a  
**Fonte:** Escóssio, 2010

Outra atividade que se torna importante a partir da década de 2000 no município é a carcinicultura. Grandes fazendas de camarões foram instaladas nas proximidades do mangues do Rio Jaguaribe, onde há abundância de nutrientes necessários ao desenvolvimento do crustáceo. As novas fazendas são baseadas em tecnologias modernas, com controle de salinidade e concentração da atividade, além de usar ração especial para o crescimento rápido dos animais. A carcinicultura tem sido objeto de debates e discussões no órgão ambiental do estado, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Estado do Ceará – SEMACE, onde são apresentadas denúncias de destruição do ecossistema, contaminação e destruição de manguezais e apicuns<sup>4</sup>. Porém, empresários do camarão continuam com a atividade e justificam as ações com o controle dos impactos do criatório. Algumas dessas atividades recebem financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDES, que descentraliza financiamentos alocando-os em atividades econômicas de pólos

---

<sup>4</sup> Segundo Queiroz et al (2008; p. 50) “Os apicuns são ecossistemas costeiros caracterizados por área plana com elevada salinidade, desprovidos de vegetação, localizados geralmente entre manguezal e encosta, na região de supra-maré. Estão, por definição, sempre associados a manguezais em diferentes regiões do mundo”.

econômicos menores (BNDES, 2009). A figura 9 apresenta uma “fazenda” de camarão instalada nas proximidades dos manguezais do Rio Jaguaribe.



**Figura 9:** Viveiros de camarão em Aracati  
**Fonte:** Melquiades Junior, 2010

As novas atividades instaladas no território Aracati não anulam o criatório de gado, sendo um dos produtos tradicionais do município. O gado é criado de forma extensiva. Têm destaque econômico também granjas de frangos e galinhas, que juntamente com produtos derivados, tornam o município importante centro de abastecimento do mercado interno, da capital cearense (IBGE, 2008).

A indústria em Aracati é incipiente tendo destaque a de fabricação de móveis que abastece a sede municipal e municípios vizinhos. Ao final da década de 2000 surgem novas mudanças no contexto produtivo com a instalação de usinas eólicas, ou aproveitamento econômico do vento. Teodoro Sobrinho (1919), afirma que Aracati significa lugar de muito vento ou vento de rajada forte, ou ainda aragem cheirosa ou vento que cheira. A Figura 10 mostra usinas eólicas em funcionamento sobre dunas de Canoa Quebrada.



**Figura 10:** Parque Eólico de Canoa Quebrada  
**Fonte:** SOUZA NETO, 2010

Com o funcionamento do parque eólico na extensão do litoral cearense, o estado do Ceará é líder na produção de energia limpa proveniente de ondas e da energia solar e na produção da energia eólica, segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL (2009). Embora haja denúncias de que instalações desse tipo de energia provocam poluição visual, com descaracterização de paisagens naturais, além de oferecer riscos àqueles que passeiam sobre dunas.

Os serviços passam a gerar mais empregos no município impulsionados pela polarização comercial que exerce Aracati na porção do litoral leste e no corredor urbanizado do Baixo Jaguaribe. A atividade turística no território apropria-se de recursos naturais que conferem paisagens ímpares e patrimônio cultural edificado de grande importância histórica, tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O patrimônio histórico de Aracati foi tombado em 2000 pelo IPHAN (2010).

Muitos monumentos históricos de Aracatii foram tombados, como a Cruz das Almas, Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, Casa de Beni Carvalho, Casa de Jacques Klein, Casa de Adolfo Caminha, Sobrado do Barão de Aracati, Casa sede da Confederação do Equador, Casa de Câmara e Cadeia, Casa do Monsenhor Bruno, Oratório de Bom Jesus dos Navegantes e Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Sendo esses monumentos datados dos séculos XVII e XVIII. A Figura 11 apresenta a Rua Grande, na qual se concentra a maioria dos monumentos históricos tombados.



**Figura 11:** Rua Grande: Principal Corredor do Patrimônio Artístico e Cultural de Aracati  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Um patrimônio natural paisagístico é o Rio Jaguaribe que meandra na região, sofrendo os impactos da ocupação e uso indevido nas margens, onde foi retirada da mata ciliar e tem sido receptor de dejetos e sedimentos que comprometem a vida do rio. Constata-se facilmente nas margens descumprimento da legislação ambiental. A Figura 12 apresenta essa realidade às margens do rio Jaguaribe, em Aracati.



**Figura 12:** Construção na proximidade das margens do Rio Jaguaribe  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

O espaço rural de Aracati também dispõe de elementos paisagísticos com potencialidades para exploração turística como lagoas, casas de engenho e casas de farinha. Porém, as praias são as áreas mais valorizadas para o turismo de Aracati.

A “descoberta” do litoral como espaço de lazer e turismo em todo o país, revaloriza a costa brasileira, apesar de inúmeros impactos. O processo de litoralização desencadeado no Nordeste chega a Aracati, levando os 45 km de praias a assumirem nova dinâmica. O território é ocupado por segundas residências e posteriormente pelo turismo. A presença de novos “fixos urbanos” ligados ao lazer e ao turismo no território aracatiense organiza-se em redes de hotéis, *resorts*, pousadas, bares e espaços da oferta de serviços que dinamizam a atividade turística. Assim, Aracati assume outra forma, determinada pelo redirecionamento do conteúdo que no fundo é o mesmo, pois a mudança no modo de produzir são acomodações que não mudam o modo de produção.

Em Aracati ao longo da costa, algumas praias e comunidades mantêm-se incólumes por falta de acesso, preservando modos tradicionais de vida. Entretanto, investimentos imobiliários e estruturas de equipamentos para o turismo receptivo reconfiguram o lugar e dinamizam a economia.

O turismo, movido por políticas públicas e privadas, segue mobilizando trabalhadores, turistas, empreendedores e, em especial, governos responsáveis pela geração de políticas de emprego e renda. É essa a expectativa criada e de onde vêm as cobranças ao Estado por parte dos residentes que exigem trabalho e qualidade de vida, das empresas que querem receber incentivos e infraestruturas de apoio, e dos críticos, sobretudo ambientalistas, que cobram a responsabilidade social das empresas e a mitigação dos impactos causados pelo turismo.

E assim o processo de acumulação do capital em Aracati ocorre em parceria do Estado com a iniciativa privada<sup>5</sup> com políticas públicas e privadas concentradas no setor terciário, com destaque para o turismo.

---

<sup>5</sup> HARVEY, David. Espaços de Esperança. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Aponta uma parceria entre o Estado e a iniciativa privada na qual o primeiro entra com a infra-estrutura e a segunda, com os lucros.

## 2.1 Aracati e as Bases Territoriais e Econômicas do Ciclo do Gado e do Algodão

O Estado do Ceará teve povoamento tardio, no contexto do desbravamento do território nordestino. Vários fatores concorreram para esse atraso, tais como a existência de uma população nativa arredia; as peculiaridades de correntes aéreas e marítimas que obstavam o acesso à costa; as ocupações holandesas dos anos de 1637 a 1644 e de 1649 a 1654; e, de um ponto de vista comercial, a aparente invisibilidade da região, sem minerais, e com clima e solo desfavoráveis à produção de cana-de-açúcar como explica o historiador Girão (1986).

Os caminhos traçados pelas boiadas foram fundamentais para a ocupação do Ceará. Desde o início da colonização, o gado, trazido principalmente de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, definiu percursos que tinham como destino as ribeiras dos rios, local de implantação dos primeiros povoados. As três ribeiras em que fora dividida a capitania do Ceará tinham como referência as bacias hidrográficas da região, ganhando o nome do rio principal de cada uma delas.

A do Rio Ceará correspondia à área onde estavam situadas as vilas de Fortaleza, então incipiente povoação, e de Aquiraz. A do Rio Jaguaribe abrangia todo o curso deste curso fluvial, localizado ao sul de Aquiraz, e a do Rio Acaracu (Acarau), a oeste de Fortaleza, correspondia à região de Sobral (Girão, 1963). A pecuária se instala no território cearense como atividade complementar aos canaviais (Lima, 2002). Dessa forma,

O gado sempre foi um servo da cana; ocupava áreas pioneiras à sua espera e cada vez se distanciava mais do litoral, tendo, conseqüentemente, que ir alongando cada vez mais suas caminhadas para chegar aos centros de consumo. (ANDRADE, 2005, p. 105).

O deslocamento do gado da porção litorânea do Nordeste brasileiro se configura pela expansão da monocultura canavieira, passando esse a ser criado no interior da colônia. Um dos impulsionadores dos deslocamentos da

produção é a Carta de 1701 que proibia a criação de gado até dez léguas dos canaviais devido aos grandes incidentes causados pelo gado, como a destruição de canaviais. A pecuária no Nordeste brasileiro apresenta importância inestimável.

Desse modo, foi a pecuária quem conquistou para o Nordeste a maior porção da sua área territorial. Complementou a área úmida agrícola com uma atividade econômica indispensável ao desenvolvimento agro-industrial do açúcar e o abastecimento das cidades nascentes. Carreou para o Sertão os excedentes de população nos períodos de estagnação da indústria açucareira e aproveitou a energia e a capacidade de trabalho daqueles que, por suas condições econômicas e psicológicas, não puderam integrar-se na famosa civilização da “casa grande” e da “senzala”. Permitiu, assim, a formação daquilo que Djacir Menezes chamou de “O outro Nordeste”, do Nordeste das caatingas e do gado, que, a um só tempo, se opõe e complementa o Nordeste do massapê e da cana-de-açúcar. (ANDRADE, 2005, p.190).

Porém, a condição de atividade complementar da cana-de-açúcar não se aplica em todo o Nordeste brasileiro, em porções do território nordestino a única atividade econômica era pecuária, era essa a forma de sobrevivência.

Para o Ceará, ou para o sertão nordestino, a pecuária deixou de ser uma atividade acessória da economia açucareira. Desde sempre foi a principal ou a única atividade econômica, com possibilidades lucrativas, embora com uma reduzida produtividade e um pequeno rendimento, e, conseqüentemente, baixo poder de acumulação. Não foi, portanto, uma atividade secundária. Se foi subsidiária do açúcar no longínquo litoral, a atividade comercial das boiadas, a manufatura e a comercialização da carne salgada e dos couros e similares a conformaram como uma atividade essencial para o desenvolvimento da Capitania cearense durante todo o século XVIII. (JUCÁ NETO, 2009, p.88)

Assim, com a ratificação do criatório no interior da colônia, nas brechas deixadas pela pecuária, o ciclo econômico do algodão ganha espaço, contribuindo para imprimir à estrutura fundiária do sertão nordestino. O conhecido binômio gado-algodão persistiria até o século XX. Processo que faz surgir cidades. No Ceará, esse processo instala latifundiários que se fortalecem em diversos territórios.

O período áureo da pecuária nordestina estadeia-se no século 18, quando flui generosamente a fonte das concessões

territoriais e ultima-se o povoamento, graças ao boi, cujo passo tarde mais consistente conquista as caatingas e o tapuio bravo, acolchetando economicamente aqui como alhures, o sertão aos núcleos consumidores da periferia açucareira e o centro minerador. (BRAGA, 1947, p. 149)

A partir da ocupação pelas boiadas, novos mercados se abrem, sendo o boi o responsável pela interligação do sertão nordestino com o resto da América Portuguesa. Analisa JUCÁ NETO (2009; p.88) esse processo afirmando que,

exatamente pelos fluxos das boiadas, a atividade comercial desenvolvida em torno da economia pecuarista alcançou os fluxos do Atlântico, estabelecendo uma conexão econômica entre o sertão, a zona açucareira, a Metrópole e a África – com exportação do tabaco - via portos do litoral nordestino e viceversa. Esta conexão só foi possível porque distâncias foram vencidas, caminhos foram abertos pelos vaqueiros e vilas fundadas em pontos estratégicos dos fluxos que se estabeleciam. Estes caminhos interligaram diversos núcleos pelo sertão adentro e levaram os produtos da pecuária ao litoral, para depois seguir em forma de couro e similares para a Metrópole, via portos de Pernambuco e Paraíba. Eles foram os verdadeiros vetores da ocupação e do povoamento da região a oeste do açúcar, responsáveis pela integração territorial de todo o Nordeste, e deste com o restante da América Portuguesa.

A conquista do território nordestino ocorre em movimento que Capistrano de Abreu (1967, p.71) denomina de “sertões de dentro” e “sertões de fora”. “Acompanhando os vales dos rios, baianos e pernambucanos viriam formar as correntes exploratórias como a corrente do sertão de dentro, dominada pelos baianos e a do sertão de fora, formada pelos pernambucanos”. Assim, a expansão do gado seguiu os seguintes princípios:

- a penetração do interior, arrastou o homem para a mais larga ocupação das terras; seu domínio e exploração não podia se fazer sem transporte de mantimentos, e o gado era tudo isso: era uma mercadoria que se transportava por si mesma marchava abrindo caminhos;
- o povoamento não se podia radicar ao meio hostil e rude sem o pastoreio: a criação era a única indústria viável nos altos sertões, uma vez que a lavoura carecia de caminhos e estradas abertas, custando muito o transporte dos produtos da lavoura;

- a mineração e a própria atividade da lavoura e beneficiamento de produtos precisavam de animais, que eram supridos pelas fazendas do interior. E a pecuária desenvolveu-se, tendo como seu mercado a indústria açucareira e a mineração. (ANDRADE, 1974, p. 58-59)

De acordo com os princípios elencados por Andrade (1974), verifica-se que o desbravamento pelos “sertões de fora” fez chegar o gado ao Ceará por meio do Rio Jaguaribe, com lutas entre índios e “conquistadores” brancos. Tornou-se necessário a implantação do forte São Lourenço, que contribuiu para o surgimento da vila de Santa Cruz de Aracati. Logo, a vila se torna entreposto para mercadores e exploradores que iam até o Maranhão. Assim, o gado torna-se atividade ímpar para o desenvolvimento econômico de Aracati.

A venda da carne do boi e o comércio do couro foram os maiores responsáveis por essa euforia econômica. A carne trazida para a vila era salgada e transformada em charque nas oficinas. Naquele período, Santa Cruz do Aracati consolidou-se como o "pulmão econômico" da capitania. O comércio do couro e da carne industrializada lhe dava *status* e lhe abriam portas para os artigos de Portugal. É interessante notar que a opulência da vila se manifestava na arquitetura das edificações, nos monumentos, nos casarões e nas artes. (LIMA, 2002, p. 6-7)

O comércio se expande atingindo quase que totalmente o território cearense formando uma rede de interligação de vilas, a partir do deslocamento do gado. Porém, antes do desenvolvimento de diversas ações pelo território, Quintiliano (2009; p.27) relata sobre a formação territorial da região Nordeste e do Ceará que:

A ocupação do território do Nordeste brasileiro pela Coroa Portuguesa teve início no século XVI, com a exploração do pau-brasil. Na corrida pela descoberta de jazidas de metais preciosos (ouro e prata principalmente), o interior do Brasil passa a ser explorado. No Ceará, não se registram esses minérios e passam longo período esquecidos, mas é com a atividade da cana-de-açúcar, no litoral e sua co-irmã, a pecuária, que ocorre a ocupação do litoral e do interior nordestinos. No período inicial, entretanto, a porção ocupada pelo Ceará ainda permanece à margem da “descoberta” dos exploradores.

Do ponto de vista da exploração econômica da terra, o estado do Ceará no início da colonização tinha na pecuária praticada de forma rústica e extensivamente. A atividade agrícola estava vinculada apenas à sobrevivência das populações envolvidas com a criação de gado. Desta realidade surgem

duas características que apresentam os traços iniciais em que foi baseada a exploração econômica do solo do Ceará: a falta de pessoas para trabalhar e a criação de um segmento de homens livres.

Com a “descoberta” do território cearense expande-se a criação de gado a partir de caminhos que tendem a interligar espaços para escoamento da produção de charque. A produção tinha como mercado as vilas pernambucanas que distribuíam a carne do Ceará pelo Nordeste brasileiro. A pecuária adquiriu importância e se especializou pelo Ceará num processo que em um primeiro momento segue o leito dos principais rios cearenses. Assim, Studart Filho (1966) explica a infiltração do gado no território cearense e Quintiliano (2009) resgata como as estradas promoviam a fluidez no território cearense. As estradas recebiam denominações referentes ao rio e aos mercados consumidores, e era assim que as vilas se interligavam.

- **Estrada Geral do Jaguaribe:** de Aracati sobe acompanhando o rio Jaguaribe pela margem esquerda, até Itaiçaba, quando atravessa para o outro lado e passa em Russas, segue para Icó, de onde vai até perto das nascentes do rio Salgado; depois de transpor a Chapada do Araripe, descamba nas caatingas de Pernambuco, chegando ao rio São Francisco no início do século XVIII. [...] considerada “a mais notável via de penetração do Ceará colonial”. Durante o período colonial, os gêneros de primeira necessidade de que se abastecia o nosso interior e mesmo os distantes sertões do Piauí tiveram por ela passagem. Com as oficinas de carne no Aracati, a estrada tem o trânsito intensificado. Quando sobrevém a decadência da pecuária, o algodão passa a ser a principal mercadoria por ela transportada, em especial, no seu trecho setentrional.
- **Estrada Nova das Boiadas:** vem de Pau dos Ferros (RN), pelo Pereiro, atravessa o rio Jaguaribe em local próximo à cidade de Jaguaribe; mais na frente cruza o rio Banabuiú e depois o Quixeramobim e, enfim, chega à cidade do mesmo nome, onde se bifurca. Um ramal vai por Boa Viagem, Independência e Crateús, alcançando o Piauí pelo boqueirão do Poti; outro se dirige a Sobral. [...] A Estrada Nova das Boiadas,

prolongando-se até a Capital de Pernambuco, por Barriguda, Tabuleiro Formoso e pelo “Caminho das Boiadas”, da Paraíba, era a corda de um imenso arco formado pelo velho caminho que, beirando o mar, unia Camocim ao Recife, tocando em Natal, João Pessoa e Olinda. Assim, tanto isola Fortaleza quanto contribui para que populações das capitanias vizinhas venham povoar o Ceará.

- **Estrada das Boiadas:** do início do século XVIII, a função era escoar a produção pecuária do interior do Piauí para os mercados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Passa por Icó, Iguatu, Jucás, Saboeiro, Arneiroz e Tauá, de onde, pelo riacho da Carrapateira, penetra em Vertentes e Crateús e, por fim, no centro do Piauí; de Tauá pode ainda seguir por atalhos abertos nos flancos da Serra Grande.
- **Estrada Crato-Piancó:** uma das mais antigas vias entre o Ceará e o sertão paraibano. Vem de Patos, passa por campinas e tabuleiros em direção a Piancó; depois segue rumo ao Ceará, passando por Mauriti e Missão Velha, até o Crato, então destacado fornecedor de açúcar e rapadura. Por ela transitavam também as boiadas do Piauí em demanda das feiras da Paraíba e Pernambuco.
- **Estrada Crato-Oeiras:** é aberta para encurtar o caminho entre o Cariri e as extremas meridionais do Piauí. Sai do Crato rumo a Campos Sales, de onde, pela Chapada do Araripe, atinge Picos e, enfim, a então vila de Mocha, hoje Oeiras. (STUDART FILHO, 1966, p.153-154); (QUINTILIANO, 2009, p. 30-31).

O desenvolvimento e consolidação das estradas do gado em primeiro momento serviam para o deslocamento do gado e para o abastecimento das vilas com carne. A carne era distribuída após o processo de salga e secagem, essa carne desidratada do sol era conhecida como Carne de charque e devido a esse nome as Charqueadas ficaram famosas. Diz Braga (1947, p.150):

Um anônimo teve a idéia genial de industrializar a carne desses rebanhos costeiros do Ceará, aproveitando a técnica do preparo da carne seca, conhecida de todos os criadores. A idéia dominou o litoral pastoril que, além da matéria-prima abundante, possuía outros factores locais asseguradores de êxito: vento constante e baixa umidade relativa do ar,

favoráveis à secagem e duração do produto; existência de sal, cuja importância se não precisa destacar; barras acessíveis à cabotagem da época.

As condições naturais contribuíram para que o processo de transformação da carne de gado fosse feito em Aracati. Ou seja, a dinamização do território cearense e de Aracati foram iniciados com o advento das charqueadas. Aracati adquire a importância por ser centro de dispersão de carne salgada e importadora de mercadorias da Coroa portuguesa. Sendo a principal vila da Estrada Geral do Jaguaribe, seu porto dinamiza toda a região e a vila de Aracati passa a ser importante eixo para o escoamento da produção e exportação da carne-de-sol.

As povoações de Aracati, Granja, Camocim e Acaraú possuíam as condições exigidas. Ali, em toscas oficinas, passou a ser fabricado um tipo de carne-seca, prensada, moderadamente salgada e desidratada ao sol e ao vento, por tempo necessário a sua conservação. Isso com o aperfeiçoamento da técnica empregada pelo índio, transferida ao vaqueiro, no preparo da carne-seca, ainda hoje comum nas regiões sertanejas nordestinas – a chamada carne-do-sol. (GIRAO, 1996, p.72)

Se no primeiro momento a criação bovina na Capitania do Ceará tinha como destino Pernambuco, o mercado a ser abastecido. A tecnologia de salgar carne modifica o trajeto das boiadas. O surgimento das fábricas, oficinas ou feitorias<sup>6</sup> ocasiona o deslocamento dos mesmos, para a foz dos rios em que havia criatórios.

Este movimento revolucionou a feição econômica, social e política da Capitania. O litoral e o sertão interpenetraram-se comercialmente e os laços administrativos entre as duas zonas tornaram-se mais significativos. Os mais longínquos núcleos sertanejos nutriam-se com as utilidades de outros centros, remetendo em troca os produtos da terra. (GIRAO, 1996, p.73-74)

As oficinas instaladas nas embocaduras dos rios permitiam que o embarque do produto fosse imediato das oficinas para os mercados em Recife, favoreceram o surgimento das feitorias e, conseqüentemente, o progresso da

---

<sup>6</sup> Braga (1947, p.150) Relatava que a produção de carne-seca era obtida do gado da seguinte maneira: “Eram toscas intalações que fabricavam duas espécies de carne-seca: de posta e de tresalho. A primeira provinaha do quarto da rês, que davam seis postas, duas por trazeiro e uma por dianteiro; a segunda originava-se das mantas, em número de duas, formadas pelas massas musculares que cobrem o pescoço, as costelas, os flancos.”

Vila. Braga (1947, p.151) demonstra todo o poderio econômico adquirido por Aracati ao registrar que:

Em uma correspondência de 1788, dizia d. Tomás José de Melo, capitão general de Pernambuco, que todo o gado dos sertões era para matar, salgar e navegar, expressão que retrata perfeitamente o centripetismo das oficinas. Não havia mais quem arrematasse o contrato das carnes, os açougues funcionavam intermitentemente.

Assim, a dinâmica das charqueadas pode ser definida por três elementos indicados por Andrade (1974). O primeiro é que as charqueadas marcam o encontro de homens do mar com homens do sertão, ou seja, as charqueadas foram fundamentais para a diminuição dos espaços entre sertão e litoral; o segundo é que contribuem para o primeiro impulso monetário de desenvolvimento das fazendas de gado com as divisas de sua própria indústria e o terceiro abre caminho às importações. Assim, a vila de Aracati vivencia esses estágios em seu vasto território. A comercialização da carne-do-Ceará tomou tanta importância que Girão (1986, p.74), afirma ter havido tentativa da criação da Companhia de Carne-Seca e Couros do Sertão.

A comercialização da carne e do couro tomou tamanha dimensão, a ponto de ser proposto ao governador Luís Diogo, por comerciantes pernambucanos, em 1757, a criação de uma Companhia de Carne-Seca e Couros do Sertão, quando se pretendia incrementar a produção dos dois produtos e distribuí-los em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

O gado ia para Pernambuco vivo e emagrecia na viagem perdendo valor de mercado. Saia das fazendas que se instalavam às margens do Rio Jaguaribe e caminhava em direção ao porto para o beneficiamento da sua carne e exportação no estado de Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia (Braga, 1943). Era assim que o trabalho de homens do sertão e do litoral se completava. O fluxo de barcos que existia no porto de Aracati, ocasionado pela chegada de mercadorias de outras partes da colônia e até de Portugal.

Aracati a 15 quilômetros da barra do rio mais importante do Ceará excedeu a todas as povoações e durante mais de meio século manteve a privilegiada situação de maior exportador de produtos pecuários do Assu ao Parnaíba. (BRAGA, 1943, p.152)

Essa dinâmica transforma o espaço de Aracati ocasionando a formação do espaço urbano na vila de Aracati, que se desenvolviam a partir da abertura de ruas, da chegada do clero e a construção de Igrejas. E assim, forma-se a classe mais rica, uma elite aracatiense, baseada no comércio da carne-do-sol, que passa a construir belos sobrados e casarões, com azulejos trazidos de Portugal e alocam-se na famosa Rua Grande, que também concentrava o comércio local. Contemporaneamente esses casarões são funcionalizados para atendimento a serviços turísticos. A figura 13 mostra sobrados alocados na Rua Grande que datam do período das charqueadas.



**Figura 13:** Casarões provenientes das Charqueadas do Séc. XVIII  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

A elite pecuarista de Aracati detinha poder econômico com acessibilidade à cultura nacional. O contato de residentes com pessoas oriundas de outras partes do Brasil e da Europa levava os aracatienses a serem importantes.

A riqueza e o contato com a gente mais civilizada fizeram dos aracatienses os homens mais notáveis da capitania, não só no

trajar, nas artes, nas letras e nas ciências, mas nos negócios. Ser natural de Aracati representava na época uma legítima carta de apresentação. (GIRAO; 1996, p.77)

Contudo, esse perfil do aracatiense entra em colapso com a crise na pecuária em decorrência da seca. Mas a pecuária foi expressiva na economia local até o final do século XVIII. Período em que, além do couro, desenvolve-se o forte comércio de charque, produto derivado. Entre os anos secos de 1790 e 1793 ocorre completa desarticulação das chamadas oficinas de charqueadas e essa prática migra para o sul do país<sup>7</sup>. Analisando a seca em Aracati encontra as visões de Braga (p.157, 1947), que relata:

Secaram os mananciais, as pastagens transformaram-se em pó, famílias inteiras morreram à míngua, muitas emigraram, o gado pereceu, nem as alimárias silvestres escaparam à fúria da fome e da sede que lavrou durante quatro anos. Desapareceu do Ceará um terço da população e o sertão praticamente ficou deserto.

Porém, a intensidade da seca e o flagelo eram sentidos de forma diferenciada pelas populações, pois dependiam do poder econômico dos habitantes dos lugares. E não havia outras atividades e tecnologia para trabalho e sobrevivência.

Áreas como Aracati que tinham um fluxo de capital maior, que não resumia sua atividade econômica, a criação de gado, mas também incluía a exportação de algodão e comércio com o Sertão, resistiam com menor dificuldade ao flagelo. (VIEIRA JUNIOR, p.9; 2002)

Independente de localização ou influência sobre outros centros desenrolou-se no período de seca a estagnação das charqueadas e logo depois seu definhamento, tendo a seca como principal motivo para o término dessa atividade em grande escala no Ceará. Como também, falta de tecnologia para convivência como o fenômeno climático natural no Nordeste.

Vista como um castigo que poderia descer do céu ou subir do inferno, a seca era representada como um ponto de

---

<sup>7</sup> Segundo Braga (p.159, 1947) "Foi um cearense, José Pinto Martins, tangido para os pampas em consequência de uma seca, o fundador da indústria saladaril no Rio Grande do Sul. José Pinto Martins era do Aracati e em 1780 assentou pequena fábrica de carnes, em terras pertencentes a Manuel Carvalho de Souza, à margem direita do Pelotas". A partir desse momento soma-se a transferência da técnica do Nordeste para o Sul do país e confirma-se a impossibilidade de concorrência do Nordeste, pois as secas dizimaram o rebanho nordestino.

intersecção entre pobres e ricos. A morte aproximava esses estamentos sociais, pois cobrava reações insanas na garantia de sobrevivência. Carnes em estado de putrefação e raízes venenosas compunham essa dieta do desespero. O fenômeno da Seca Grande foi narrado da mesma forma em discursos oriundos de vilas que se situavam em extremos opostos da Capitania. O que era indício da amplitude dessa seca, principalmente quando se considera que tais vilas eram áreas economicamente desenvolvidas e tinham destaque no cenário agro-pastoril cearense. Ambas situavam-se próximas de rios, o Jaguaribe e o Acaraú, e ambas tiveram na pecuária a principal atividade motriz de seu desenvolvimento. (VIEIRA JUNIOR, 2002; p.4)

Assim, as charqueadas no Ceará dependiam das condições climáticas. Aponta Braga (1947, p. 159) que “no Ceará não houve decadência na indústria da carne. Ruiu de uma vez. Caiu para nunca mais se levantar”. Assim foram as secas de 1777-1778 e 1790-1793 que interromperam os tempos áureos do gado no Ceará e conseqüentemente em Aracati. As riquezas produzidas pelas charqueadas deixou registros no território, o conjunto arquitetônico pode se observar a partir da Figura 14. Nos sobrados da Rua Coronel Alexanzito moravam os grandes comerciantes do gado.



**Figura 14:** Sobrados datados da época das Charqueadas

**Fonte:** Souza Neto, 2010

Dentre os produtos agrícolas concorrentes da pecuária, o principal deles foi o algodão que contraditoriamente não ocorre desligado do gado. Desenvolvem-se várias áreas da Capitania do Ceará com destaque e com maior vantagem econômica sobre aquelas que se mantinham apenas com o gado e seu comércio.

Ante os acontecimentos internacionais do século XIX, o território conhecido se integra à demanda do algodão, associando-se à pecuária extensiva. O algodão assume importante papel na economia cearense como principal atividade comercial agroexportadora, abastecendo mercados norte americano e europeu. O processo da economia cearense alicerçada no tripé: gado, algodão e agricultura de subsistência, em detrimento dos grupos indígenas, inicia a sistematização da economia industrial cearense frente ao contexto nacional que depositava a necessidade de se industrializar para desenvolver. (QUINTILIANO, 2009, p.35).

O surgimento da cotonicultura introduzido no Estado no ano de 1777, o algodão sofreu grande impulso com a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1777 a 1780). A expansão do parque têxtil europeu exigia importação do produto, cujo principal fornecedor era aquele país. As exportações brasileiras foram elevadas neste período e isso beneficiou principalmente Pernambuco, a quem o Ceará era vinculado administrativamente, até 1799. O período de *boom* é curto e vai até 1822, quando, além da diminuição nas quantidades exportadas, ocorre também queda no preço internacional.

A pecuária e o cultivo do algodão constituíram as bases do processo econômico do Ceará e, em particular, da implantação de indústrias. Durante quase trezentos anos de ocupação efetiva das terras cearenses, a população desenvolve, como principais atividades econômicas, a criação do gado e o cultivo do algodão (Amora, 1978).

Com o propósito do fortalecimento das principais atividades econômicas, principalmente no que se refere à pecuária e ao algodão, as ações de “catequização” e domínio dos povos indígenas têm ritmo acelerado. A dinamização da pecuária e do algodão surge em processo lento tendo clímax

no século XIX. O cultivo do algodão herbáceo era praticado pelos índios, mas o fato determinante para a expansão e produção em larga escala foi a alta de preço na cotação do algodão no mercado internacional. Lembra Jucá (1975), que esse aumento na produção e no consumo foi reflexo da Revolução Industrial. Portanto, o cultivo da planta nativa e prática indígena e posteriormente dos escravos, para produção artesanal de "panos grosseiros". A partir do último quartel do século XVIII é que o algodão toma caráter de atividade comercial (Girão, 1986), para o atendimento da demanda europeia.

A Revolução Industrial inglesa impõe ao mundo a necessidade de maior produção de algodão. Além do Ceará, Pernambuco e Maranhão também passam a ser importantes mercados exportadores até meados do século XIX, quando a produção nos Estados Unidos passa a liderar o mercado do algodão. A Guerra da Secessão Americana impede a produção algodoeira desse país, favorecendo a retomada das exportações brasileiras, refazendo as regiões desoladas do Nordeste até 1870, aproximadamente. Girão (1986, p. 158) mostra como esse fato contribuiu para o avanço sobre as terras cearenses:

De um ano para outro, a Província cobriu-se de algodoais; derribavam-se as matas seculares do litoral às serras, das serras aos sertões; o agricultor com o machado em uma das mãos e o facho na outra deixava após si ruínas enegrecidas. Os homens descuidavam-se da mandioca e dos legumes, as próprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto; era uma febre que a todos alucinava, a febre da ambição.

Na avaliação de Caio Prado Júnior (1963, p.142), por ter sido cultura de lavradores modestos, foi possível o grande e rápido desenvolvimento da cultura algodoeira. O autor revela que no Ceará o algodão invade a bacia do Jaguaribe, e seu principal centro é o Alto-Sertão, em Icó. Aracati, escoadouro natural desta região, torna-se um destacado porto que, em 1794 já remetia 16 a 18.000 arrobas do produto (Ibidem, p.145).

Dessa forma, novos investimentos são feitos, dessa vez na produção agrícola algodoeira, inaugurando um segundo sistema técnico na região do Baixo Jaguaribe, expandindo um novo conjunto de fixos (armazéns, teares, fábrica de beneficiamento etc.) e criando novas relações de trabalho.

Assim, o cultivo do algodão alcança, em meados do século XIX, o nível de principal produto da Capitania do Ceará. A Capitania exportava diretamente para os consumidores na Europa. Como consequência, a cultura do algodão disseminava-se por todo o território cearense. As melhores terras, o maior número de fazendas e os mais incomensuráveis esforços são canalizados para a cultura do algodão, mas não descarta o gado: pelo contrário, a economia é fortalecida no binômio gado-algodão. O algodão, resistente ao clima semi-árido do sertão, passa então a ser cultivado em praticamente todo o Ceará.

Com a abertura dos portos brasileiros em 1808, o Ceará passa a exportar o algodão diretamente para o mercado externo. O porto de Fortaleza é escolhido como porto natural de exportação do algodão. A rede de coleta do algodão contava com cidades subcoletoras, mas a grande coletora e exportadora passa a ser Fortaleza. A construção da primeira linha férrea, Baturité – Fortaleza e a abertura de estradas interligando a capital com o interior ocorrem em decorrência dessa atividade. Com as ferrovias concentrando-se no novo porto, Fortaleza retira de Aracati a atividade tornando-se centro de exportação algodoeiro. Aracati entra em fase de estagnação.

Estagnação essa que não é apenas econômica, mas política e também social. A população aracatiense que tinha o prazer de ser considerada a mais polida do Ceará pela relação intensa com as principais cidades brasileiras e com Portugal fica abalada (Braga, 1943). Portanto a pompa e o poderio de Aracati são registros do século XVIII e início do século XIX, quando a estagnação se instala.

Somente, no final do século XX, a partir de mudanças comandadas pelo Estado moderno empregado no Ceará, Aracati entra em novo ciclo econômico: o do lazer e do turismo. Os ciclos econômicos de Aracati deixaram marcas que são aproveitadas pelo turismo.

O Nordeste tem ainda um grande referencial de atração na sua história, herança do povoamento que aí se iniciou com o descobrimento do Brasil, da qual se podem destacar cidades históricas com um certo nível de preservação como Salvador, João Pessoa, Recife, Olinda e São Luís, ao lado de cidades

com um menor tamanho populacional mas que guardam ricos traços do passado, como Caxias, no Maranhão, Oeiras e Parnaíba no Piauí, Aracati e Crato, no Ceará [...]. (ANDRADE, 2005, p. 283).

O gado e o algodão, marcantes atividades de Aracati, deixam rico patrimônio histórico que na contemporaneidade é aproveitado para o turismo. Os sobrados são abandonados como residência em função da descentralização urbana quando passa a ter preferência em locais de moradia elitizada. Assim, os sobrados passam a ter nova funcionalidade sendo sede de instituições, secretarias e do comércio como é apresentado na Figura 15



**Figura 15:** Sobrados apresentando nova função no séc. XX  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Armazéns que tinham como finalidade estocar a carne ou algodão para exportação adquirem novas funções, assim como os sobrados e casarões da Rua Grande, onde residiam os barões do charque e do algodão, tornaram-se museus, pousadas ou pontos comerciais. Relata Lefebvre (2001) que essas realidades são inseridas nas transformações do contexto urbano.

Formas, estruturas, funções urbanas (na cidade, nas relações da cidade com o território influenciando ou gerido por ela, nas relações com a sociedade e o Estado) agiram umas sobre as outras e se modificaram, movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar. Toda formação urbana conheceu uma ascensão, um apogeu e um declínio. Seus fragmentos e restos serviram para/em outras formações. (Lefebvre, 2001; p.60)

Assim, o patrimônio histórico e cultural de Aracati são marcas da história do gado e do algodão. Os fixos urbanos criados para esses ciclos econômicos tradicionais são atrativos turísticos e se integram aos roteiros turísticos de Aracati quando deixam de ser simples espaços físicos, mas constituem signos e símbolos da ideologia turística que se apropria de patrimônios culturais.

Processos globais, relações gerais só se inscrevem no texto urbano quando transcritos por ideologias, interpretados por tendências e estratégias políticas. Donde a dificuldade, sobre a qual convém agora insistir, de conceber a cidade como sistema semântico, semiótico ou semiológico, a partir da lingüística, da linguagem urbana ou da realidade urbana considerada como um conjunto de signos. (Lefebvre, 2001; p.61)

A linguagem do espaço urbano é uma das maneiras de promover o turismo, daí a apropriação da imagem do patrimônio histórico e cultural recriada, resignada e produzida para a inclusão na cadeia produtiva de turismo.

## 2.2 O Patrimônio Histórico em Processo: Trajetórias das Políticas

As marcas deixadas no território demonstram acumulação de tempos históricos. Assim, conhecer cidade histórica significa compreender a evolução e a adaptação do espaço geográfico às mudanças imposta pela sociedade. Santos (2002) assinala que esses registros temporais cristalizados no espaço “empirizam o tempo” e formam “rugosidades”<sup>8</sup> SANTOS (2002). Assim, no cotidiano da região de Aracati, as cidades, espaços, passam por processos de produção, reordenamentos, quando peças urbanas ou patrimônios históricos materiais são tombados, por serem considerados patrimônio material da humanidade. Aracati possui edificações que marcam períodos históricos e por isso são conservadas, além de ter-se o cuidado de conservá-las naquela forma histórica, não podendo ser descaracterizadas.

No Brasil, algumas cidades surgidas em decorrência dos ciclos econômicos que dominaram o território são protegidas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Natural - IPHAN. Assim, destacam-se as cidades de Salvador e Olinda em decorrência do ciclo da cana-de-açúcar, Manaus em decorrência do ciclo da borracha, cidades mineiras como Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e Sabará, a partir do ciclo do Ouro, e as charqueadas produziram cidades como Oeiras no Piauí.

No Ceará, por razões de relevâncias históricas e artísticas e por suas contribuições à compreensão do processo de ocupação do território brasileiro, alguns sítios históricos como as cidades de Icó (1997), Sobral (1999), Aracati (2000) e Viçosa do Ceará (2003) foram contempladas com tombamento federal pelo IPHAN. Relata Lefebvre (2001; p. 62) que esse processo é complexo e revela movimentos e racionalidades ideológicas.

Por ocasião de cada período crítico, quando estaciona o crescimento espontâneo da cidade e quando se detém o desenvolvimento urbano orientado e marcado pelas relações

---

<sup>8</sup> Segundo Santos (2002; p. 138) “as rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados (...)”

sociais até então dominantes, é então que aparece uma reflexão urbanística. Sintoma de mutação mais do que sintoma de uma racionalidade em contínua ascensão ou de uma harmonia anterior (ainda que as ilusões a respeito deste ponto se reproduzem regularmente), esta meditação mistura a filosofia da cidade com a procura de uma terapêutica com os projetos de ação sobre o espaço urbano. Confundir esta inquietação com a racionalidade e com a organização constitui a *ideologia* que foi anteriormente denunciada.

Aracati é, portanto, resultado de um padrão da uma classe social que se pode considerar elite do charque e do algodão. O patrimônio histórico e cultural da cidade remete à sociedade aracatiense em um tempo histórico, estruturada em longas ruas com belos casarões, utilizando o azulejo português, testemunhos da época áurea do grande poder econômico de uma classe social do município. Daí porque a cidade pode ter o significado de um discurso histórico, de um texto que denota a vida econômica social de um período histórico (Coriolano, 2006). É esse movimento que constrói e desconstrói.

Aquilo que se inscreve e se projeta não é apenas uma ordem distante, uma globalidade social, um modo de produção, um código geral, é também um tempo, ou vários tempos, ritmos. Escuta-se a cidade como se fosse uma música tanto quanto se a lê como se fosse uma escrita discursiva. (LEFEBVRE, 2001; p. 62).

A produção urbana de Aracati proveniente do século XVIII compõe um patrimônio artístico e cultural que ao longo do tempo sofre modificações no padrão modificando a textura da urbanidade lusitana. O desenvolvimento aproximado e estendido ao longo do curso do Rio Jaguaribe, as “ruas grandes”, com seus sobrados e casas térreas, as ruas de serviço e de comércio, os largos das matrizes e das boiadas, e as praças para a catequese dos índios, expressam modelos adotados comuns nas vilas cearenses.

A arquitetura urbana da cidade com raízes portuguesas pode ser observada na figura 16, onde casarões e sobrados fazem o contorno da rua se instalando nos dois lados, como se fosse um grande corredor que vai ao encontro da Igreja Matriz. Muitos vivenciam o centro histórico a partir do comércio e serviços públicos que funcionam em repartições públicas hoje instaladas nas edificações coloniais.



**Figura 16:** Rua Grande em Aracati/CE  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Aracati teve importância política no período em que economicamente era o principal mercado exportador do Ceará. Assim, os aracatienses recebiam influências culturais pelo comércio com a Europa. O ponto de início do povoamento da sede era a rua Cel. Alexanzito, conhecida também como a Rua Grande, a rua dos casarões de dois e mais pavimentos. Com traçado em linhas paralelas ao rio Jaguaribe, a via pública se estendeu com largura e comprimento considerável e ornamentada com arborização central.

Dentre os casarões que fazem parte do conjunto arquitetônico destaca-se o que serviu de palácio da Presidência da República da Confederação do Equador (1824), movimento separatista que tinha como objetivo destituir a monarquia no Brasil e como principal líder Tristão Gonçalves, ilustre cearense que morre decapitado na Praça dos Mártires, em Fortaleza. Atualmente (2010), serve de apoio à Secretaria de Educação, funcionando como Escola de Ensino Fundamental e Médio Régis Bernardo. O casarão teve a fachada restaurada com acompanhamento do IPHAN, estando em boa conservação. O estilo e a

cor verde fazem destaque no traçado da Rua Grande, como pode ser visto na figura 17.



**Figura 17:** Casarão da Confederação do Equador  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Segundo a SEPLA (2005), as ruas Coronel Pompeu e Santos Dumont são limite entre a área urbana e a margem direita do rio. Foi a partir dessas vias que Aracati se expandiu urbanisticamente, pois muitas ruas tinham como final a área de alagadiço, onde o terreno baixo se nivela ao do rio Jaguaribe, registrando várias inundações, quando nas cheias do rio, tendo sido esse problema solucionado com a construção do dique de proteção.

A Rua Grande pode ser compreendida com os dizeres de Santos (2002, p.257) ao associar lugar com o tempo espacial, ou seja,

O lugar assegura assim a unidade do contínuo e do descontínuo, o que há um tempo possibilita a evolução e também lhe assegura uma estrutura concreta e inconfundível. Em um ponto determinado no tempo, as variáveis do espaço são *assincrônicas* de um ponto de vista genético, isto é, levando em conta as diferenças de “idade” que as caracterizam no pólo do sistema e nos outros pontos periféricos do espaço. No entanto, as variáveis funcionam *sincronicamente* em cada

“lugar”. Todas trabalham em conjunto, graças às relações de ordem funcional que mantêm. Cada lugar é a cada momento, um sistema espacial, seja qual for a “idade” dos seus elementos e a ordem que se instalaram. Sendo total, o espaço é também pontual.

Assim, conhecer pontualmente o espaço de Aracati implica conhecer como o turismo se apropria de alguns “lugares” para sua promoção. Na Rua Grande, os filhos ilustres da terra são lembrados e assim os casarões que pertenceram às famílias tradicionais locais instigam o conhecimento do lugar, levando turistas a se interessarem para conhecer a história do município.

A Casa do Escritor Adolfo Caminha, nascido em 1867, que escreveu *Normalista*, lamentavelmente encontra-se abandonada, em mal estado de conservação e só pode ser identificada por uma placa em uma das paredes do casarão que narra o fato. A figura 18 mostra a situação do patrimônio cultural que não está mais aberto à visitação, nem está em processo de recuperação mesmo tombado pelo IPHAN. O que constitui uma aberração e revela o descaso das autoridades cearenses quanto à proteção ao patrimônio histórico.



**Figura 18:** Casa do Escritor Adolfo Caminha

**Fonte:** Souza Neto, 2010

Outro grande marco do Patrimônio Histórico e Cultural de Aracati é a Casa do Músico Jacques Klein. Abandonado como algumas edificações do Patrimônio Histórico e Cultural, o casarão do ilustre morador Jacques Klein, mas ainda guarda a estrutura original mantendo a fachada pintada, limpa e sem modificações. Jacques Klein é considerado um dos melhores músicos da era moderna. Dedicou-se ao jazz, chegando a fazer apresentações no famoso Art Tatum. O artista estudou música clássica nos Estados Unidos e em 1953 ganhou primeiro lugar no Congresso Internacional de Genebra (PMA, 2010). A figura 19 mostra o sobrado que pertenceu à família Klein.



**Figura 19:** Casa do músico Jacques Klein  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Além da Rua Coronel Alexanzito, outra importante é a Coronel Alexandrino ou Rua do Comércio, avenida paralela é a Coronel Pompeu, que está com nova iluminação. A unificação de vias leva a rua Cel. Alexandrino a ser a rua principal de Comércio de Aracati. Nelas estão localizados o Mercado Velho e o Mercado da Carne. Aracati ostenta algumas praças arborizadas, bem

como determinadas ruas. As mais frequentadas são: Padre Champagnat, Monsenhor Bruno, Adolfo Caminha, Independência, Coronel Valente, Dr. Leite e Marechal Deodoro. A Praça Pe. Champagnat na Rua Grande pode ser observada na figura 20.



**Figura 20:** Praça Pe. Champagnat ao Fundo a Biblioteca Municipal  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Essa área é considerada de grande potencial turístico por abrigar o patrimônio histórico e relacionar-se à economia cearense do século XVIII. Outro importante e destacado monumento do patrimônio histórico e cultural de Aracati é a Casa de Câmara e Cadeia. Uma lei municipal de 1740 mandou construir o prédio que serviu de Câmara, mas só por volta de 1779 começou definitivamente a construção do empreendimento na Rua Grande. O prédio restaurado pelo IPHAN abriga a Câmara dos Vereadores e na parte de baixo o SEBRAE e SINE/IDT (PMA, 2010). É considerado um dos prédios antigos mais bem conservados na cidade de Aracati. Como pode ser visto na figura 21.



**Figura 21:** Casa de Câmara e Cadeia de Aracati

**Fonte:** Souza Neto, 2010

O monumento Cruz das Almas está localizado na entrada sul da cidade. Construído em 1748, ao ser instalado media aproximadamente 6.090 braças quadradas. A medida atual é de apenas, 110m<sup>2</sup>. Consta de um pedestal de alvenaria quadrado encimado por uma Cruz. O descaso com esse monumento também pode ser constatado, e esse “logradouro histórico” teve primazia, glória e honra de ser palco da solenidade oficial da criação da vila de Aracati. Foi reduzida a esta situação e, hoje ocupado por particulares, com conivência das autoridades locais, passa por um processo de deteriorização<sup>9</sup>. Diz a tradição local que o monumento está edificado no lugar onde foram enforcados escravos no período colonial e por motivos às vezes banais. Em tempos remotos, residentes costumavam

rezar terços, novenas e fazer romarias à Cruz das Almas. Nas noites de rezas, o ambiente era iluminado com lanternas multicolores e velas de devotos pagadores de promessa. LIMA (1979, p. 39)

---

<sup>9</sup> Muito bem observado no livro *Singelo Documentário de Alguns Atentados ao Patrimônio Cultural da Cidade de Aracati – 1940/94* de Hélio Ideburque Carneiro Leal.

Observa-se na figura 22 a Cruz das Almas em processo de restauração.



**Figura 22:** Cruz das Almas em primeiro plano, atrás a Igreja Matriz de Aracati  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Outro monumento pertencente ao Patrimônio Histórico de Aracati é o Museu Jaguaribano fundado em 1968, localizado no antigo solar do Barão de Aracati. Trata-se de um prédio de três andares adaptado para guardar inúmeras peças da história do Aracati bem como do vale do Rio Jaguaribe. A fachada é composta de azulejos portugueses, com piso de madeira de lei, destacando-se curiosamente um túnel com uma escada helicoidal de ferro.

O Instituto Museu Jaguaribano fica no Solar do Barão de Aracati, residência projetada em estilo neoclássico, em meados do século XIX, que serviu de residência ao Barão de Aracati, além de colégio, clube, hotel e, por fim, foi doado para sede do museu de Aracati. A arquitetura da época firmou-se em duas versões: o neoclássico oficial, da Corte, quase todo feito de materiais importados de Portugal. E a versão provinciana, simplificada, feita por

escravos, exteriorizando nos detalhes as ligações dos proprietários com o poder central. Na figura 23, tem-se a fachada do Museu Jaguaribano.



**Figura 23:** Museu Jaguaribano  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Criado em 15 de novembro de 1968, e inaugurado em 22 de dezembro do mesmo ano, o museu classifica, cataloga, expõe, conserva e restaura móveis, alfaias e objetos de arte considerados de valor histórico, artístico ou arquitetônico para o povo aracatiense. Iniciativa de várias instituições do baixo Jaguaribe com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado, da Diocese de Limoeiro do Norte, da Prefeitura Municipal de Aracati, do Conselho Comunitário de Aracati, da Representação no Ceará da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do Serviço Social da Indústria (PMA, 2000).

No entanto, desde a fundação, graças aos esforços de muitos aracatienses estudiosos da história do Ceará, as ações foram ampliadas e, além de exposições permanentes do acervo, o espaço transformou-se em

centro de pesquisa sobre a história do Aracati e da Zona Jaguaribana. O órgão é responsável pela coordenação do Museu Jaguaribano e do arquivo do Jaguaribe, fiscaliza e preserva cultura, arquitetura, história e arte da região e da cidade, e salvaguarda o patrimônio histórico e o acervo cultural, arquitetônico e artístico da Zona Jaguaribana, pois nele se encontram centenas de peças e relíquias não só da vida colonial aracatiense, mas de todos os lugares da região Jaguaribana, segundo informações coletadas em trabalho de campo pelo pesquisador (2010).

Durante quatro anos, a coordenação que dirigiu o Museu fez com um grupo de pesquisadores, relatos dos proprietários das peças do acervo e catalogação dos mesmos. Apesar de precárias as formas de trabalho, ocorreu registro das mais de quatrocentas peças do acervo permanente do Museu; este gesto fez com que a população da Zona Jaguaribana e principalmente de Aracati conhecesse a história das famílias e dos personagens ilustres que por aqui passaram além de ver e admirar os objetos que apesar de mudos contam a história de diversas épocas vivenciadas por donos (Trabalho de Campo, 2010).

O museu proporciona a incorporação cultural nas diversas áreas da sociedade, principalmente nas escolas, servindo de espaço didático pedagógico, abrindo oportunidades para assimilação de conteúdos com adequação de formas de preservar o acervo e seu prédio; para que a exposição das peças e de trabalhos artísticos fossem divulgadas e apreciadas pela comunidade.

Em 1972, o museu foi fechado por falta de recursos para manutenção da instituição, só reabrindo suas portas depois de cinco anos. Mas o acervo do museu foi bastante prejudicado, peças foram roubadas, além de grande quantidade de mobílias e objetos danificados pelo tempo e pelo descaso em relação ao espaço físico. Houve recuperação das peças e da estrutura arquitetônica do prédio e a reabertura ocorreu em solene no dia 25 de outubro de 1977, causando emoção ao povo de Aracati, data que ficou registrada como Dia do Município quando comemorava o 135º aniversário da criação. O acervo ocupa, em caráter permanente, andares do Solar do Barão de Aracati, e está

organizado em várias secções como: História; Arte Sacra; Artes; Antropologia Cultural e Etnografia; Arqueologia; Paleontologia; Ciências, Maquinaria e Tecnologia; Biologia e Arquivos Históricos. Em quase todas elas existem preciosidades que dão ideia do apogeu econômico das diversas épocas, principalmente, a da metade do século XVIII e primeira metade do século XIX. As famílias adquiriam objetos para suas residências ou para a Igreja, diretamente da Europa. Vários destes objetos estão expostos, dentre eles um missal de 1870 e um lampadário de cobre e prata do século XVIII que pertenceu à Igreja Matriz de Aracati. Na figura 24, vemos a entrada do Museu Jaguaribano.



**Figura 24:** Entrada do Museu Jaguaribano  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

O passo seguinte à reabertura do museu foi a ordenação do acervo com o intuito de compor e formar uma coleção disposta de maneira harmoniosa nestas secções. Após uma seleção criteriosa, foram distribuídas as peças nas diversas salas do prédio de acordo com suas especificidades. Por fim, procura converter o espaço físico em exemplar significativo de um museu, ou seja,

transformaram-no em lugar aberto ao público. O Instituto do Museu Jaguaribano encontra-se organizado em salas de exposição permanentes. Além disso, dispõe de biblioteca com mais de 1200 mil títulos sobre: direito, história, geografia, religião, arquitetura, literatura, dentre outros títulos; para oferecer ao público as diversas pesquisas produzidas no museu. (Museu Jaguaribano, 2009). A escada helicoidal uma das atrações do Museu Jaguaribano na Figura 25.



**Figura 25:** Escada Helicoidal do Museu Jaguaribano  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

O fascínio de ver preservadas as mais variadas peças do acervo, algumas com tipologia em extinção, onde o visitante conhece os diversos estilos de móveis, objetos, livros e a arquitetura de épocas passadas, objetos, arquiteturas, mobiliário e a história neles contida.

As marcas deixadas no território demonstram uma época, uma determinada parte da história e dos momentos de Aracati. Porém, o processo de urbanização aracatiense tem foco modificado e a sede municipal é sempre lugar de transformações. As estruturas territoriais implantadas desde a década

de 1980 continuam sendo ampliadas e modernizadas. O litoral é local privilegiado de investimentos, e Aracati vive um processo intensificado de urbanização pelo turismo com a litoralização acelerada na região.

### 3. POLÍTICAS DE TURISMO EM ARACATI: AÇÕES DE GOVERNOS, EMPRESÁRIOS E COMUNIDADES

Entender as políticas de turismo e os sujeitos que condicionam essas ações é também estudar o Estado e suas ações. Na Geografia, desde de sua instituição como ciência, o estudo sobre o Estado tem tido grande destaque, sendo seus precursores Frederich Ratzel em *Geografia Política*, de 1897, e Camille Vallaux em *Geografia Social com O Solo e o Estado*, de 1911. As concepções produzidas por esses autores servem de base para outros estudos na ciência geográfica que acontecerão *a posteriori*.

Em Ratzel, baseado nos estudos de COSTA (2008), compreende-se o Estado como território político e que o desenvolvimento do Estado estaria condicionado à questão de aspectos físicos como formas de relevo, circulação marítima e fluvial, tipos de solo, entre outros. Isso se torna evidente a partir da definição de Estado apresentada por Ratzel. Segundo leitura de COSTA (2008; p. 34),

Para Ratzel, os Estados são organismos que devem ser concebidos em íntima conexão com o espaço. Daí a necessária adoção do que sugere como um “senso geográfico” ou o fundamento geográfico do poder político, o qual não deve faltar aos “homens de Estado pragmáticos”.

Os aspectos físicos estão associados à idéia de organismo vivo, e as formas elementares estão atreladas e apresentam complexidades iguais às de uma vida. O solo seria um componente essencial no desenvolvimento do território.

É fundamental, portanto, resgatar esse detalhe do pensamento do autor [Ratzel], isto é, de que a idéia do Estado como organismo está baseada antes de tudo nesse caráter de agente articulador entre o povo e o solo. Dessa articulação, diz ele, participam o povo com o seu “espírito”, cultura e, sobretudo, com o seu “sentimento territorial” obtido na sua ligação permanente com o solo, região ou país; e o solo, um invariante, um elemento de permanência face ao Estado que é transitório. (COSTA, 2008; p. 36)

Assim, pode-se entender que o solo para Ratzel tem conotação de território, ou seja, está repleto de representações que dá à população que o habita a condição de pertencimento. A perda de território seria o falecimento de uma comunidade, pois perderia a vida. Nas teorias de Ratzel, o Estado é necessariamente expansionista tendo necessidade do aumento de suas fronteiras. Sabe-se que na contemporaneidade os processos de expansão de fronteiras territoriais cessaram na quase totalidade se comparado aos processos do século XIX e XX. Na contemporaneidade, assiste-se à expansão do capital não respeitando as fronteiras nacionais. Como lembra CASTRO (2009; p. 75).

[...] nessa dinâmica do sistema capitalista mundial há uma contradição recorrente entre uma “interminável” acumulação de capital e uma organização relativamente estável do espaço político.

E o turismo é uma das atividades modernas que propicia nitidamente a permanência desses processos: o da perda de território por população para expansão do capital e o “falecimento” (se considerado órgão vivo, nas teorias orgânicas) de comunidades pela impossibilidade de se adequar às regras do modo de produzir. Fica evidente a perda do território pelo e para o turismo em Aracati, quando se evidenciam as precárias condições de alguns núcleos populacionais que não conseguem se realinhar ao modelo. Em Canoa Quebrada, fica notório a turistificação do lugar, ou seja, o turismo é condição ímpar na organização e no desenvolvimento territorial. Como pode ser observado na Figura 26, que apresenta a principal rua reestruturada em função do turismo. Em Canoa é possível passear e consumir na Broadway.



**Figura 26:** Comércio na Praia de Canoa Quebrada  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

As atividades tradicionais do lugar como pesca e agropecuária de subsistência são marginalizadas, quase que anuladas. A comunidade, que foi metamorfoseada, volta-se quase que exclusivamente para a promoção da atividade turística: os residentes cederam os espaços a empreendedores que para Canoa se deslocaram. A praia de Majorlândia foi marcada pela promoção imobiliária, pois o lugar transformado em campo de expansão das segundas residências e de pousadas tem como principais usuários veranistas e turistas cearenses. O veraneio destacado nessa praia instiga o avanço dos empreendimentos imobiliários visando novos moradores e turistas. A Comunidade de Quixaba também presencia o processo de expansão do turismo como resultado da expansão do turismo de Canoa Quebrada. Porém, a Associação de Moradores tenta resistir ao avanço do turismo, organiza o turismo de base local, em que seja a comunidade que lucre com os ganhos da atividade, e luta para segurar as terras denunciando expropriações de terras por empreendimentos internacionais.

O avanço do turismo sobre essas praias é compreendido com mais clareza pelas formas de hospedagem. Como observa-se nas Figuras 27, 28 e 29.



**Figura 27:** Praia de Quixaba  
Fonte: [www.pousadadosventos.com.br](http://www.pousadadosventos.com.br)



**Figura 28:** Hotel Long Beach Village em Canoa Quebrada  
Fonte: [www.longbeachcanoa.com](http://www.longbeachcanoa.com)



**Figura 29:** Pousada em Marjolândia  
Fonte: [www.canoabrasil.com/majorlandia/pousadas-majorlandia-ceara-brasil-php](http://www.canoabrasil.com/majorlandia/pousadas-majorlandia-ceara-brasil-php)

Assim, a dissertação busca compreender as diversas maneiras como o turismo avança sobre o território de Aracati. O processo de transformação diferenciada no território, o que é conceito da Geografia Política, ajuda a explicar, em Aracati, a transformação diferenciada que é condicionada pela atividade turística. Ratzel explica a produção territorial como

Política do organismo estatal-territorial que constitui fator essencial nas políticas e na gestão do território. Essa diferenciação, no caso específico, dar-se-á preferencialmente por processos de dissociação, distinto do que ocorre no meio natural, em que ela se manifesta muito mais por processos de transformação e fusão. O resultado é que os organismos estatais-territoriais tenderiam estruturalmente à fragmentação

interna, o que levaria necessariamente a uma valorização política diferenciada por porções territoriais. (COSTA, 2008; p.40)

Ou seja, uma das maneiras de compreensão desse processo é entender a diferenciação territorial provocada pelos meios de hospedagem, com alocação da rede hoteleira no lugar. Em Aracati, os investimentos realizados pelo Estado atraem cada vez mais empresários para o município, o que provoca a valorização de Canoa Quebrada como pólo receptor de turismo. A alocação dos meios de hospedagem voltados ao turismo convencional tem valorizado o espaço e atraído fluxos. Em Majorlândia, os meios de hospedagem mais simples e rústicos atendem o mercado interno. Em Quixaba, poucas são as hospedagens voltadas ao turismo, existe uma colônia de pescadores com os costumes e práticas dos homens dos mar.

A composição da diferenciação territorial, atrelada às mudanças provocadas pela promoção de políticas de turismo no território Aracatiense, tem registrado a história de descidas e subidas no crescimento do lugar. As políticas públicas têm sido estratégias do Estado Moderno na transformação dos territórios. O Estado Moderno, que teve sua origem nos séculos XV e XVI após a dissolução de impérios e o fim da dominação da Igreja, é transformado e recriado no decorrer do tempo e do espaço. Assim, o Estado Moderno apresenta elementos que o diferencia dos Estados anteriores.

Primeiro, é a plena autonomia, a plena soberania do Estado, que formalmente não permite que sua autoridade dependa de nenhuma outra. Segundo, é a distinção entre Estado (esfera pública) e a sociedade civil (esfera privada), que se inicia no século XVII, na Inglaterra principalmente, com a ascensão da burguesia; o Estado torna-se uma organização/instituição distinta da sociedade civil, embora seja expressão desta. Terceiro é o reconhecimento da propriedade privada separada do Estado, ao contrário do Estado medieval que era propriedade do senhor, ou seja, era um Estado patrimonial. O senhor era dono do território e de tudo que nele se encontrava homens e bens. (CASTRO, 2009; p.113).

Assim, surge uma dicotomia amplamente debatida, a relação público/privado. Para Bobbio (2000), essa dicotomia é uma relação de sociedade de iguais e sociedade desiguais, ou seja,

O Estado, ou qualquer outra sociedade organizada onde existe uma esfera pública, não importa se total ou parcial, é caracterizado por relações de subordinação entre governantes e governados, ou melhor, entre detentores do poder de comando e destinatários do dever de obediência, que são relações entre desiguais; a sociedade natural tal como descrita pelos jus naturalistas, ou a sociedade de mercado na idealização dos economistas clássicos, na medida em que são elevadas ao modelo de uma esfera privada contraposta à esfera pública, são caracterizadas por relações entre iguais ou de coordenação. A distinção entre sociedade de iguais e sociedade de desiguais não é menos clássica do que a distinção entre esfera pública e esfera privada. Assim Vico: *“Omnis societas omnino duplex, inaequalis et aequalis”* [ 1720, cap. LX]. Entre as primeiras estão a família, o Estado, a sociedade entre Deus e os homens; entre as segundas, a sociedade entre irmãos, parentes, amigos, cidadãos, hóspedes, inimigos. (BOBBIO, 2000; p.16).

Explicita assim jogos de interesses e escalas. Os diferentes níveis de escalas tornam-se necessários para se compreender de forma concreta os impactos do turismo em Aracati. O diálogo entre a esfera pública e a esfera privada é condição para o entendimento. O debate político é base para ações de planejamento do Estado. As ações de planejamento,

Destinam-se a fixar determinadas metas a serem alcançadas por toda a economia, mesmo por aquelas atividades não controladas diretamente pela estrutura estatal. O seu grau de eficiência dependerá, portanto, de uma série infindável de variáveis, entre elas a capacidade financeira, o suporte político do empresariado e outros setores sociais afetados, e até mesmo um certo controle sobre determinadas variáveis exógenas que interferem nas economias nacionais. (COSTA, 2008; p. 273).

Com a visão de planejar e formar o Estado Moderno, emergem debates entre a esfera pública e a privada originando trabalhos de parceria entre Estado e Sociedade Civil com ações políticas. No Ceará, essa composição é amplamente utilizada a partir de mudança na estrutura política do estado. A ascensão do poder de empresários leva a uma composição em que Estado e Iniciativa Privada dialogam intimamente e se conclamam a fazer um novo modelo de administração pública. Assim, em 1986, a mudança no território cearense que vai se dar no contexto da conhecida “Era Tasso”.

A “Era Tasso” passa a ser marketing e eternizará o “Governo das Mudanças” baseado em cinco grandes eixos como aponta QUINTILIANO (2008; p. 24):

Os projetos em execução ou implantados pelo Governo, nesse período, estão distribuídos em categorias determinadas, no planejamento estratégico do Estado. As três primeiras enquadram obras de maior alteração socioespacial, pois tratam de ações infra-estruturais que se materializam em fixos com fluxos de interesse para o Nordeste, em especial, para o Ceará: 1. Acesso a Serviços Básicos; 2. Crescimento Econômico, Ocupação e Renda; 3. Meio Ambiente-convívio com o Semi-Árido; 4. Capacitação da População-Desenvolvimento Social; e 5. Gestão Pública.

Os eixos condicionaram as mudanças territoriais no Ceará, tornando propícia a atividade turística que terá como lócus o litoral. O turismo atividade que teve o “Governo das Mudanças” como grande investidor só foi possível a partir de mudanças na estrutura interna do Estado, que tem como diretriz o Consenso de Washington (Tendler, 1992). Assim, estruturaram-se no Ceará políticas com bases nos postulados que tinham como propósito limitar os danos que o setor público poderia causar aos países em desenvolvimento. A proposta de mudança considera algumas três categorias tais como:

(1) Redução do tamanho do governo através da demissão de funcionários “em excesso”, terceirizando, privatizando e descentralizando; (2) erradicação de muitas políticas e programas que possam a oferecer aos burocratas oportunidade para exercer influência indevida e para serem corrompidos pelos cidadãos. [...] e (3) submissão dos órgãos públicos e seus administradores e funcionários a pressões e incentivo de mercado que afetam o seu desempenho, inclusive expondo-os aos desejos e insatisfação do usuário. (TENDLER, 1992; p.14).

Esse enquadramento rende ao Ceará condição administrativa mais forte, considerada como modelo empresarial. Essa condição empresarial na estrutura administrativa do Ceará o torna mais competitivo em relação a outros estados do Nordeste brasileiro. As privatizações levaram à diminuição no número de funcionários, além de controle nos gastos públicos. A “Era Tasso” e o “Governo das Mudanças” dentre muitas mudanças coloca o Ceará no mapa do turismo nacional e internacional. Consequentemente, Aracati passa a ser

importante centro indutor de turismo do Ceará, por já possuir uma história cultural, patrimônio histórico e um imponente litoral.

As transformações espaciais, frente ao processo de reestruturação territorial, denotam novas funções de cada localidade. Tais modificações funcionais introduzem novas formas e novos produtos a serem consumidos, como o turismo e uma variedade de serviços, setor que se apresenta como a face modernizada do Ceará, submetida às condições impostas pela economia globalizada.

A inserção dos variados tipos de infraestrutura certamente viabiliza o espaço cearense para atividades dinâmicas. A inclusão de diversas formas de “fixos” e “fluxos” causa impactos significativos em Aracati e no entorno. A atuação pública, na década de 1990, demanda ações de vários atores da produção do espaço: governo, empresas e sociedade. Vê-se a partir disso a importância das políticas públicas de turismo que fazem parte do processo de reestruturação territorial do Estado do Ceará. A especialização de Aracati, a partir da atuação política e técnica, induz aos lugares novas funções, atribuindo-lhes outros valores com repercussões no planejamento das ações e políticas de turismo. Essas novas funções são condicionadas por fixos geográficos como se pode ver na Figura 30.



**Figura 30:** Via de Acesso ao Aeroporto Internacional de Canoa Quebrada  
**Fonte:** Souza Neto, 2010.

A noção de política pública é anglo-saxônica, datada da década de 1950, e tem como postulado a noção de Governo, que servirá de base para seus os estudos dessa corrente. A diferença entre a corrente anglo-saxônica e a europeia está na forma de relação em que historicamente essas sociedades tiveram para a formação do Estado e o peso que estes têm nas relações sociais. Na tradição anglo-saxônica, a política pública é tudo que o governo faz, baseada na noção de Estado mínimo, e a política um problema de governo que se realiza por interesse e ações da Sociedade, tendo os problemas de Governo como questão central de teorias e análises políticas. Já na perspectiva europeia, ressalta-se o Estado como a instituição que, de um modo ou de outro, domina a sociedade, moldando-a e transcendendo-a. Assim a tradição europeia está muito mais voltada à busca e à compreensão dos processos, na lógica de que resulta a forma de Estado como modelo de regulação dos conflitos sociais das sociedades de classe. Nesse modelo, o Estado constitui um aparato institucional burocrático, enquanto o Governo é uma coalisão que controla esse aparato por um determinado período de tempo (Muller, 2000).

Assim, concorda-se com Muller (2000), ao dizer que a política pública se apresenta como um programa de ação governamental em um setor da sociedade, ou em um espaço geográfico. Assim, para compreensão de política pública tem-se como base que ela é constituída por um conjunto de medidas concretas que formam a política. Ela compreende as decisões ou formas de alocações de recursos cuja natureza é mais ou menos autoritária: seja explícita ou latente, a coerção é sempre presente. Uma terceira condição seria que a política se inscreve em um quadro geral de ações que a coloca como política pública ou medidas isoladas. E a última condição é que uma política define os fins ou os objetivos a atingir, em função de normas ou de valores (Muller, 2000). Com essas perspectivas, a política pública de turismo (re)estrutura o território cearense que adquire novas condições. Em Aracati, as políticas de turismo tornam-se importantes projetos para atrair investimentos e turistas. Como mostra a Figura 31, a ponte que viabiliza o acesso à região.



**Figura 31:** Ampliação e Reforma da Ponte Juscelino Kubitschek  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Uma das formas de compreender o turismo é a partir das questões do desenvolvimento do lugar e das políticas públicas que estão intrinsecamente ligados. No turismo há

a soma de fenômenos e relações que resultam da interação entre turistas, governos dos territórios receptores, as comunidades de acolhimento, os governos dos territórios emissores, universidades, escolas e ONG's locais no processo de atração, transporte, alojamento e gestão dos turistas e outros. (DAGNIES, 2008; p.3)

Esta perspectiva contempla o turismo convencional. Outra forma de se entender o turismo é enquanto um sistema de produção e consumo, o que remete aos

atores, práticas e espaços envolvidos na "recriação" de indivíduos através de deslocamento temporário do lugar em que se vive. Complementa a visão tradicional do turismo que está limitada à experiência da viagem. (DAGNIES, 2008; p 3)

A concepção de deslocamento e de condição de tempo está no mesmo contexto das normas indicadas pela Organização Mundial do Turismo

o turismo inclui todas as atividades de pessoas que viajam de e para ficar em lugares fora do seu ambiente habitual por um período superior a um ano, e por razões de lazer, negócios e outros, não exercendo uma atividade remunerada no lugar visitado. (OMT, 1994)

O turismo perpassa as dimensões: um processo industrial de produção, processo de consumo e processo de desenvolvimento socioeconômico e legitimidade pública. E assim permite que as escolhas públicas que têm a força da autoridade sobre as atividades e interesse coletivo, sejam ativadas. Trata-se de estabelecer e atingir a finalidade pública, como o Programa de Regionalização do Turismo que promove a dispersão da atividade turística pelo país tendo como uma das estratégias a escolha de destinos indutores do turismo, sendo que Canoa Quebrada um desses destinos no Ceará.

A ação pública é capaz de entrar em diálogo e decidir sobre as necessidades de uma comunidade. Assim, o Programa de Regionalização do Turismo (PRT), têm como um dos seus objetivos a tentativa de assegurar a participação daqueles que trabalham com a atividade turística. Fóruns são

criados com debates de empresários, governo e comunidades. Esses fóruns do turismo em Aracati, considerado pelo Ministério do Turismo como um dos mais atuantes se estrutura da seguinte forma: o Estado (na figura do Secretário de Turismo), as Associações de Moradores de Quixaba, de Majorlândia e de Canoa Quebrada formas de representação da sociedade civil organizada, empresários na figura da Associação dos Empreendedores de Canoa Quebrada (ASDECQ). É notório a tentativa de coalisão para que haja o desenvolvimento do turismo.

O turismo é entendido por muitos como "indústria" pela importante relação com a geração de emprego e renda. O desenvolvimento do turismo está pautado nas ações e políticas públicas decorrentes das relações das políticas urbanas. O crescimento da economia do turismo é explicado pelo poder das políticas de atuarem na região, assim a condição para o desenvolvimento do turismo depende das ações políticas. O turismo não pode sobreviver sem as políticas de governo. Só elas têm autoridade para assegurar a estabilidade política, de segurança, territorial e financeira. Desse modo, os governos desempenham importante papel na prestação de serviços essenciais e infraestrutura para o turismo como em telecomunicações, transportes públicos e estradas. Além disso, apenas os governos podem negociar e celebrar acordos com outras instituições governamentais sobre questões diversas, como mobilidade de pessoas ou transporte aéreo.

Em Aracati, essa condição é analisada pela construção do Aeroporto Internacional de Canoa Quebrada, pela duplicação da CE/040 (rodovia de acesso a esse município), duplicação da ponte Juscelino Kubitschek sobre BR/304 e restauração da Rodovia que interliga Canoa Quebrada, Majorlândia e Quixaba, via que pode ser observada na Figura 32, de onde se observa o parque eólico.



**Figura 32:** Estrada de Acesso a Canoa Quebrada, Majorlândia e Quixaba  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

O turismo na região do Aracati tem contribuído para ativar a economia dos territórios, sendo a requalificação dos espaços apoiada pelos governos com políticas públicas, tanto em termos de investimentos promocionais quanto em capacitação profissional para o turismo. Os empresários de bares, restaurantes e hotéis dão sustentação à atividade turística. O apoio observado na promoção da atividade turística ocorre em áreas rurais e urbanas. A natureza do turismo objetiva a criação de sistemas produtivos territoriais, constituídos por um grande número de relações de trabalho em alojamentos exigindo hospitalidade, informação, planejamento, comércio e ampliação dos serviços públicos. Esses interligam uns aos outros para que a atividade possa atender tanto aos fluxos do turismo convencional como os do turismo comunitário.

As práticas políticas do governo federal, estadual e municipal em Aracati têm como objetivos regular as atividades nos diversos serviços, no uso do território para criar condições propícias à coordenação, a partir de campanhas publicitárias para atingir mercados de forma mais rápida e mais eficiente, promover mudanças de comportamentos nos produtores de bens e serviços públicos e privados. Localmente, o desafio não é só a transformação concreta do território percebida pelos visitantes como um produto global, mas também de controlar os efeitos do desenvolvimento do turismo.

Na verdade, o desenvolvimento do turismo gera um conjunto de resultados positivos, mas também impactos negativos sobre as populações e os espaços. Os governos cada vez mais tentam avaliar os impactos de ordem econômica, social, cultural ou ambiental.

O turismo de massa elevou gradualmente o nível da receita gerada pelo turismo em Aracati aumentando o poder de consumo dos residentes. Assim a exploração do litoral aumentou a receita do produto interno bruto. O imposto direto ou indireto aplicado a esse tipo de atividade amplia a receita tributária do governo, especificamente as receitas que foram parcialmente reinvestidas no setor do turismo.

Os investimentos públicos e privados que resultam são criadores de empregos menos qualificados como porteiros, camareiras e motoristas ou muito qualificados como administradores e com postos que absorvem turismólogos. A criação de emprego tende a elevar o nível de formação da mão-de-obra. Foi aberta a Faculdade Vale do Jaguaribe com cursos de Administração e Turismo. Receitas fiscais fornecer novos investimentos públicos em infraestrutura e no patrimônio. Tudo isso tem levado a um maior bem-estar material da população local, pois a cidade de Aracati passou a ter maior nível de atratividade de turistas e investidores externos.

Sabe-se que há riscos inerentes ao desenvolvimento do turismo. O primeiro se projeta pelo da transformação socioespacial com expropriação de terras, aumento do custo de vida e ampliação comercial, que se tornou excessiva em Aracati com multiplicação de lojas, atividades recreativas de

todos os tipos e alteração do aspecto autêntico e pitoresco, que existia na vila de Canoa Quebrada.

A inflação dos preços relativos a alimentos, setor imobiliário e produtos básicos foi sentida pelos residentes. O aumento de preços decorrente da maior atratividade de Aracati pela concentração de turistas, com alto poder de consumo elevado mantém a demanda inflada. O consumo não ficou imune ao fenômeno de saturação. Além disso, não há uma razoável distribuição dos lucros, ele fica concentrado nos empreendimentos e os nativos apenas vendem sua forma de trabalho. Os empregos são destinados à mão-de-obra pouco ou não qualificada.

Considera-se essencial a solidez dos investimentos estrangeiros nas atividades turísticas, minimizando os efeitos da sazonalidade na atividade turística da área. Considerando ainda o crescimento no número de turistas em Aracati também verificam-se efeitos benéficos na perspectiva social, dado o número de pessoas envolvidas no setor que passaram a estudar e trabalhar. Manter um bom nível de emprego, infraestrutura melhorada e instalações, aumentando a qualificação dos recursos humanos, reinvestimento das receitas fiscais em vários projetos têm sido terreno fértil no qual tem sido promovida vida social mais fácil. Na verdade, o processo melhora oportunidades para a ação coletiva dentro da comunidade. Muitas associações, comissões ou grupos criam arquivos temporários em torno de temas festivos e culturais, como o programa “Férias no Ceará”, no qual artistas nacionais fazem apresentações pelo país e Aracati é um dos pólos desse projeto, valorizando o Cine Canoa, as Regatas de Majorlândia e de Quixaba.

Ressalta-se que falta maior envolvimento da população local nos projetos de desenvolvimento do turismo de Aracati, o que levou Dagnies, (2008; p.10) a considerar o turismo como:

uma oportunidade para fortalecer a identidade cultural de uma comunidade, permitindo a abertura a outras culturas. A chegada de passageiros facilita os contatos e interações entre pessoas de diversas origens, portanto, perceber as especificidades de cada um e semelhanças. O turismo representa uma grande oportunidade para desenvolver um

mundo multicultural, tingida de tolerância, abertura e aprendizagem mútua. Os nativos também podem desfrutar dos benefícios culturais trazidos pelo desenvolvimento do turismo em sua região. Mais contato com turistas, eles têm a oportunidade de redescobrir sua própria herança cultural e reforçar a sua identidade.

Na verdade, desde que seja desenvolvida de forma que vise ao desenvolvimento local, o turismo tem constituído oportunidades para valorizar, preservar ou restaurar a beleza de conjunto de elementos do patrimônio: tradições, símbolos, folclore, sítios, monumentos e deserto, a história da região, obras de arte, culinária, artesanato, lendas e dialetos locais. Estas testemunhas visíveis da memória coletiva dão significado e vida ao território em causa e reacendem vínculos emocionais do povo com o lugar, por vezes esquecido, esses laços importantes da sociedade com o território. Segundo Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006, p.150) o território se configura como

Espaço dominado (mediador de relações de poder político-econômico) e/ou simbolicamente apropriado (mediador de representações e identificações sociais). Todo território só existe a partir da articulação ou “irrigação” realizada através das redes.

O turismo oferece oportunidade para dinamizar territórios e valorizar patrimônios culturais de um povo, apesar de às vezes causar efeitos indesejados. Estratégia de desenvolvimento puramente em cima de marketing, muitas vezes coloca patrimônios em perigo e distorce o caráter pitoresco do lugar. Tratar a atividade turística apenas com a preocupação de atrair empresas e fluxos retira do turismo a oportunidade de se desenvolver de forma equilibrada e promovendo o desenvolvimento local. E, dessa forma, ameaça tanto o patrimônio natural como o histórico. Infelizmente, essa preocupação não está clara para todos os gestores.

Muitos projetos são considerados de natureza puramente materialista, ignoram as relações afetivas e simbólicas do lugar e dos residentes. Nesse contexto, algumas construções passam por projetos de requalificação estética que desrespeitam esses valores causando reações da população local. Sobretudo quando o turismo é entendido como atividade invasora, quando os projetos turísticos desrespeitam os valores locais, os ambientes, costumes e o

significado que os residentes atribuem ao patrimônio histórico. Assim, na região do Aracati há propostas turísticas que desrespeitam os nativos e a cultura local, há descaso que o rico patrimônio cultural embora muitas peças sejam tombadas ou protegidas pelo IPHAN, surgem movimentos para organizar atividades turísticas comunitárias que fogem do padrão do turismo convencional, como fazem as Associações de Moradores de Quixaba, que negocia intensamente com a Secretaria Municipal de Aracati para o ordenamento do uso da praia na comunidade afim de evitar a penetração de especuladores.

Assim, acredita a comunidade que o patrimônio natural também precisa ser conservado para o desenvolvimento do turismo de natureza, que seja realizado de modo sustentável. De fato, o turismo constitui um conjunto de recursos econômicos para financiar uma política de proteção e manutenção do meio ambiente, pois o Rio Jaguaribe, que faz parte do roteiro turístico de Aracati, não recebe nenhum Projeto de Proteção para manutenção da biodiversidade encontrada em suas margens. Porém, a deterioração do patrimônio reduz o valor da oferta oferecida aos turistas. Assim, torna-se essencial a proteção da biodiversidade, ecossistemas, fauna e flora existentes. O turismo causa impactos que precisam ser controlados. Algumas fontes de poluição, tais como ruído de automóveis, ônibus, várias atividades, algazarra de turistas, emissões de gases pelo tráfego de automóveis, a abertura de novos espaços de consumo, expansão de construções, estradas, estacionamentos, a energia utilizada e os resíduos de todos os tipos exigem gestão eficiente do governo. Como se pode entender a partir da Figura 33, espaço para controles dos transportes que se dirigem às praias.



**Figura 33:** Estacionamento para ônibus e vans de turismo  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Os agentes produtores do espaço tentam controlar os espaços que modificam as relações sociais, culturais e ambientais na condição político-administrativa.

O turismo em Aracati permite que exista a especulação imobiliária tendo o foco de levar vantagem das oportunidades criadas pelo turismo, tais como obtenção de apoio público a partir de níveis mais elevados de intervenção, para o lançamento de empreendimentos imobiliários, como condomínio de casas para pessoas de alto poder aquisitivo ou loteamentos com grande exposição na mídia e público, ou seja, com programa de renovação urbana são construídos novos edifícios que serão utilizados para atividades turísticas.

### **3.1 A Litoralização em Aracati: bases para o veraneio e o turismo**

O processo de litoralização em Aracati toma impulso acelerado partir da descoberta do litoral, no contexto da valorização do lazer, do culto ao corpo e, em especial, da separação trabalho – lazer, impondo a necessidade de ócio e lazer. Madruga (1992), estudioso do litoral, cria o conceito de litoralização afirmando que o lazer foi o importante indutor daquele fenômeno. Os espaços de lazer são formalizados, sendo as praias lugares privilegiados para essa nova atividade da vida cidadina – o lazer. Passou a ser uma nova mercadoria a ser consumida, criou-se o mito de que a cidade, o trabalho, estressa e que o lazer restaura a vida cidadina agitada e estressante.

Assim, MADRUGA (1992; p.1) acrescenta a necessidade de relaxamento

Para o relaxamento da mente e do corpo nada mais eficaz como a mudança do lugar associada a um tempo diferente do cotidiano. E dentre os lugares mais procurados para a satisfação dessa necessidade, as praias são inquestionavelmente os mais populares, tanto pelo desfrute dos elementos harmônicos da natureza – sol, vento, água, oxigênio, em abundância como pela importância que estes lugares representam para a continuidade de atividades estressantes.

Essa ideia foi motivo para dinamizar o litoral, que foi descoberto por aqueles que habitam e pelos que viajam para desfrutar das belezas e de melhoras terapêuticas. Porém, o consumo do litoral traz consigo riscos, pois o uso indevido e acelerado degradou litorais, como decorrência da adesão a essa fantasia de liberdade a partir da necessidade do lazer nos litorais (MADRUGA, 1992).

Nessa concepção, o uso do litoral para o turismo é um dos estágios do processo de litoralização, como explica MADRUGA (1992, p. 63)

O turismo, ou atração turística do litoral vem a ser a última fonte de pressão em todo o processo de litoralização. Inicialmente ele serve para completar a ocupação do território. Podendo tanto ser, e o é, um elemento de finalização da perspectiva de transformação do imaginário a respeito do litoral, de tenebroso a atrativo saudável, lugar do relaxamento,

de lazer e de liberdade. Mas também pode ser um elemento da produção da autofagia.

Assim, as praias de Aracati passam por esses estágios, sendo o veraneio o processo anterior à tomada do território pelo turismo. O litoral é espaço geográfico desde a chegada do colonizador ocupado por comunidades indígenas e colônias de pescadores que, expulsas, vão dar lugar a cadeias hoteleiras e *resorts*, espaços modernos de lazer e turismo, em confronto com a ocupação dos povos do mar. SOARES JÚNIOR (2010, p.19) lembra que:

É litorânea com alma sertaneja pela sua ligação histórica com o sertão, passou a se tornar uma cidade litorâneo-marítima com a urbanização, a partir da incorporação de novas práticas marítimas modernas advindas das classes abastadas como as práticas terapêuticas, os banhos de mar, o veraneio, entre outras atividades.

Portanto, o encantamento pelo mar leva a população de Aracati em um primeiro momento a virar suas casas para a paisagem litorânea. Ocorre, então, o processo de valorização da paisagem do litoral e as falésias, os coqueirais e a coloração esverdeada do mar passam a encantar àqueles que a conhecem. Como demonstra a Figura 30.



**Figura 36:** Imagem de Canoa Quebrada a partir do Mirante da Praia  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

As belezas naturais provocaram em Aracati a formação da cidade litorâneo-marítima e a litoralização do lugar.

A cidade litorâneo-marítima é assim construída, com transformações que promovem a passagem de uma sociedade interiorana para uma sociedade marítima. Modificação de mentalidade, associada à evidenciação de novas relações com o meio ambiente e o espaço, suscita a valorização das zonas de praia no seio da sociedade local (DANTAS, 2002, p. 96-97).

A cidade litorânea condicionada pela maritimidade vai valorizando espaços e construindo territorialidades em complexos processos de valorização de espaços marítimos e litorâneos.

Entender a valorização dos espaços litorâneos perpassa pela compreensão de transformações ocorridas nos trópicos, de caráter socioeconômico, tecnológico e simbólico que suscitam fluxos em escala local e regional e evidenciam ou reforçam a incorporação das zonas de praia, com a urbanização crescente de espaços anteriormente associados às práticas marítimas tradicionais (pesca artesanal, porto e marinha). (DANTAS, 2009, p.19)

Assim, as mudanças ocorridas nas relações sociais colocam o processo de litoralização em alta em Aracati. Litoralização é explicada por Madrugá (1992, p.14) como:

A corrida para o mar, ampliando em dimensões o território desta zona, com as ocupações provocadas pela urbanização, pela industrialização e pelo turismo.

A corrida para o mar tem como vetor o veraneio, atividade que privilegia lazer e descanso daqueles que trabalham, especialmente os trabalhadores das grandes cidades. Contudo, a produção espacial para o veraneio concentra-se na praia de Majorlândia e faz desse local o seu paraíso. Como mostra a Figura 31.



**Figura 35:** Casas de veraneio na praia de Majorlândia  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Porém, a litoralização expande-se pelo litoral de Aracati, sendo mudados os interesses que agora não são apenas o morar na praia ou desfrutar a beleza paisagística, pois o mais importante é especular e vender o

litoral. Para isso, é usado o marketing do verde, da natureza paradisíaca e do turismo de sol e mar.

Paralelo à imagem litorânea criada, são ofertados incentivos fiscais que atraem investidores (em especial, estrangeiros) ao litoral de Aracati, buscando no turismo formas de acumulação. A ocupação pode ser melhor compreendida a partir de dados da SETUR/CE (2010), órgão governamental, que afirma existirem 88 estabelecimentos compondo a rede hoteleira de Aracati, desses, 61 em Canoa Quebrada, 10 na Sede Municipal, 11 em Majorlândia, 5 em Quixaba e 1 em Pedregal, representados no Gráfico 1.

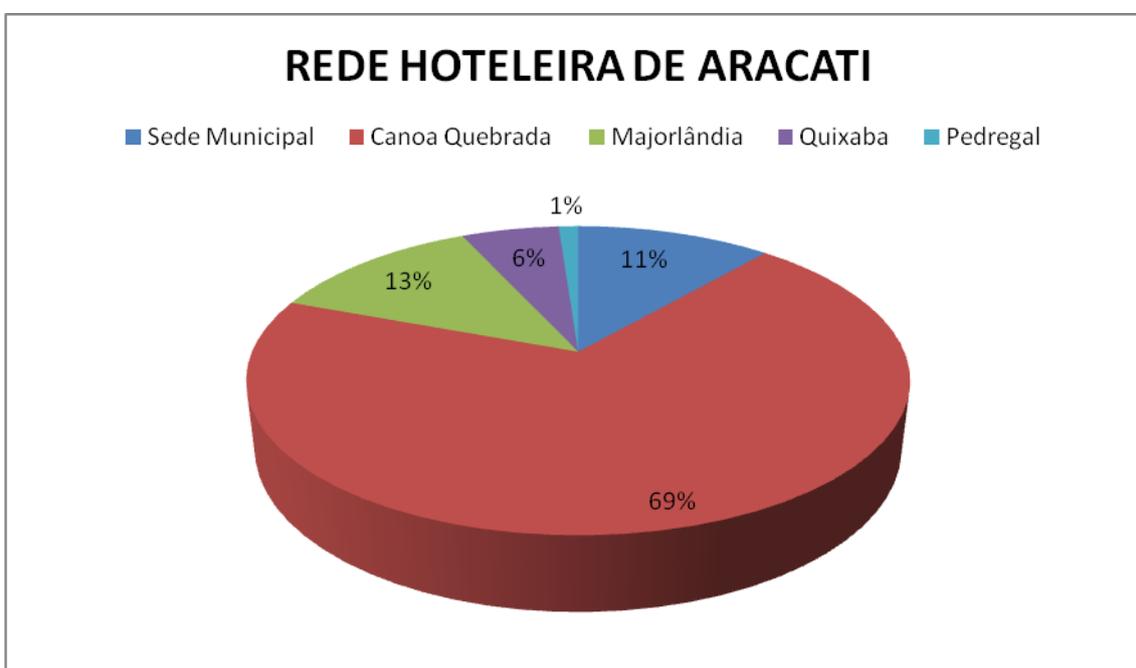


Gráfico 1: Porcentagem da Rede Hoteleira de Aracati  
Fonte: SETUR/2010

O processo de litoralização para e pelo turismo concentra-se em Canoa Quebrada, podendo-se dizer que ocorreu nessa praia um processo de turistificação, pois que ali é produzido espacial e socialmente é para atender aos turistas. As famílias de pescadores foram expropriadas, retirando-se para outros litorais ou para a vizinha comunidade dos Estevão que resiste ao processo de urbanização. A urbanização de Canoa é decorrência da litoralização e assim concorda-se com LUCHIARI (1998, p.4) ao afirmar que:

A urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais. Algumas cidades chegam a redefinir toda sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer. Assim, estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções. E este movimento entre o velho e o novo impulsiona a relação do lugar com o mundo que o atravessa como novos costumes, hábitos, maneira de falar, mercadorias, modos de agir... Assim também a identidade do lugar é constantemente recriada, produzindo um espaço social híbrido, onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização sócio-espacial.

Nessa concepção de criar e recriar, de reordenar o território o município de Aracati passa por um processo de reestruturação socioespacial. Novas relações são criadas e modificam hábitos, costumes e tradições. Quando Aracati e seu litoral são transformados em núcleos receptores do turismo, ou lugares do turismo

É no lugar turístico que o fenômeno se materializa e sobrepõe suas formas fixas: atrativos turísticos, equipamentos e serviços turísticos (meios de hospedagem, serviços de alimentação, agentes receptivos, guias de turismo, locais e instalações para entretenimentos, etc.) e infra-estrutura de apoio (serviços de comunicações, transportes, segurança, etc.). É o locus da produção e do consumo do produto turístico, que, pelas peculiaridades dessa atividade, em alguns momentos ocorre simultaneamente. (FRATUCCI, 2000, p. 2)

As condições de infraestrutura para o desenvolvimento do turismo são alocadas, políticas para o turismo são 'implementadas', e o município passa a ser identificado como lugar de lazer e turismo. Aracati é transformada e produzida pelo e para o turismo. A produção espacial foi sendo alocada ao longo dos anos dando destaque aos anos de 2000 até a contemporaneidade, como pode ser analisado a partir do Gráfico 2.

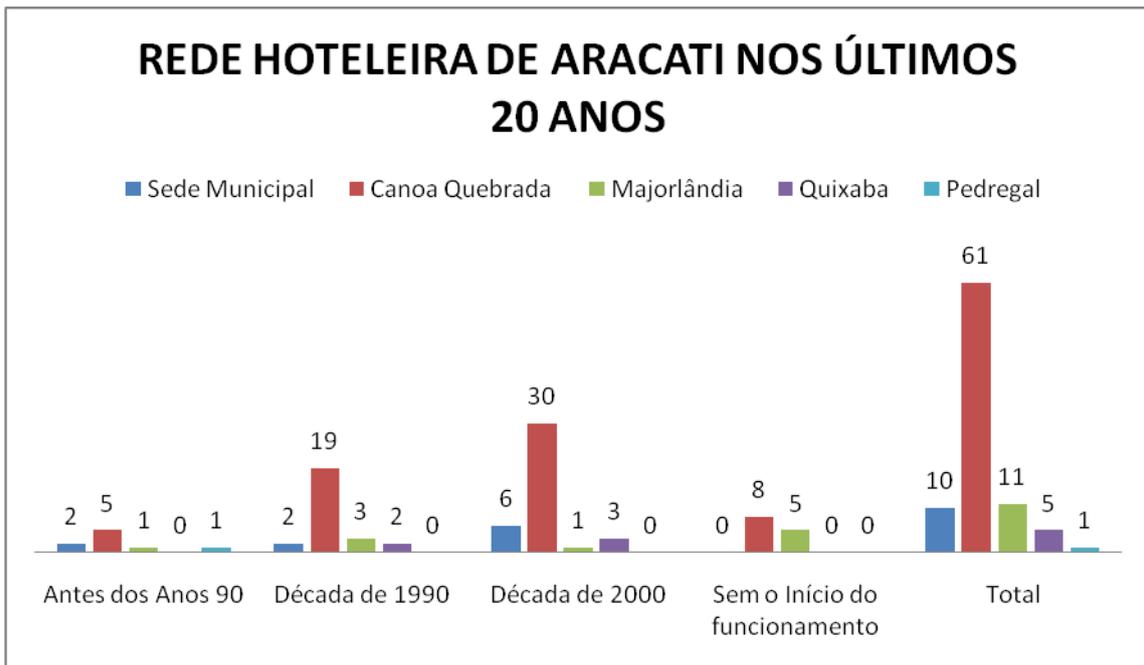


Gráfico 2: Rede Hoteleira de Aracati nos últimos 20 anos  
 Fonte: SETUR/CE, 2010

A concentração de hotéis e pousadas em Canoa Quebrada acelera o processo de urbanização turística e expõe para Majorlândia e a Sede Municipal o processo de absorção de novos empreendimentos, em especial de rede hoteleira e de restauração.. A década de 1990 registra o marco inicial da aceleração do processo, sendo a década de 2000 que marca o *boom* nas instalações de novos empreendimentos hoteleiros. Essa realidade pode ser conferida no Gráfico 3.

## CONSTITUIÇÃO DA REDE HOTELEIRA EM ARACATI

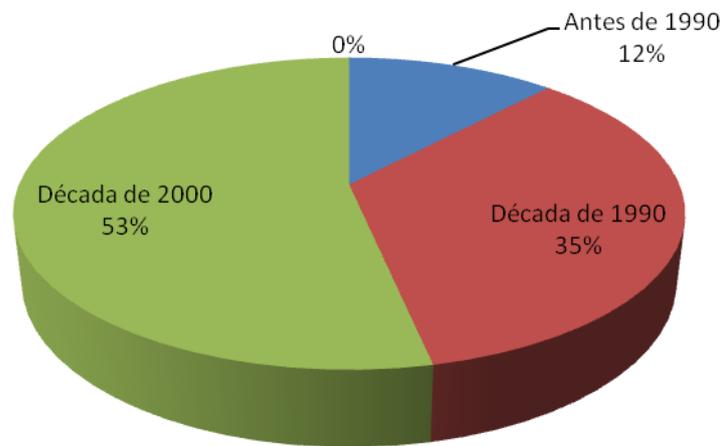


Gráfico 3: Constituição da Rede Hoteleira de Aracati  
Fonte: SETUR/CE, 2010

Assim, o processo de implementação da rede hoteleira, e demais meios de hospedagem, em Aracati, respondem com 3045 leitos em 1100 unidades de hospedagem na atualidade (SETUR/2010). E torna evidente as mudanças provocadas pelo veraneio e turismo, como ocorre nas praias de Canoa Quebrada, Majorlândia e Quixaba, em análise.

### **3.2 Canoa Quebrada: ícone do turismo de sol e praia**

Canoa Quebrada, praia globalizada da costa do Sol Nascente, representa ícone do turismo de sol e praia. Fica a cerca de 170 km de Fortaleza e a 13 quilômetros de distância de Aracati. Antiga e pacata aldeia de pescadores, instalada sobre gigantes falésias vermelhas, está a trinta metros acima do nível do mar. Canoa Quebrada foi descoberta por hippies aventureiros que buscavam contato com a natureza, nas décadas de 1970 e 1980. As famílias dos pescadores recebiam os jovens desbravadores de praias, quando aquela era apenas um reduto de calmaria que recém descoberto. O tratamento cordial e os laços de amizade que se formavam eram essências para que os hippies continuassem a utilizar a praia. Isso mostrava inexistência do caráter comercial, pois os jovens recebiam hospedagem completa, ou seja, comida e dormida. Usufruíam-se, em Canoa Quebrada, a liberdade não desfrutada em outros lugares. Daí, a sua imagem de paraíso.

A praia passou a atrair visitantes e logo depois pessoas que se dedicavam a negócios turísticos, quando o lugar deixa de ser colônia de pescadores e passa a ser uma das praias internacionais do país. O turismo passou a ser a atividade econômica preponderante em Canoa Quebrada, ocorrendo urbanização da praia. Logo mais, intensa ocupação de bares, restaurantes e empreendedores de outros países e estados, que chegam ao lugar e implantam seus megaempreendimentos.

A vida local, garantida por atividades de subsistência como agricultura e pesca artesanal e pequeno comércio, deixava a comunidade feliz. A organização social tradicional associada à riqueza da paisagem, à dificuldade de acesso e à receptividade da população local condicionou o processo de valorização espacial, após a segunda metade de década de 1970, pelos primeiros jovens hippies, que passaram a frequentar Canoa Quebrada. Houve identificação desses com o lugar que representava a negação de todos os valores da sociedade, baseada no lucro, no consumo. Assim, Canoa Quebrada

foi transformada em um espaço mitológico, associado a lugar paradisíaco, paraíso tropical. A Figura 36 dá ideia da beleza paisagística do lugar.



**Figura 36:** Falésias e a praia de Canoa Quebrada  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

No início da década de 1980, inicia-se a fase de mudanças de Canoa, quando os próprios nativos passaram a reivindicar a construção da estrada, iniciando o processo de loteamento e urbanização da praia. Ocorre, então, divulgação da praia na *media* e desencadeia-se o processo de especulação imobiliária. A abertura da estrada cortando dunas impacta à dinâmica das mesmas, acarretando constante acúmulo de areia sobre a via, precisando ser retirada a areia periodicamente.

A Vila de Canoa Quebrada se origina do pequeno povoado dos Estevão, situado ao leste do núcleo principal da vila, e, assim como a maioria dos paraísos, o local foi descoberto por acaso em 1685, por causa de um navegador português que encalhou o barco na praia de Ponta Grossa, e, em

seguida, dirigiu-se à vizinha aldeia de Aracati, em busca de socorro, quando acabou descobrindo a praia de Canoa Quebrada.

Canoa conta com acesso asfaltado, eletricidade, cyber café, pousadas e restaurantes. Trata-se de um dos mais importantes destinos turísticos do estado do Ceará, famosa por redutos de belezas naturais. Os passeios de buggy ao longo do litoral é outra atração, principalmente para quem quer conhecer cada trecho de praias desertas, belezas naturais, lagoas, dunas, coqueirais, aldeias de pescadores e falésias multicoloridas com diferentes formatos. O que se destaca em Canoa Quebrada é a noite agitada na rua principal: a Broadway. A Figura 37 mostra a via de acesso a Canoa Quebrada.



**Figura 37:** Estrada Aracati/Canoa Quebrada  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

A Broadway é o coração dessa praia. Os próprios moradores relatam que tudo começou nessa via com os espaços de forró. A Broadway é um calçadão de pedras portuguesas que, por coincidência ou não, é símbolo da

escravatura no Brasil em plena terra de Dragão do Mar. No início da Rua Broadway encontra-se a estátua em bronze dedicada ao maior abolicionista cearense. O nome oficial da Rua Broadway é Rua Dragão do Mar. O nome Broadway foi atribuído pelos hippies. Na Figura 38, a Broadway antiga, antes da requalificação em 2003.



**Figura 38:** Broadway anterior a reforma urbanística

**Fonte:** <http://www.canoabrasil.com/broadway.html>

Na Broadway, reúnem-se artistas, pessoas notáveis e decide-se o destino do núcleo receptor. Nativos, juntamente com personagens alegóricos, artistas, estilistas, forasteiros, malucos, visitantes dos mais fantasiosos desfrutam as noitadas, ditando modas e estilos, dando brilho especial a Canoa Quebrada.

Ali são instaladas lojas, restaurantes, bares, cafés, um mix do comércio e do entretenimento local. E, em especial, um dos principais pontos de encontro da praia, com grande fluxo de pessoas e mercadorias. Em meados de 2003, uma reforma nas ruas de Canoa Quebrada fez a Broadway ganhar um belo calçadão. A Figura 39 dá ideia da configuração atual da Broadway.



**Figura 39:** Brodway na Atualidade  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

O patrimônio natural está protegido por leis federais, pois foi transformada em Área de Proteção Ambiental (APA), com cerca de setenta mil hectares desde o Porto Canoa até a foz do Rio Jaguaribe. A pequena comunidade dos Estevão ligada a Canoa ainda preserva traços da cultura tradicional, e faz parte da área protegida, habitada pelos nativos pescadores, e foi considerada, em 1998, Área de Relevante Interesse Ecológico (AIRE) por preservar a paisagem cercada de falésias e dunas. A população local conta com cerca 3.000 habitantes entre nativos, brasileiros e estrangeiros radicados, principalmente europeus que se dedicam aos serviços turísticos.

A relativa auto-suficiência proporcionada pelo mar e o isolamento do continente condicionado pelo cordão dunar que cerca a vila, além de oferecer segurança e proteção à população local, a mantém quase completamente desarticulada do seu entorno, com o qual só tinha contato para vender o excedente da pesca e a produção de renda de bilro.

O crescimento desordenado começou com construção de quartos extra nas casas dos nativos para hospedar turistas. Estes, por sua vez, eram bem diferentes dos *hippes* e exigiam conforto e comodidades e pagavam pelos serviços. Segundo Cirino (1990), ao contrário dos primeiros, não chegavam para ficar muito tempo e criar vínculos com o lugar, apenas para admirá-lo e fotografá-lo. Para Santos (2004; p.73), essa condição de não-lugar em Canoa Quebrada é entendida da seguinte maneira:

No sentido de que até então havia um vínculo, uma afetividade, um significado atribuído ao lugar pelos residentes e visitantes, o que o colocava em tal condição, em função da identificação existente. Adquire, depois, uma significação de não-lugar para a maioria dos que a visitam, haja vista que para os novos visitantes nos não-lugares não se criam laços e a indiferença rege as relações entre as pessoas e o lugar. As relações sociais entre nativos e visitantes passaram de relações de amizade para relações comerciais.

Com o aumento do fluxo e o desenvolvimento do comércio decorrente dele, grande parte dos nativos abandona a pesca e passa a trabalhar nos serviços turísticos, em função do *status* e do menor esforço físico exigido por essa atividade em relação à pesca. A jangada perdeu a sua função original e passou a ser utilizada para passeios turísticos, transformando o mar, que antes era espaço de trabalho, em um mero recurso paisagístico e de lazer. A lógica do capitalismo, que se baseia na generalização da produção de mercadorias e onde tudo se transforma em produto (SOARES, 1985), toma conta de tudo em Canoa. A Figura 40 apresenta o comércio nas praias de Canoa Quebrada.



**Figura 40:** Barracas de Praia de Canoa Quebrada  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

É importante ressaltar o aumento do número de pessoas de fora que se fixaram para exercer atividades comerciais, concorrendo com nativos, e o início dos conflitos internos pela posse da terra. Esses conflitos provocam desequilíbrio no lugar e na população, levando à ruptura de valores. A terra, que tinha apenas valor de uso, passa a ter valor de troca.

Assim, o reordenamento e a valorização ocorrida em Canoa Quebrada enquanto espaço turístico levou a comunidade a ter rapidamente grande aumento do fluxo turístico. Esse fato causou uma série de transformações, como a substituição da pesca artesanal e da produção de labirinto por outras atividades, principalmente as comerciais.

A luta de muitos para proteger a cultura do lugar e a paisagem culminou com a criação da APA de Canoa Quebrada. Em 1989, elaborou-se o anteprojeto da APA de Canoa Quebrada que, no ano de 1997, transformou-se

na Lei nº 01/97, que determina os limites da Área de Preservação Ambiental e Paisagística da Zona Costeira do Município de Aracati.

O Conselho Comunitário de Canoa Quebrada elaborou a regulamentação da Lei, através da Lei nº 40/98, na qual também foram criados a Área de Relevante Interesse Ecológico, ARIE – Estêvão, com área de 200 hectares – e o Conselho Deliberativo da APACQ, órgão que tem por finalidade fiscalizar a APA de Canoa Quebrada com o Comitê Gestor. O território da APA de Canoa Quebrada compreende trecho da faixa litorânea do Aracati, incluindo falésias, dunas móveis e fixas, mangue, mananciais e lagoas, além dos povoados de Canoa Quebrada, Estêvão, Canavieira, Cumbe e Beirada.

Em 2001, a Lei nº 052/01, atualizando a anterior, aprovada pela Câmara Municipal de Aracati, amplia a área da APA para 6.340,7543 hectares, com perímetro de 38.139,22 metros. A APA de Canoa Quebrada ajuda a proteger as comunidades bióticas nativas, as dunas fixas e móveis, as paleodunas, as falésias, as gamboas, as lagoas perenes e intermitentes, os mangues, as formações geológicas de grande potencial paisagístico, os arrecifes e os solos e a proporcionar e desenvolver na população regional uma consciência ecológica e conservacionista através de métodos e técnicas apropriadas ao uso do solo, de maneira a não interferir no funcionamento dos refúgios ecológicos (DANTAS, 2003). A figura 41 demonstra um dos marcos para a sinalização da APA de Canoa Quebrada.



**Figura 41:** Placa de Informação sobre a APA de Canoa Quebrada  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

A grande maioria dos estabelecimentos comerciais instalados pertence a forasteiros, levando os nativos a perderem sua autonomia econômica e a se inserirem no mercado de trabalho vendendo barato a sua mão-de-obra ao setor comercial. Além disso, o grande aumento do número de residências, pousadas e outros estabelecimentos comerciais levou a uma ocupação desordenada do vilarejo, com o aparecimento de novas ruas e “becos” estreitos e sinuosos, construções sobre as dunas interferindo na dinâmica migratória natural destas e construções no topo e sopé das falésias, o que altera a dinâmica litorânea de erosão e deposição de sedimentos marinhos.

Ocorre de forma sempre crescente abertura de caminhos nas falésias ligando a vila – no topo das mesmas – à praia. Esses cortes nas falésias contribuem para um processo acelerado de voçorocamento, bem como para mudanças na rede de drenagem, haja vista que nos períodos de chuva esses caminhos funcionam como canais de escoamento pluvial. Assim, eles são

alargados tornando as falésias mais susceptíveis à destruição e pondo em risco as construções localizadas no topo e na base destas (GUERRA, 2002).

A crescente importância econômica do turismo em Canoa Quebrada ocorre a partir do momento em que o capital passa a nortear as relações sociais locais. Ocorre então um processo de mudança brusca no turismo local, pois o comportamento dos turistas mudou. Se antes eles tentavam conter ou reservar seus hábitos a alguns locais, a partir do momento em que passaram a consumir o espaço enquanto produto turístico, muitos se sentiram no direito de espacializar costumes, desconsiderando as tradições culturais da população local. Assim, as mudanças se disseminam por várias dimensões do espaço do núcleo.

A dificuldade de acesso que era uma barreira a um maior número de turistas, sugere a oferta de um novo serviço - o transporte de passageiros em carros de tração que se movimentam sobre dunas. Posteriormente, como consequência da demanda turística e também da pressão popular, o acesso foi mais facilitado ainda com a construção e pavimentação da estrada sobre o cordão dunar.

A abertura da Estrada Canoa Quebrada-Aracati é um marco na história do turismo em Canoa Quebrada, haja vista que a partir de então, a especulação imobiliária passou a ser uma prática corrente, e foi responsável por uma configuração espacial desordenada. Tanto alguns nativos quanto empreendedores que para Canoa migraram passaram a construir e vender casas e pontos comerciais de forma desenfreada, resultando numa urbanização acelerada e aleatória. Foi condicionante para isso a construção do mega empreendimento “The Great Sea Sade Porto Canoa Resort”.

Quando o *The Great Sea Sade Porto Canoa Resort*, de capital português, se instala em Canoa Quebrada, intensificam-se mudanças na forma em que esta se relaciona com os moradores e os visitantes, ficando evidente a mudança de estrutura. E, com uma ampla área, o *Porto Canoa Resort* tornou-se um dos atrativos da praia. Sempre destinado a atender a uma clientela de

alto poder aquisitivo. A Figura 42 mostra o tipo de instalações do *resort* Porto Canoa.



**Figura 42:** Instalações do The Great Sea Sade Porto Canoa Resort  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

A má administração do empreendimento turístico levou-o à falência. Na atualidade, o que ficou é hoje uma cidade fantasma, e nem de longe se parece com o que outrora era um dos principais atrativos de Canoa Quebrada, atraindo celebridades do Brasil e do mundo. A falta de manutenção demonstra um processo de retomada do território pela Natureza (DAVIS, 2007). Ou seja, as instalações vão sendo cobertas pela vegetação nativa de dunas e a estruturas físicas do *resort* vão se deteriorando. A Figura 43 mostra a atual situação da entrada do resort.



**Figura 43:** Entrada do Porto Canoa Resort  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Porém, esse fixo geográfico mudou a dinâmica da praia de Canoa Quebrada, a visão mercadológica, baseada no lucro, sem o devido controle por parte do Estado leva

A concessão de facilidades aos grandes empreendimentos, inclusive com a aprovação de relatórios de impactos ambientais visivelmente não recomendáveis, em detrimento dos interesses das comunidades locais, como ocorreu com o de Porto Canoa, *resort* de rede internacional implantado em Canoa Quebrada. (SANTOS, 2004, p.78)

Esse tipo de apoio dos Governos à iniciativa privada leva a um processo de aculturação, já que perde as características originais de comunidade pesqueira tradicional e adquire características de lugar turístico, o que significa a perda da sua identidade cultural. Assim, Santos (2004; p.75) afirma:

A territorialidade da população nativa de Canoa Quebrada foi então se transformando, uma vez que pessoas de outros lugares foram aos poucos se estabelecendo e impondo os seus hábitos ao lugar. Isso provocou uma “reterritorialização” da

população local, à medida que ela passou a interagir com outros grupos de culturas e lugares distintos. Assim, tornou-se mais enaltecida entre a população local a condição de “nativo de Canoa Quebrada”, como um elemento a seu favor, diferenciando-os dos outros.

Um ícone das transformações sociais decorrentes da passagem de comunidade pesqueira para turística é a transformação que houve na função e no significado da jangada, que passou da pesca aos passeios. Enquanto o turismo deveria ser mais uma atividade econômica servindo, inclusive, para potencializar as demais, estas são podadas. Com o aumento do fluxo turístico, amplia-se, por exemplo, a demanda pelo artesanato local e pelo pescado, para atender aos bares, restaurantes e pousadas, que servem à população que chega. Assim, o turismo em Canoa Quebrada sem um direcionamento de ações, levou a uma superexploração da atividade, enquanto as demais foram subexploradas. A Figura 44 mostra as jangadas paradas que não vão mais atrás de peixe e sim conduzir turistas.



**Figura 44:** As jangadas paradas à espera de turistas.  
**Fonte:** Souza Neto, 2010.

O turismo em Canoa Quebrada está inserido no contexto da sociedade capitalista, que tem como prioridade a maximização dos lucros. Assim, essa atividade se implanta de forma incisiva, visando a objetivos econômicos.

As discussões que se fazem sobre a atividade turística no sistema capitalista pressupõem como condição de incremento do próprio turismo - e, portanto, de maximização dos lucros -, uma maior preservação do espaço turístico. No período de *boom* do turismo em Canoa Quebrada, as discussões no Brasil ainda eram muito incipientes. Hoje, quando essas discussões já estão mais amadurecidas, o espaço de Canoa Quebrada passa por contradições e conflitos. A reversão do processo passa por discussão entre poder público, técnicos, sociedade local e empresas do setor turístico. Para isso, existe o fórum de discussão de turismo em Aracati.

Os turistas buscam lugares que tenham proteção da paisagem e boa qualidade de serviços, não se entendendo por esse último apenas luxo e requinte, mas aparelhamento básico, com meios de comunicação e mão-de-obra qualificada. Como as opções de lugares turísticos aumentaram em função do maior desenvolvimento do setor, a exigência do turista seguiu essa tendência.

Dessa forma, a compreensão da necessidade de um processo de mitigação da degradação por parte do poder público e das empresas do setor turístico é fundamental no sentido de que, sem qualidade ambiental, diminui o fluxo turístico e, conseqüentemente, a arrecadação e o lucro. Apesar de o empresariado ter conhecimento disso, enquanto houver áreas com algum potencial turístico menos deteriorado e que possam ser exploradas, a comunidade de Canoa Quebrada continuará à espera de ações efetivas. Nesse contexto, o papel do poder público deveria ser de intervir e proporcionar maior qualidade ambiental de forma efetiva, não apenas através de investimentos em infraestrutura, saneamento, mas também aumento do nível de consciência, fiscalização e capacitação das populações locais.

A conscientização da população leva à compreensão das limitações do turismo enquanto atividade econômica e da fragilidade ambiental do espaço

turístico para que se procure manter a integridade do espaço e da sociedade. A organização para explorar as atividades complementares ao turismo e ainda para combater a entrada ostensiva de especuladores de fora. Cabe destacar a importância de ações de fiscalização para garantir o manejo adequado do meio ambiente, assim como se faz necessária a capacitação da população, para que se torne possível a prestação de serviço de qualidade para a satisfação dos turistas.

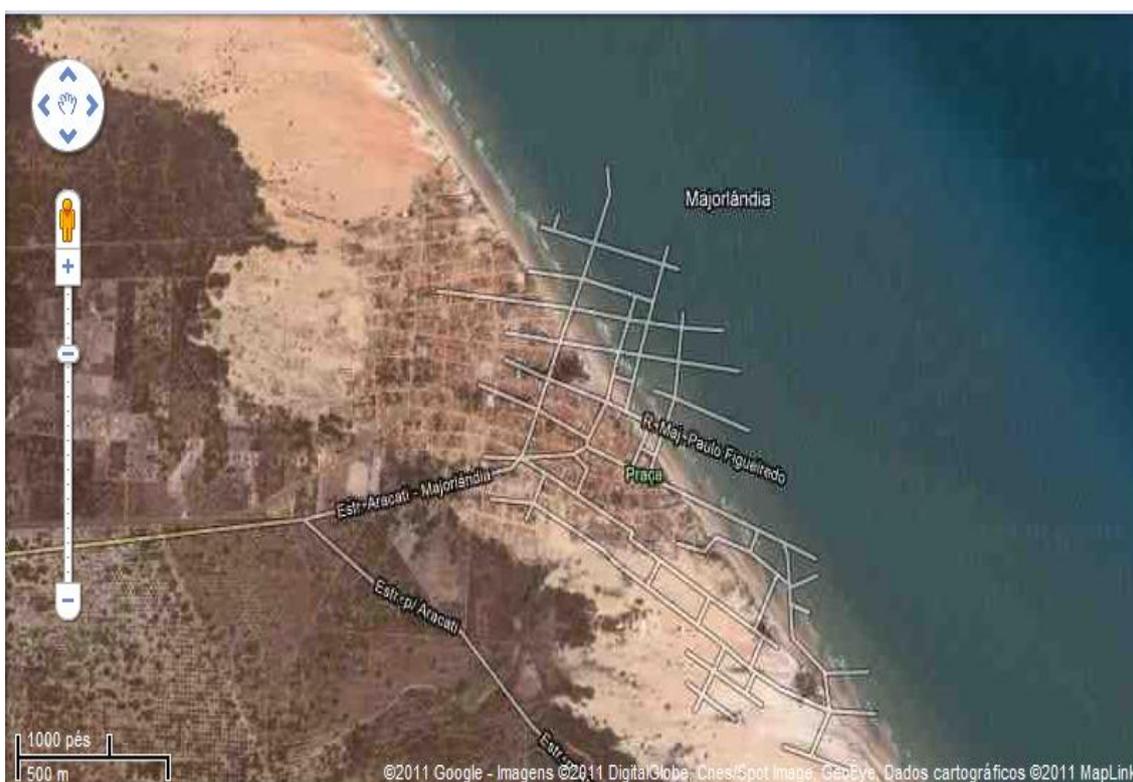
As alternativas para atenuação do quadro de degradação em Canoa Quebrada passam necessariamente pelo processo de consciência que proporcione o fortalecimento da organização social da população, pois esta, organizada em cooperativas ou associações, adquirirá maior poder para competir com os empreendedores externos. As discussões por parte da população, poder público e especialistas sobre organização comunitária, valorização do lugar e da cultura, degradação ambiental, importância de atividades paralelas ao turismo (pesca, artesanato, agricultura) e sobre a exploração econômica por que tem passado o lugar servem de base para organização social necessária ao desenvolvimento - no seu sentido mais amplo - da comunidade e não apenas ao desenvolvimento econômico do turismo.

Para que a atividade turística, em comunidades como Canoa Quebrada, seja sustentável em termos de natureza e sociedade é fundamental ter como base discussões acerca das implicações positivas e negativas da atividade no espaço. A interação entre o conhecimento técnico e o empirismo das populações locais é base para que haja direcionamento adequado do turismo. A partir disso, o intercâmbio com outras comunidades onde o turismo traz resultados benéficos para a população local pode contribuir na viabilização de um turismo que respeite a Natureza e a cultura local.

### 3.3 Majorlândia : espaço das segundas residências

Dentre as práticas políticas em decorrência do lazer e do turismo no Ceará, as segundas residências têm sido prioridades para a expansão do mercado imobiliário. Com as segundas residências, Majorlândia mantém relações constantes com o espaço litorâneo cearense, haja vista a expansão imobiliária que se torna em grande parte decorrente da migração da população de Fortaleza que busca o lazer nessa praia.

A praia de Majorlândia está a 10 km da sede do município de Aracati, foi fundada em 1937, pelo Major Bruno da Silva Figueiredo, por isso é denominada Majorlândia, ou seja, Terra do Major. Pode-se observar melhor proximidade da sede municipal e de Canoa Quebrada a partir da Figura 45.



**Figura 45:** Imagem de Satélite Localizando Majorlândia  
**Fonte:** Google, 2011

Apresenta aos veranistas denso coqueiral e as falésias brancas e avermelhadas que dominam toda a praia. As jangadas dos pescadores ancoradas ao longo da

praia se harmonizam com a beleza do lugar. **Surfistas** aproveitam as ondas fortes e constantes. No período do **carnaval**, a praia acolhe os blocos carnavalescos de Aracati durante o dia. Observa-se na Figura 46 o coqueiral e as falésias de coloração branca.



**Figura 46:** As falésias de Majorlândia “abraçando” o coqueiral

**Fonte:** [www.ceara.com](http://www.ceara.com)

Aos artesãos de Majorlândia é atribuída a origem das famosas **garrafinhas de areia colorida**. Outra atração da praia de Majorlândia são as **esculturas gigantes** esculpidas nas falésias pelo artista da terra chamado Toinho de Carneiro. Majorlândia tem infraestrutura para acolher visitantes, dispõe de pousadas, bares e restaurantes com uma abundante oferta de peixes frescos e frutos do mar. A Figura 47 mostra as garrafinhas de areia colorida: um dos *souvenirs* mais procurados em Majorlândia.



**Figura 47:** Garrafinha de Areia Colorida em Majorlândia  
**Fonte:** <http://www.canoabrasil.com/majorlandia/index.php>

O veraneio como prática marítima moderna é também exercício das populações urbanas. Há íntima ligação entre o veraneio e a urbanização, pois essa prática marítima, na sua forma atual, é um fenômeno social que funciona como um dos elementos de constituição da sociedade urbana. Intrinsecamente ao veraneio, o movimento sazonal da população urbana origina ligações entre espaços. Este aspecto o diferencia de outras práticas, como o turismo e a excursão. Assim sendo, a segunda residência não é um mero alojamento turístico, mas um dos elementos materializados da constituição do urbano e da redefinição de novos espaços.

O fenômeno da expansão das segundas residências está relacionado a dois processos: a industrialização e a metropolização das cidades. Assim, o veraneio, os veranistas e as segundas residências, independentemente de onde estejam situados, representam o urbano em expansão (Assis, 2003). Com a industrialização e a metropolização das cidades, cada vez mais se faz necessário que o homem urbano saia das áreas centrais superpovoadas em

direção às periferias metropolitanas na busca de reencontro com a natureza. Esta era na década de 1980, a forma de aliviar estresses cotidianos e renovar suas energias. O veraneio nos espaços à beira-mar é considerado uma forma de lazer praticada corriqueiramente pelas pessoas detentoras de recursos financeiros suficientes para manterem duas ou mais residências. Enriquece os argumentos de segunda residência, elemento primordial do veraneio, o uso de habitação eventual, portanto, não se constitui como suporte principal da vida cotidiana.

No caso cearense, a valorização dos espaços litorâneos constitui uma das transformações na sociedade urbana. Majorlândia, como componente de expansão das segundas residências, destaca-se pela difusão deste processo e de suas novas formas de espacialização do urbano. O estudo da expansão do veraneio marítimo em Majorlândia contribui para o entendimento das relações do turismo em Aracati.

A partir da apropriação e da adaptação de espaços, o crescimento das segundas residências tornou-se notório na praia de Majorlândia, bem como seus impactos socioespaciais, mediante a sua forma de ocupação, atribuindo à terra um valor de troca e um valor de uso. Pode-se identificar a partir da Figura 48.



**Figura 48:** Área de expansão do mercado imobiliário  
**Fonte:** Souza Neto, 2010.

Assim, a expansão imobiliária na praia de Majorlândia, condiciona a entender as segundas residências. O termo 'segunda residência' abrange uma gama de definições. No presente estudo concorda-se que

[...] a segunda residência tipo apartamento emerge como uma nova modalidade de alojamento substituindo a infraestrutura tradicional de pensões e hotéis que até então atendera quase que totalmente os contingentes de população que procuravam a cidade. O apartamento emerge como modalidade de alojamento para uma população diferenciada em termos de poder de compra (SEABRA, 1979, p. 19).

Essa análise não se resumiu apenas às segundas residências como alojamentos turísticos (TULIK, 2001). Aqui, concorda-se com PEREIRA (2006), quando coloca que as segundas residências representam hoje o urbano em expansão. Para o autor, as segundas residências

apresentam características intrínsecas, constituidoras de uma diferenciação dentre as demais residências. A estada é limitada a determinados períodos, como feriados, fins de semana, ou

mês de férias. Nos demais dias, o veranista está em sua residência principal. Na maioria do ano, a segunda residência permanece vazia, à espera dos veranistas que lhes dão vida e significado. (PEREIRA, 2006, p. 62).

Essa lógica é que comanda a praia de Majorlândia. Somente em feriados e fins de semana é que a praia tem um aumento do seu movimento; nos outros dias da semana, o que prevalece é a calma de uma praia em que os pescadores ainda são os donos do mar, resistindo à especulação imobiliária e à abertura de empreendimentos que tendem a promover as segundas residências em Majorlândia.

Os franceses inicialmente chamam segundas residências de vilegiatura, mas, como no Brasil convencionou-se o uso de 'segundas residências', não faz sentido usar o nome francês. SOARES JUNIOR (2010; p.17) explica que tal sintagma

denomina um tipo de moradia, alojamento e entorno que não o domicílio original. O vocábulo foi usado, a princípio, na era renascentista, para designar o hábito da elite aristocrática de se refugiar nas "villas" campestres em períodos como o verão e o inverno. Essa prática deixava claro que não caracterizava turismo, pois enquanto a vilegiatura sugeria repouso, descanso, o turismo dava a ideia de movimento, o que de certa forma colocava os dois termos em oposição, até mesmo porque a atividade turística se apropria das formas de lazer e descanso já existentes.

A vilegiatura caracteriza-se pelo repouso, o mesmo que os possuidores de segundas residências ainda buscam. Daí CORIOLANO (2006) distinguir lazer de turismo, e mostrar que lazer é necessidade básica e turismo não, este é consumo, agitação. Em análise sobre a Vilegiatura, SOARES JUNIOR (2010, p.18) alega que o termo vilegiatura foi substituído por veraneio.

Apesar do uso do vocábulo vilegiatura não ser vigente e, em muitos casos, nos países tropicais, ser substituído por veraneio, é um termo que possibilita resgatar, concomitantemente, a gênese da palavra com a prática social de vilegiaturar (nas serras, nas montanhas, nas praias, entre outros lugares) independentemente das estações do ano, traduzindo de forma mais precisa o hábito que o veraneio não consegue mensurar e flexibilizar as especificidades de cada lugar.

Para Pereira (2006), o veraneio marítimo pode ser caracterizado por três tipos: o veraneio de refúgio, o de coabitação e o popular. O veraneio de refúgio estaria conectado com distanciamento, no sentido de isolamento, do veranista com seu habitat. Estes veranistas têm poder aquisitivo bastante elevado, à medida que se destacam por serem possuidores de recursos decorrentes da sociedade que provém do consumo e do espetáculo. A Figura 49 apresenta esse tipo de veraneio.



**Figura 49:** Área Nobre do Veraneio em Majorlândia  
**Fonte:** <http://www.canoabrasil.com/majorlandia/index.php>

Os veranistas de coabitação são reconhecidos por manterem relações de contato com os moradores no lugar onde suas residências secundárias se encontram. Ou seja, eles já têm uma relação de pertencimento por aqueles que habitam o lugar. Muitas vezes, por se identificarem tanto com o lugar de sua segunda residência, acabam trocando a primeira residência e se instalando de vez no lugar. Estes, também, não dispensam os serviços e bens pertinentes à sociedade de consumo PEREIRA (2006). A Figura 50 mostra esse tipo de veraneio de coabitação.



**Figura 50:** Expansão de casas de veraneio mais modestas

**Fonte:** [www.ceara.com](http://www.ceara.com)

O terceiro tipo de veraneio, o denominado popular, se constitui quando se intensifica a ocupação do lugar por veranistas, formando espaços amplamente urbanizados, ou melhor, formando uma aglomeração para férias, feriados e finais de semana. Porém, essa ocupação é feita de forma diferente: em vez da compra de casas luxo ou de segundas residências o que ocorre é o aluguel de casas por visitantes junto aos moradores do lugar. Assim, os nativos cedem suas casas para os veranistas (PEREIRA, 2006). A Figura 51 mostra esse mercado dos aluguéis.



**Figura 51:** Mercado de Aluguéis em Majorlândia  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Compreende-se que existe diversidade de veranistas, tanto pelos diferentes sonhos, desejos e aspirações que esses alimentam, como pela diferença das classes sociais e das condições financeiras de cada grupo de veranistas. PEREIRA (2006, p. 62), compreende as segundas residências como

Destinadas ao veraneio marítimo apresentam características intrínsecas, constituidoras de uma diferenciação dentre as demais residências. A estada é limitada a determinados períodos, como feriados, fins de semana ou mês de férias. Nos demais dias, o veranista está em sua residência principal. Na maioria do ano, a segunda residência permanece vazia, à espera dos veranistas que lhes dão vida e significado. Numa caminhada por um aglomerado de segundas residências durante o meio de semana, é cenário comum janelas e portas fechadas, assim como, um “silêncio ensurdecido”.

Assim, as segundas residências por mais que adormeçam a maior parte do tempo são primordiais no processo de expansão do capital sobre Aracati.

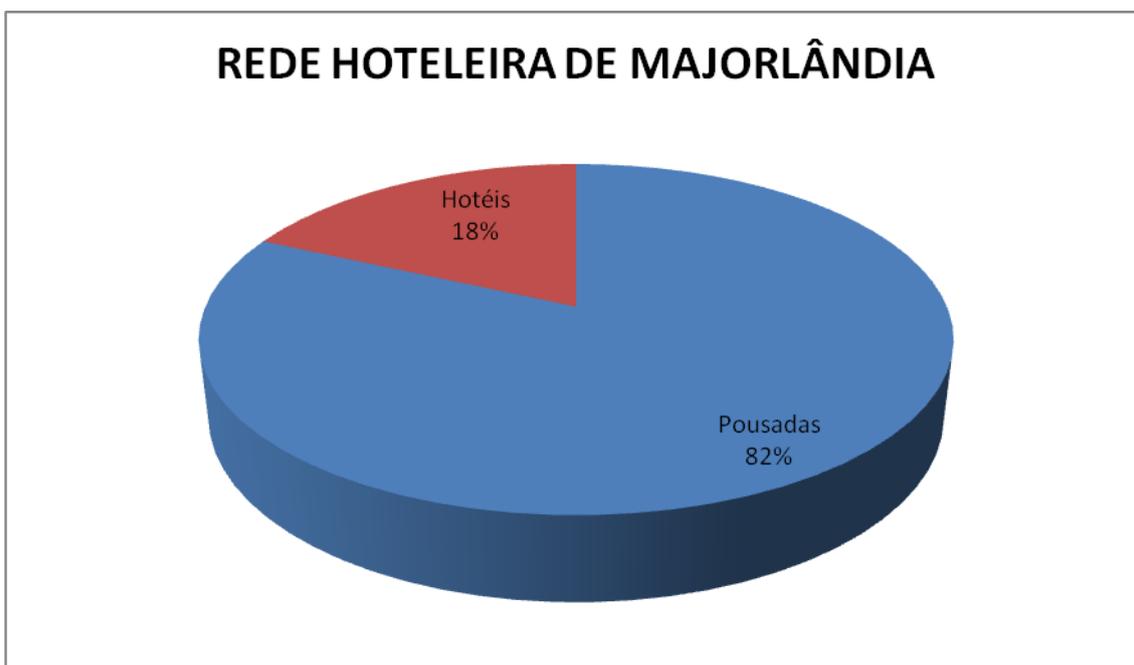
Além do processo de expansão causado pelas segundas residências, outro processo que impulsiona a urbanização de Majorlândia é a instalação de pousadas que, nesse momento, ocorre de forma lenta. Assim, Majorlândia consolida-se como um dos principais destinos de veraneio. Pode-se analisar essa condição pelo número pequeno de pousadas existente em Majorlândia a partir do Quadro 3.

<b>Rede Hoteleira em Majorlândia</b>				
	Nome	Início de Atividade	Leito	Unidades de Hospedagem
1	Dunas Praia Pousada		32	8
2	Hotel Pousada Sol e Mar		45	15
3	Majorlândia Praia Hotel	fev/91	30	13
4	Pousada Beira Mar	jan/73	46	13
5	Pousada Complexo de Praia Brasil Suíça		20	10
6	Pousada Costa do Sol Nascente	jan/07	10	7
7	Pousada do Gaúcho		40	9
8	Pousada e Restaurante Sereia		53	20
9	Pousada Esquina das Flores	fev/93	20	10
10	Pousada Refúgio Dourado	1993	38	12
11	Pousada Sol e Mar	jan/06	30	14
Total	11		354	131

**Quadro 3:** Rede Hoteleira de Majorlândia  
**Fonte:** SETUR, 2009

Assim, Majorlândia conta com apenas 11 pousadas e hotéis com pouco mais de 354 leitos e 131 unidades de hospedagem, bem abaixo do que apresenta Canoa Quebrada. Além do mais, a baixa atividade mostra a falta de

controle do Governo, em relação a quem oferece o serviço. A nomenclatura usada por algumas pousadas demonstra o investimento do capital externo tanto de outras regiões do país como a Pousada do Gaúcho, como de outras nacionalidades como a Pousada Complexo de Praia Brasil-Suíça. O destaque das pousadas em relação aos hotéis pode ter melhor visualização no Gráfico 4.



**Gráfico 4:** Rede Hoteleira de Majorlândia  
**Fonte:** Souza Neto, 2011

Portanto, predominam as pousadas, e não hotéis, mas predominam ainda mais as segundas residências. Portanto, Majorlândia possui outra dinâmica em relação à Quixaba e a Canoa Quebrada: a das segundas residências, veraneio e das pequenas pousadas. E é essa dinâmica que comanda o processo de urbanização e modernização da praia.

### **3.4 Quixaba: turismo comunitário na resistência ao turismo convencional**

No Ceará, muitas comunidades litorâneas sofrem os impactos da atividade turística, pois muitas colônias pesqueiras tornaram-se importantes núcleos receptores de turistas, nacionais e internacionais, e acabaram perdendo suas identidades e seus espaços para dar lugar a um turismo excludente – pois exclui a população local dos ganhos e benefícios gerados pelo turismo – e globalizado, com demandas externas ao local. Isso levou comunidades tradicionais a se organizarem e tentarem impedir o avanço do turismo de *resorts*, considerado predador que devora as terras dos pescadores e organizam em seus territórios políticas alternativas de turismo.

Quixaba, localizada a 8 km de Canoa Quebrada e a 15 km de Aracati, é ainda uma praia com todos os envolventes naturais, sem descaracterizações, com pleno domínio da natureza e de grande tranquilidade, onde goza-se do privilégio de não fechar as portas das casas: nelas entra e sai quem quer. As falésias brancas e os coqueirais sobre a extensa praia de areia branca pontilhada de barcos de pesca, desejam uma paisagem de encantar quem por ali passa, em especial os visitantes. A natureza oferece ao lugar ambientes raros da mais bela forma, como os labirintos de trilhas nas areias da praia que levam a fontes de águas minerais puríssimas, inúmeras lagoas ou áreas de falésias ao longo da praia. A figura 52 dá uma mostra da beleza da natureza local.



**Figura 52:** Quixaba e as lagoas características do seu litoral

**Fonte:** [www.roteiroceara.uol.com.br](http://www.roteiroceara.uol.com.br)

Os moradores da vila, famílias de pescadores, são homens do mar, simples, bronzeados do sol, puros e aparentemente ingênuos. Vivem de pesca, agricultura, coleta, serviços e do pequeno comércio. Suas mulheres e filhos completam a beleza da vida familiar neste litoral onde a amizade e a partilha são normas familiares. As comunidades cearenses e todas as comunidades nordestinas são bastante hospitaleiras, recebem de coração aberto, sendo comum ouvir de algum deles para fazer um convite “onde comem 4 comem 6”, ou “há uma tipoia no alpendre”, onde o visitante pode passar a noite. Os homens vivem da pesca e as mulheres fazem a renda ou o crochê.

A comunidade costuma contar ciranda nas noites de luar e muitas vezes a praia é transformada em palco de teatro ao ar livre para a representação de dramas os mais diversos, sendo o da Paixão de Cristo um imperdível espetáculo, no tempo da quaresma. A peça “Casa de Flô”, da atriz e cineasta cearense Florinda Bolkan, foi realizada na praia de Quixaba, que também serviu de cenário ao filme “Bella Donna”, de Bruno Barreto, em 1997, dado o

encantamento que o lugar possui. Artistas populares fazem cenários, demonstrando suas habilidades, como faz o artesão da figura 53.



**Figura 53:** Barracas de moradores para atender a visitantes.

**Fonte:** [www.blogdoborjao.blogspot.com](http://www.blogdoborjao.blogspot.com)

O veraneio e o turismo chegaram também a Quixaba, embora de forma mais branda, dado a resistência que a comunidade oferece, quando tratou de oferecer em contrapartida o turismo comunitário. Ao verificarem que o lugar iria ser procurado por especuladores com grande demanda, reúnem-se para discutir e deliberar a não venda das terras, apesar das insistências e do desafio de verem as terras que serão de seus filhos instigadas a serem vendidas. Muitos não resistiram e venderam sua propriedade, mas os que se fortalecem de forma associativa e passam a oferecer serviços de hospedagem e restaurantes aos visitantes estão resistindo. Pensar a atividade exógena às atividades tradicionais não foi fácil.

O que favoreceu foi a luta pela defesa da terra e a articulação com outras comunidades que passavam pelo mesmo problema. Como já trabalhavam de forma associativa, passaram a pensar o turismo de forma associativa ampliando assim as comunidades que realizam ou tentam realizar o

turismo comunitário e participativo. Ele é muito incipiente. Contudo, passaram a ver na atividade oportunidade de tornar o lugar, a história local, a cultura dos povos do mar, e os produtos derivados de suas atividades econômicas mais valorizados, transformados em atrativos turísticos naturais e culturais.

No entanto, a comunidade sabe que o turismo traz muitos impactos, sendo o mais grave a ocupação por empreendimentos do turismo globalizado, o que consideram uma forma de “colonização” devido à “invasão” de terras. Ocorre total desrespeito aos moradores do litoral, pois os empreendedores chegam e agem negando a presença da comunidade, como se não houvesse ocupantes no lugar, a exemplo de redes hoteleiras que se instalam na praia, como pode ser verificado na Figura 54



**Figura 54:** Hotel em Quixaba  
**Fonte:** [www.portalcanoaquebrada.com.br](http://www.portalcanoaquebrada.com.br)

O turismo conquista cada vez mais espaço nas decisões políticas e econômicas do país. É de interesse do Estado, do setor privado e de algumas comunidades a promoção dessa atividade. O interesse pela acumulação do capital do setor privado expande os equipamentos de lazer e turismo no litoral,

sem respeitar fronteiras ou culturas. As comunidades preocupadas com a posse de suas terras sentem necessidade de administrar seus territórios e assim algumas optam pelo turismo, quando algumas famílias passam a oferecer hospedagem familiar, abrir pequenos negócios, encontrar formas de ocupação e trabalho que garantam, em especial, o controle do lugar e ampliem os ganhos familiares.

Em Aracati, a praia de Canoa Quebrada volta-se ao turismo convencional com muitos empreendimentos, enquanto Quixaba oferece contraponto a esse turismo, atraindo demanda diferenciada. Perspectiva de micronegócios emergem nesse lugar comprovando que a atividade turística tem a capacidade de interferir na organização dos territórios, podendo essas transformações favorecer o lugar ou desfavorecê-lo, beneficiar grupos externos ou grupos endógenos. Daí, afirma Queiroz (2006, p.80), o turismo destaca-se como atividade

Que tanto pode gerar riquezas, valorizar espaços, promover novas relações entre os povos e culturas como, simultaneamente, tornar-se predador cultural, degradador ecológico e explorador econômico.

Evitar ou superar impactos indesejáveis do turismo em seus territórios é o objetivo de muitas comunidades cearenses que sentem necessidade de participar da cadeia produtiva do turismo como forma de sobrevivência no modo de produção vigente. Coriolano (2006, p.131), analisando a atividade turística, distingue os que fazem lazer dos que trabalham e lembra que as comunidades estão no grupo dos que querem trabalho no turismo e não dos que fazem lazer. E assim o turismo:

Não é uma benção nem uma maldição, como pensam os grupos radicais, é um serviço que só pode ser usufruído por aqueles que têm um bom poder aquisitivo, mas pode ser comercializado por muitos.

Beneficia um considerável número de pessoas no litoral do Ceará e oferece melhores condições àqueles que têm no turismo oportunidade de trabalho. Dessa forma, a praia de Quixaba inicia a partir da organização

comunitária, opta pelo turismo comunitário, oferece resistência ao turismo degradador e tenta uma forma de promover o turismo comunitário.

O turismo representa uma atividade com forte absorção de mão-de-obra e proporciona aberturas para pequenas empresas e para iniciativas locais. Desta forma, possibilita a criação de postos de trabalho para pessoas sem qualificação profissional exigida nos serviços industriais ou mesmo no turismo globalizado. Com tal iniciativa, oferece emprego tanto aos profissionais de alto nível de formação e conhecimento tecnológico, como para desempregados e trabalhadores com pouca qualificação, mas com saberes populares. É de fundamental importância que se compreendam os dois eixos do turismo: o convencional voltado à acumulação e o comunitário, voltado ao desenvolvimento das comunidades. Contudo, não são dois turismos, eles formam a totalidade turística com empreendedores e demandas diferenciadas.

Quixaba é um espaço de resistência ao turismo exógeno, dos megaempreendimentos, da expropriação de terras dos nativos, espaço que resiste às modernizações excludentes. A comunidade desenvolve a atividade voltada aos interesses locais, tentando preservar valores culturais, defender o patrimônio natural, manter a praia conservada para que possam passar para filhos e netos.

A luta pela defesa da posse da terra tem sido incessante, contra empresas imobiliárias que pressionam nativos para a venda de casa, terras vazias, áreas de coqueirais. O processo de modernização no litoral e de luta entre nativos e empresas imobiliárias chega à Quixaba: lugar nenhum fica isento. A comunidade deixa de ser apenas uma colônia de pescadores e passa a constituir um destino turístico do turismo comunitário. Também complementa o roteiro dos turistas que vão a Canoa Quebrada. Nesse movimento, famílias desistem de permanecer na comunidade e preferem vender suas casas quando o preço é majorado, como se vê na Figura 55.



**Figura 55:** Casa à venda em Quixaba  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Assim, a expansão do turismo no litoral tem como marca a apropriação de terras para alocação dos empreendimentos, ocorrendo para isto expropriação de terras das comunidades pesqueiras. Projetos são implantados sem levar em consideração os habitantes dos lugares, e estes realizam uma política de turismo paralela à dos empresários. O turismo é para alguns um modo de vida e uma dinâmica social (CORIOLANO, 2001).

A realização da atividade turística exige deslocamentos e assim fazem-se necessárias a construção de estradas e acessos aos núcleos receptores, a instalação de hotéis, restaurantes e serviços. Isso se dá provocando impactos e o que precisa é que eles sejam mitigados. Sabe-se que nos projetos de mega empreendimentos é exigida a contrapartida da responsabilidade social e da mitigação dos impactos, o que não há é a cobrança e o acompanhamentos dessas respostas de cunho social.

A relação turista residente é muitas vezes difícil e conflituosa, com choques de interesses. O visitante muitas vezes não quer contato com comunidades nativas, ou seja, com a cultura dos lugares. Além dos impactos sobre territórios, há ainda conflito cultural quando residentes são marginalizados, e têm cultura e padrões locais desrespeitados.

O lazer nas comunidades é realizado na dimensão do ócio ou da diversão desobrigada, com direito a contemplação e a preguiça. Dumazedier (1994, p.13) lembra isso quando define o lazer como:

O conjunto de ocupações, nas quais os indivíduos podem entregar-se de livre vontade, seja pra repousar, divertir-se, recrear-se e/ou para desenvolver sua formação e informação desinteressada, sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Dentre as inúmeras atividades de lazer destaca-se o de viajar que se torna um dos maiores prazeres das sociedades modernas, como destaca Coriolano (2003, p.23) “a viagem turística tem objetivo especial do encontro com o novo, o diferente, o desconhecido, a satisfação sutil de alguns ambientes”. Trata-se de uma das atividades mais gratificantes no mundo contemporâneo.

O turismo no território de Quixaba está restrito à faixa litorânea e seu crescimento está fortemente condicionado à valorização das paisagens tropicais litorâneas, destacando-se extensos trechos de praia, e à construção da infra-estrutura para dar suporte à demanda turística.

Os municípios litorâneos priorizam essa atividade, e a iniciativa privada tem assumido papel de empreendedor da hotelaria e dos serviços turísticos. Tudo isso vem sendo realizado deixando à margem comunidades ou colônias de pescadores. Não iria ser diferente em Quixaba, onde os residentes se antecipam e passam a oferecer serviços para inibir a entrada de serviços externos. “Aqui o turismo será diferente do de Canoa Quebrada”, afirmam os residentes.

A comunidade sabe que é inevitável a adoção de novas tecnologias no turismo alternativo, sabem que os turistas estão comprando e por isso são exigentes, e assim procuram capacitar-se para oferecer serviços de qualidade. Na figura 56, veem-se barracas de palha (ou palhoças), onde é vendida a água de coco.



**Figura 56:** Palhoças em Quixaba  
**Fonte:** Souza Neto, 2010

Os fluxos turísticos se intensificam nos últimos anos, trazendo para Canoa Quebrada milhares de pessoas, e algumas delas têm como último destino, a comunidade de Quixaba.

O turismo de massa tem se caracterizado por ser degradador do meio ambiente e descaracterizador de culturas tradicionais. Ao produzir imagens estereotipadas no processo de globalização, fomenta-se a destruição de singularidades paisagísticas e culturais, estabelece-se integração seletiva e hierarquizada de lugares, além de deixar alguns lugares marginalizados da

atividade. Estabelece competição desigual entre empreendimentos internos e investimentos externos.

Os impactos do turismo de massa em processo autofágico, como o de Canoa Quebrada, têm destruído recursos da natureza, paisagens, urbanizado praias, desvalorizado culturas tradicionais e exigido reordenação de política. Paralelo a esse eixo, ergue-se o turismo comunitário que, embora nos primeiros passos, envolve moradores locais que tentam evitar os impactos ambientais causados com as construções dos megaprojetos. Algumas comunidades sentem-se impotentes frente ao avanço dos empreendimentos capitalistas. Outras agem fortalecidas, estabelecendo resistências ao turismo de *resorts* de megaempreendimentos, o que representa desafio aos residentes.

Para que ocorra desenvolvimento socioeconômico nas comunidades é fundamental a participação local, maiores oportunidades de participação efetiva das famílias. Significa encontrar condições para que as comunidades desenvolvam seus potenciais, sendo sujeito de seu desenvolvimento, que passem a gerenciar os recursos, tomem decisões e controlem as atividades que afetam vidas e economias.

Quixaba possui beleza natural com pouca interferência do homem, com ciclos pouco modificados. A originalidade encontrada nesta comunidade torna-se atrativo para quem a visita. Diz Mendes (2006, p.60) que:

O aparente é a sedução da paisagem, mas na essência a sedução maior é do próprio capitalismo que induz todos ao consumo, transformando tudo em mercadoria ou produto turístico. Daí questionar-se: será que há atração da paisagem litorânea? Ou esta atração foi produzida pelo marketing turístico, induzindo nas pessoas o desejo de ir ver o que se torna banal?

A sedução da paisagem atraiu para Quixaba grileiros de terra, pois a paisagem nativa é fonte de interesses dos que promovem o turismo de massa, que expropriam terras tendo em vista a renda da mesma. Porém, para combater o avanço do capital, a comunidade, a partir da Associação dos Moradores, promove o turismo alternativo, de caráter solidário, coloca em evidência as ações promovidas pela comunidade.

Alguns moradores acreditam que empreendimento externo não oferece condições de oferecer desenvolvimento local, como é prometido, que o turismo convencional não beneficia pescador. O conflito pela terra com grileiros, especuladores e empresas imobiliárias incita ações de resistência aos grandes empreendimentos.

As políticas de turismo comunitário são apoiadas por Organizações não-Governamentais que contribuem para a implantação de pequenos negócios, além de contribuir com o marketing turístico dos lugares, atraindo os turistas às comunidades. Nesse sentido, acreditam que se torna mais fácil, criar laços de comunicação e respeito mútuo entre turista e morador, sendo as relações mais solidárias e pessoais, diferente dos serviços convencionais onde as relações são impessoais e distantes. O Instituto Terramar é a ONG que contribui com a implantação e o desenvolvimento do turismo comunitário em Quixaba, a exemplo de Prainha do Canto Verde.

Analisar o desenvolvimento do turismo em Quixaba exige a compreensão da gestão comunitária é uma ação política, na medida em que busca atingir objetivos em grupo, a medida que organiza e alcança a coesão da comunidade para garantir a permanência no lugar. É importante compreender que o desenvolvimento do turismo pelas comunidades é instigado pelo modismo que faz crer que o turismo deve chegar a todo litoral, que ele é gerador de emprego e renda e que a pesca e a agricultura que mantinham a sobrevivência das comunidades são atividades “decadentes”. Acredita-se que essas alegações não procedem, o turismo não resolve todos os problemas das comunidades, não pode e nem deve chegar a todos os lugares e não é, em última instância, distribuidor de renda. Gerar tem gerado, mas, na maioria das vezes, fica concentrado, e Aracati não é exceção.

#### 4. CONCLUSÕES

O pensamento inicial que fundamentou a realização desta pesquisa foi o de que os processos de produção e apropriação do espaço pelo turismo resultam das relações Sociedade e Natureza. Esse pensamento propicia o entendimento em que o espaço de Aracati é produzido, enquanto objeto material de relações sociais, ou seja, Aracati é uma abstração.

As políticas públicas de turismo marcam o reordenamento e a (re)estruturação socioespacial de Aracati, as obras implementadas abrem novos postos de trabalho, ampliam-se os serviços urbanos e as atividades relacionadas diretas e indiretamente ao turismo, com apoio de órgãos governamentais e instituições privadas. Alguns megaempreendimentos em Aracati dominam a cadeia produtiva do turismo, não promovendo abertura no mercado de trabalho para as pessoas da comunidade, e isso tem sido criticado por pessoas conscientes que buscam o desenvolvimento na escala humana.

Pode-se concluir que o processo histórico cultural de Aracati foi base para a atividade turística, as formas coloniais tiveram funções recriadas para atender àqueles que visitam a Sede Municipal de Aracati, em especial veranistas e turistas. A tentativa de manutenção do Patrimônio Histórico Cultural encontra guarida no turismo, que precisa preservar seu patrimônio para atrair visitantes, e reforça sua importância no processo de formação territorial do município.

Os fluxos turísticos estão direcionados, em sua maioria, à praia de Canoa Quebrada que se tornou conhecida internacionalmente e oferece serviços de qualidade em nível de lugares turísticos internacionais. Ali se encontram restaurantes especializados em culinária internacional. Pode-se afirmar que Canoa Quebrada encontra-se no nível de oferta turística

correspondente a Jericoacoara, no Ceará, Pipa, no Rio Grande do Norte, Porto de Galinhas, em Pernambuco, dentre outras praias internacionalizadas e que atendem ao turismo globalizado.

Em Canoa Quebrada, os espaços foram capturados pela lógica do mercado. A intensa comercialização de terra e serviços e a especulação imobiliária são hegemônicas. Assim como nas áreas urbanas, o espaço recriado de Aracati fragmentou-se e globalizou-se, passando por hierarquização. Isso ocorreu em meio a conflito de interesses, e assim o que parece positivo para uns é visto como negativo para outros. Portanto, não se pode falar apenas de aspectos negativos, uma vez que os positivos também estão presentes.

Canoa Quebrada, o núcleo que atrai e encanta turistas de todo o país e do mundo, serve de laboratório para pesquisadores, pois ali a efervescência de atividades, relações sociais, representações e signos que são criados e recriados instigam estudos mais profundos para explicação dessa realidade.

A paisagem vira mercadoria, assim como objetos e pessoas. As relações sociais entre produtores de serviços turísticos e turistas, entre capital e trabalho, e as formas de relação sociedade e natureza são as mais diversas e contraditórias. A vida noturna com movimentação em boates e festas, exploração de garotas, uso de drogas compõem o cenário, embora não tenha sido objeto desta investigação. Tudo isso sustenta a imagem de magia e liberdade e são responsáveis pela fama do lugar paradisíaco que é Canoa Quebrada.

O veraneio e a expansão do turismo em Aracati foram fundamentais na valorização dos espaços litorâneos são aqui entendidas como processos sociais, historicamente constituídos, que destacam as belezas naturais, as falésias.

A calma de Majorlândia também contribui para a expansão da especulação imobiliária, pois “a inércia é dinâmica”, como dizia Milton Santos. Majorlândia inseriu-se mais rapidamente no contexto do cotidiano da sociedade

urbana, mas o processo continua em expansão é irreversível. De receptáculo de dejetos a lugar do lazer, novos significados atribuídos às praias despertam aos que habitam nas metrópoles o desejo de consumir o espaço litorâneo. Assim, Majorlândia é recriada e, de local de segundas residências, avança para lugar turístico, apoiada por projetos de governo e pela expansão de obras de infraestrutura e implementação de políticas privadas.

A intensificação do turismo de massa que cooptou as comunidades tradicionais de Canoa Quebrada e Majorlândia, descaracterizando-as e impondo a perda da identidade tradicional, certamente chegará às demais praias. As redes de *resorts*, cadeias de hotéis, restaurantes, bares e outros serviços essenciais a lazer e turismo aperfeiçoam serviços, atendendo às exigências da demanda.

A luta por apropriação e reapropriação do solo de forma lícita ou ilícita, promove risco ao meio ambiente, ocasiona conflitos sociais e estimula lutas de nativos que resistem e promovem políticas alternativas. Comunidades passam a investir na atividade turística, com organizações comunitárias e solidárias, quando melhoram as condições de vida na comunidade, demonstrando assim, que políticas podem melhorar a qualidade de vida das comunidades, como acontece em Quixaba.

Algumas comunidades que apresentam resistência ao turismo excludente tornam-se casos de sucesso, mostram que são necessárias mudanças na formação e execução de políticas públicas territoriais, para que possam promover bem-estar do turista e das comunidades receptoras. Quixaba demonstra que o turismo comunitário é uma forma de resistir ao avanço dos grandes empresários do setor. E assim o turismo de comunidades, como o de Quixaba serve de marco na formação de pessoas cidadãs, que entendem que a natureza e a cultura são bens inalienáveis, e lutam contra a exploração exacerbada da natureza e das pessoas. Pessoas conscientes, esclarecidas e capacitadas tornam possíveis as mudanças socioterritoriais em comunidades. As comunidades se dão o direito de sonhar com um turismo menos concentrador e mais solidário, no qual costumes e cultura sejam respeitados e a natureza utilizada com ética, cumprindo os princípios da ecologia.

Assim, Canoa Quebrada, Majorlândia e Quixaba são marcos da produção espacial pelo turismo, pautadas nas ações políticas dos Governos, na expansão imobiliária, liderada pela iniciativa privada e pela resistência ao turismo de luxo pelas comunidades e promoção do turismo comunitário.

## 5. BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5ed. Brasília: Editora UnB, 1963

AMORA, Zenilde Baima. **As transformações da indústria de Fortaleza face à política de industrialização do Nordeste**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1978.

ANDRADE, F. Alves. Geografia Ativa do Pastoreio: a problemática zootecnica frente a estrutura agrária. In: **Revista do Instiuto do Ceará**. 1974.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ASSIS, L. Francisco de. Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. In: **Revista Território**, Rio de Janeiro, Ano VII, nº. 11, 12 e 13. set./out., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade**: para uma teoria geral da política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do Espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRAGA, Renato. Um capítulo esquecido da economia pastoril do Nordeste. In: **Cultura Política**, ano IV, nº 38. Rio de Janeiro, 1944.

BRASIL, República Federativa do. Banco Nacional de Desenvolvimento Social. In: **Caracterização, análise e sugestões para adensamento das políticas de apoio a apls implementadas nos Estados**. BNDES, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTRO, Iná Elias. CORREA, Lobato. GOMES, Paulo César (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_, **Geografia e Política: território, escala de análise e instituições**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

CEARA, Governo do Estado do. **Rede Hoteleira do Interior do Estado do Ceará**. Fortaleza, SETUR, 2010.

\_\_\_\_\_. **Números da Atividade Turística 2009**. Fortaleza, SETUR, 2010.

CIRINO, Carlos Alberto Marinho. **Pescadores em terra – O caso de Canoa Quebrada. O imaginário no processo de transformação de uma colônia de pescadores do litoral cearense**. Fortaleza, 1990, 96p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará.

CORIOLOANO, Luzia Neide (Org.) **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE, 2003

\_\_\_\_\_. **Turismo e Geografia: Abordagens Críticas**. Fortaleza: EDUECE, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. A Geografia do turismo no Brasil: uma abordagem centrada na Região Nordeste. In LIMA, L C. **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998. P. 340-355.

DAGNIES. Jérémy, Le vécu des professionnels du tourisme wallon impliqués dans la fabrication d'une démarche qualité. In :. **Pyramides**. Les réformes de l'administration vues D'en bas - volume II. Bruxelas, 2009.

DANTAS, E. W. C. **Mar à Vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**: Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura e Desporto, 2002.

DANTAS, Shirley Carvalho. **Turismo, produção e apropriação do espaço e percepção ambiental: o caso de Canoa Quebrada, Aracati, Ceará**. (Dissertação de Mestrado). PRODEMA, 2003.

DAVIS, Mike. **Cidades mortas**. Rio de Janeiro: Record, 2007

DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994.

ELIAS, Denise. A modernização da produção agropecuária. In: ELIAS, Denise (org.). **O novo espaço da produção globalizada**. Fortaleza: FUNECE, 2002.

FRATUCCI, Aguinaldo César. Os Lugares Turísticos: Territórios do Fenômeno Turístico. In.: **Revista GEOgraphia** – Ano II – Nº 4. Niterói, 2000. Pag. 121-133.

GIRÃO, Raimundo. (1986), **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza, BNB. 1986.

\_\_\_\_\_, **Fortaleza e a Crônica Histórica**. Fortaleza. Edição UFC – 1989.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **Da conquista à implantação dos primeiros núcleos urbanos na capitania do Siará Grande**. In: SOUZA, Simone (org.). História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996.

GUERRA, A.J.T. Processos Erosivos nas Encostas. In: **Geomorfologia - Exercícios, Técnicas e Aplicações**. Orgs. S.B. Cunha e A.J.T. Guerra. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2.ed. 2002. p. 139-155.

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. À guisa de introdução – o espaço nordestino: o papel da pecuária e do algodão. In: SOUZA, Simone (org.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.

JUCA NETO, Clovis Ramiro. Primórdios da rede urbana cearense. In. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 08, número 16, 2009.

KRIPENDORF, Just. **Sociologia do Turismo**. Trad. Contexto traduções. São Paulo: Aleph, 2009.

LEAL. Hélio Albuquerque. **Singelo Documentário de Alguns Atentados ao Patrimônio Cultural da Cidade de Aracati** – 1940/94. Fortaleza: Unifor, 1995

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Política**. Trad. Maria Margarida de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, L.C. Produção do espaço, sistemas técnicos e divisão territorial do trabalho. **Scripta Nova**, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (63), 2002. [ISSN: 1138-9788] <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-63.htm>

LIMA, Luiz Cruz; SILVA Ângela M. F. **O local globalizado pelo turismo: Jeri e Canoa no final do século XX.** Fortaleza: EDUECE, 2004.

LUCHIARI, M. T. D.: **Urbanização Turística:** um novo nexos entre o Lugar e o mundo. In: Luiz Cruz Lima (org.). *Da Cidade ao Campo: A Diversidade dosaber-fazer turístico.* Fortaleza-CE: UECE. 1998

MADRUGA, A. Moacyr. **Litoralização da Fantasia da Liberdade a Modernidade Autofágica.** (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 1992.

MANN, Michael. O poder autônomo do Estado: suas origens, mecanismos e resultados. In HALL, John (org.). **Os Estados na história.** Rio de Janeiro, IMAGO, 1992

MORAES, Antonio Carlos, COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia crítica:** a valorização do espaço. São Paulo: editora HUCITEC, 1984.

MULLER, Pierre. **Les politiques publiques.** 4<sup>a</sup> Ed. Paris: Universitaires de France, 2000.

MORAIS, PINHEIRO e CAVALCANTE. **Dinâmica Costeira.** In: ELIAS, Denise (org.). *O novo espaço da produção globalizada.* Fortaleza: FUNECE, 2002.

OMT. **National and regional tourism planning:** methodologies and case studies. Cornwall (UK): International Thomson Publishing Inc, 1994.

PARENTE, J., ARRUDA, J. M. (orgs.). **A era Jereissati:** modernidade e mito. Fortaleza, Fund. Demócrito Rocha, 2002.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **Veraneio marítimo e expansão metropolitana no Ceará.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

POMPEU SOBRINHO. T. Etymologia de Algumas Palavras Indígenas. **Revista do Insituto do Ceará,** 33, p. 208-227, 1919.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo:** período colonial. São Paulo: Brasiliense, 1973

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACATI. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracati - PDDU.** Aracati, 2000.

QUEIROZ, A. F. de S.; Celino, J. J. (Org.). **Avaliação de ambientes na Baía de Todos os Santos: aspectos geoquímicos, geofísicos e biológicos.** Salvador: UFBA, 2008.

QUEIROZ, Odaléia Telles. Atividades Turísticas e Recursos Naturais. In: QUEIROZ, Odaléia Telles (org). **Turismo e ambiente:** temas emergentes. Campinas, São Paulo: EditoraAlínea, 2006.

QUINTILIANO, Aridenio Bezerra. **Reestruturação socioespacial do Ceará: estado, política e sociedade.** 2008. 181f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fortaleza, 2008.

QUINTILIANO, A. B.; LIMA, Luiz Cruz. **Reestruturação socioespacial do Ceará: ações do Estado.** 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder.** São Paulo, 1993. São Paulo: Editora Ática, 296p.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Espaço.** Rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Ensaio sobre a urbanização latino-americana.** São Paulo, Editora HUCITEC. 1982. 194p.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** São Paulo: Edusp, 2002. 236 p.

\_\_\_\_\_. **Economia Espacial: críticas e alternativas.** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2003. p. 187-204.

\_\_\_\_\_. **A urbanização Brasileira.** 5ª ed. São Paulo, Edusp. 2008.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem.** 5 ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SEABRA, Odette C. de Lima. **A muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano.** Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP. 122 f. São Paulo, 1979.

SOARES JUNIOR, A. T. P. **A espacialidade do vilegiaturista marítimo em Fortaleza-ce: praticas e transformações recentes.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOUZA, Marcos José Nogueira de. **Bases naturais e esboço do zoneamento geoambiental do estado do Ceara.** In: LIMA, Luiz Cruz. **Compartimentação Territorial e gestão regional do Ceará.** Fortaleza: FUNECE, 2000.

STUDART FILHO, Carlos. **Página de história e pré-história.** Fortaleza: Editora Instituto do Ceará: 1966.

TENDLER, Judith. **Bom governo nos trópicos – uma visão crítica.** Revan, Brasília: Enap, 1992.

TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada.** São Paulo: Roca, 2001.

VASCONCELOS, F. P. **Gestão Integrada da Zona Costeira**: ocupação antrópica desordenada, erosão, assoreamento e poluição ambiental do litoral. Fortaleza: Premium, 2005

VIEIRA JUNIOR. Antonio Vieira. O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850). In.: **Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 2002.

#### **Outras Fontes de Pesquisa:**

<http://www.aneel.gov.br>

<http://portal.iphan.gov.br>

[www.pousadadosventos.com.br](http://www.pousadadosventos.com.br)

[www.longbeachcanoa.com](http://www.longbeachcanoa.com)

[www.canoabrasil.com/majorlandia/pousadas-majorlandia-ceara-brasil-php](http://www.canoabrasil.com/majorlandia/pousadas-majorlandia-ceara-brasil-php)

<http://www.canoabrasil.com/majorlandia/index.php>

[www.rotairoceara.uol.com.br](http://www.rotairoceara.uol.com.br)

[www.portalcanoaquebrada.com.br](http://www.portalcanoaquebrada.com.br)

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[www.seturce.gov.br](http://www.seturce.gov.br)